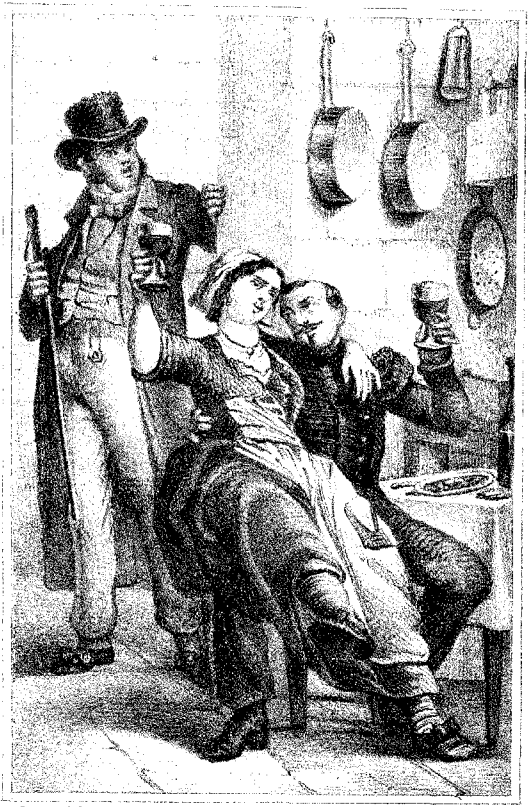
BIBLIOTHECA POPULAR

UM HOMEM ATRIBULADO

OBRAS PUBLICADAS DE PAULO DE KOCK

O sr. Choublanc procurando sua mulher...	1	vol.
A menina das tres saias.....	1	»
O sr. Cherami.....	2	»
As mulheres, o jogo e o vinho.....	1	»
A verêda das ameixas	1	»
A dama dos tres espartilhos	1	»
Os sete bagos d'uva	1	»
O amor que acaba e o amor que começa....	1	»
A menina bonita do arrabalde.....	1	»
A baroneza Blaguiskof.....	1	»
Os pequenos regatos formam grandes ribeiros	1	»
O professor Ficheclaque.....	1	»
O burro do sr. Martinho.....	1	»
O bandido Giovanni.....	2	»
Florentina.....	1	»
O neto de Cartouche.....	1	»
A viuva Tapin.....	1	»
As meninas da agua-furtada	1	»
Um homem atribulado.....	1	»



Serrano lith. Lith. de Lopes, Pass. N.dos N.os 2

THEOPHILO ENTRA NA COSINHA.

PAULO DE KOCK

UM HOMEM ATRIBULADO

EDITOR E TRADUCTOR

J. A. Xavier de Magalhães

Lisboa
TYPOGRAPHIA DE SALLES. LARGO DE S. DOMINGOS N.º 17
1868

I

NA ESCADA

Um dia... não, era uma noite; ponhamos isto ao nascer da aurora, com medo de nos enganarmos; n'uma casa situada na extremidade do arrabalde de S. Martinho, e quando dizemos na extremidade, entendemos por isto que era proximo da barreira, as explicações são sempre boas; um homem entre duas edades, mas mais proximo da segunda que da primeira, corria pela escada, batia á porta dos visinhos, descia ao pateo, chamava pelo porteiro, e fazia emfim quanto podia para despertar todos os inquilinos, gritando:

—D'esta vez é que é... quero dizer, não tarda que o não seja... Ó minha esposa! até que a final! depois de dezoito annos de casamento!... ha quem o seja logo no primeiro anno; mas como diz o proverbio: mais vale tarde que nunca... Vejamos se elles acordam... preciso que alguem me auxilie... pois só não me saberei desenvolver.

E o sr. Tamponnet, é este o nome d'este individuo, continuava a descer, a subir, a lamentar-se;

a soltar exclamações. Na desordem do seu espirito, na sua perturbação, depois de ter batido n'um andar, não dava o tempo preciso para se lhe abrir; impacientava-se e descia ou subia a escada, de sorte que já alguns visinhos tinham ido abrir a porta, e não encontrando pessoa alguma, haviam-na fechado com mau modo, dizendo comsigo:

—*Então não sonhei que batiam?*

Entretanto, no quinto andar, proximo da agua-furtada, o sr. Tamponnet tem batido, e antes que tenha tempo de descer, abre-se-lhe a porta; morava ali um velho poeta. N'este tempo os poetas habitavam muitas vezes proximo dos telhados. E' por isso sem duvida que Béranger disse:

Aos vinte annos vive-se bem n'uma mansarda.

Mas este poeta, que chegara aos sessenta, e que era magro como o cavalleiro da Triste-Figura, não parecia estar ali muito satisfeito; apparece resmungando, não em *habitos menores*... mas embrulhado n'um roupão que se assemelha como duas gotas d'agua a um cubertor de lã, e que, provavelmente, exercia tambem estas funcções. Vestido com esta simplicidade, e com uma toalha enrolada na cabeça, em forma de turbante, este senhor que tem o aspecto de um mercador de tamaras, diz asperamente áquelle que o tem incommodado:

—Que me quer tão cedo? o que precisa?... o senhor faz um barulho insupportavel!

—Ah! sr. Museo! se soubesse... estou tão contente!... Quanto lhe agradeço de me abrir a porta... não sei o que tem a gente d'esta casa; dorme

tão profundamente!... Ninguem me responde, nem mesmo Dupont, o porteiro... Parece-me entretanto que não deveria já dormir, já desponta a aurora.

—E' que provavelmente o porteiro não tem sido sempre virtuoso.

—Não comprehendo.

—Nem é obrigado a isso... Emfim, visinho, para que me veio acordar?... Isto é, eu tinha já um olho aberto, porque compunha a quarta copla do romance que hei-de mandar para o *Almanak das Musas*... O assumpto é a morte de *Pyramo* e *Thisbé*... sabe que estes dois amantes mudaram a côr ao fructo da amoreira...

—Não, visinho, não sei isso... mas não é do fructo da amoreira que se trata n'este momento, é do meu... Ah! sr. Museo! depois de dezoito annos de casamento!... agora é que o sou!

—E'... o quê?

—O quê! pae... parece-me que isto não custa a comprehender-se.

—Perdão... o senhor disse: «Agora é que o sou!» poder-se-hia pensar outra coisa... Emfim, é pae, muito bem, dou-lhe os parabens; mas parece-me que não havia necessidade de vir bater-me á porta tão cedo para me dizer isso...

—Como! pois ainda lh'o não disse? a coisa por emquanto não está terminada... A minha querida Aldegonda está com as dores, e vejo-me só... Despedi a creada ante-hontem por causa de um caldo de miolo de pão que não ficou á vontade de minha mulher, e agora vejo-me n'este embaraço. Eu

bem lhe tinha dito: «Aldegonda, é melhor não despedirmos a creada; se ella não sabe fazer caldos, em compensação, faz excellentes *ommelettes soufflées*... e é este um *piteo* de que eu gosto muito.» Mas minha mulher não me attendeu, e agora eis-me só com ella!... Ora, eu que não posso ouvir miar um gato, como hei-de ter animo de lhe prestar soccorro... E' preciso uma mulher, uma parteira, alguem emfim... Se o sr. Museo me fizesse o favor de ir chamar uma parteira...

—Parece-me que o porteiro pode muito bem ir chamal-a...

—Mas se elle dorme, senhor, se aquelle bruto, aquelle animal não quer acordar! Sr. Museo, o senhor será o segundo pae de meu filho; elle lhe deverá tambem a vida...

—Emfim, já que não pode ser de outro modo, vou-me vestir, e já desço... Espere-me lá em baixo, não me demorarei.

O velho poeta entra no seu quarto. O sr. Tamponnet desce, e d'esta vez puxa ainda pelos cordões das campainhas. No segundo andar abre-se de repente uma porta e uma mulher gorda, couraçada com uma camisola e tres penteadores, se apresenta armada de uma vassoura, que ergue sobre a cabeça do sr. Tamponnet exclamando:

—Quem é o mal creado que toca assim a campainha antes de amanhecer?

Mas reconhecendo o seu visinho, esta mulher

deixa cair a vassoura, a qual tendo já apanhado muitas têas de aranha, tinha quasi a apparencia de uma bandeira.

—Como! sr. Tamponnet, é o senhor que...

—Sim, querida visinha; minha esposa sente-se indisposta... do que vossemecê muito bem sabe... Estou só, não sei o que faça; se me fizesse o favor de ir acompanhar minha mulher... seria o segundo pae... quero dizer a segunda mãe de meu filho...

—Ah! é preciso que eu tenha muito desejo de o obsequiar, visinho, para ceder ao seu pedido. Durmo ordinariamente até ás nove horas, não são mais de cinco, faltam-me por consequencia quatro horas de repouso.

—Depois dormirá dois dias seguidos, visinha...

—Pois vou vestir-me; vou pôr um espartilho, e já subo a sua casa.

—Por favor, visinha, não ponha espartilho, assim está perfeitamente...

—Ah! sr. Tamponnet, não me olhe, eu lh'o rogo, não me faça córar... Nunca homem algum me viu sem espartilho... deixe-me entrar, visinho... não me olhe, eu lh'o rogo, não me olhe, vae fazer-me tornar como uma cereja!

A gorda visinha entra para casa. O sr. Tamponnet sorri maliciosamente, dizendo comsigo:

—Repetiu-me tres vezes: «Não me olhe!» Mas era para que eu a olhasse... soppunha talvez que me tentava... não é de appetecer... tem uma gordura demasiada... Mas infeliz, em que estou a pen-

sar... quando minha esposa soffre para me fazer pae! Vejamos outra vez se o porteiro acorda.

O sr. Tamponnet desce ao pateo e chama pelo porteiro; este apparece emfim e diz bocejando:

—Temos fogo no predio?... Onde vae o senhor?... que me quer?... Não estão em casa... saíram!

—Vamos, meu bom Dupont, acorde... vossemecê ainda está meio adormecido... Grande novidade, Dupont! grande novidade!

—Ah! é o sr. Tamponnet! o inquilino do terceiro andar... Que succedeu, sr. Tamponnet, para fazer uma gritaria tão grande?

—Minha esposa vae ter um filho.

—Um filho! e de quem? de quem?

—De quem ha-de ser senão meu? vossê tem perguntas... Se não fosse tão cedo acreditaria que já tinha bebido! Diz coisas estupidas!

—Não vejo nada estupido no que acabo de dizer!...

—Pois sim, sim, vôja se vae n'um instante chamar a parteira, vossê deve saber onde ella mora. Vá depressa, que lhe hei-de dar um copo de *kirch*, d'aquelle velho *kirch* que tem vinte annos de engarrafado.

O porteiro, que tem grande fraqueza pelo *kirch*, apressa-se então a vestir-se e sae dizendo: «O senhor me substituirá emquanto eu não vier.

E foi uma felicidade Dupont encarregar-se d'esta commissão, porque a gorda visinha do segundo andar, tendo a infeliz idéa de se lançar sobre a ca-

ma, não tarda a deixar cair a cabeça sobre o travesseiro, e a adormecer para recobrar as horas de repouso que lhe faltavam.

Quanto ao sr. Museo, entrando no seu quarto, achara o primeiro verso da quarta copla do seu romance sobre *Pyramo e Thisbé*, e buscando o segundo, esquecera totalmente que devia servir de segundo pae ao filho do seu visinho.

II

A ESCOLHA DE UM NOME

Agora deixemos passar a primeira infancia do nosso heroe, o filho d'esse homem que o leitor viu correr pela escada no primeiro capitulo d'este romance.

Diremos unicamente que lhe tinham posto o nome de Theophilo, apesar das reclamações de sua mãe, que queria por força que seu filho se chamasse Ludovico, como um dos seus primos que era muito bonito rapaz.

Mas o sr. Tamponnet que tinha a pretenção de ser um homem versado em litteratura, quiz absolutamente que o seu descendente tivesse o nome que escolhera, nome derivado do grego, e dizia: «Elle dará felicidade ao pequeno; será amado dos deuses! o seu nome tem esta significação.

O sr. Museo tentou em vão fazer comprehender ao seu visinho, que Theophilo significava, em gre-

go, amigo dos deuses; o sr. Tamponnet persistiu na sua opinião. O velho poeta tinha aconselhado que se pozesse á creança o nome de Felix. Isto em latim significa feliz, e o latim vale bem o grego; alem d'isto, Felix é um nome bonito, suave á pronuncia, harmonioso ao ouvido, e menos extenso: o que é bem vantajoso para um nome, pois não o expõe a ser desfigurado, principalmente pelos creados que o annunciam n'uma sala; e citava para exemplo um homem que tinha sido baptisado com o nome de Vercingetorix, e que toda a sua vida as creadas e os porteiros tinham chamado sr. Vem-São-João-Tu-Ris.

Mas o sr. Tamponnet respondera ao velho poeta:

—Deixe-me com o seu Felix; pois não sei o que elle tenha de feliz! Tenho conhecido dois Felix; um depois de ter sido corretor de commercio, acabou por andar a abrir as portinholas das carruagens; o outro, aos trinta annos, tinha uma perna de pau e um olho de menos. Se é isto que chama ser feliz, ambiciono outra coisa para meu filho.

A visinha gorda, recordando-se que a tinham acordado em quanto a creança nascia, tinha proposto que se lhe desse o nome de Morpheo.

Emfim, como o porteiro se lembrava das evoluções do sr. Tamponnet, fôra de opinião que ella se devia chamar *Patamar*.

O nome de Theophilo prevaleceu; o sr. Tamponnet sentia-se feliz e tinha orgulho quando dizia: «Onde está meu filho Theophilo?

E entretanto, como não tinha outro filho, teria podido dizer simplesmente: «Onde está meu filho? Vem, meu filho!» Mas ha pessoas que não ficariam satisfeitas se não pronunciassem o nome dirigindo-se a alguem, ainda mesmo que este *alguem* as toque de muito perto.

Temos ouvido muitas d'essas mulheres que teem um balcão, dizerem a seus maridos:

—Sr. Bento, queres jantar?

—Sr. Bertrand, está ali um sujeito que dèseja fallar-te.

Isto é ao mesmo tempo terno e respeitoso.

III

O SR. MUSEO

O joven Theophilo tinha olhos pequenos, nariz grosso, bocca de orelha a orelha, testa em forma de arco, dentes um pouco curtos, orelhas um pouco compridas e cabello um pouco crespo.

Tudo isto não podia formar um conjuncto muito seductor; nem é provavel que os pintores que vissem esta creança pedissem a seus paes a permissão de fazerem d'ella um modelo para um amor.

Entretanto, como havia na sua physionomia alguma coisa que annunciava doçura, bondade, emfim o que constitue em geral um caracter agradavel, o joven Theophilo não parecia muito feio, e

mesmo não desagradava. Tanto é verdade que a expressão da physionomia seduz muito mais que a perfeição ou a regularidade das feições; poderiamos citar cem exemplos, mas não os citaremos.

Quanto aos paes de Theophilo, inutil é dizer-se que achavam seu filho bello, encantador, magnifico.

Feliz previlegio do amor paternal e maternal, que dá a belleza, que prodigaliza os attractivos, as graças áquelles a quem temos dado a existencia! E este amor é o unico verdadeiro, o unico puro; porque o tempo não lhe tira coisa alguma da sua força; os nossos filhos crescem, tornam-se bellos, envelhecem, mas nunca se fazem feios... para nós, se entende.

Aos seis annos Theophilo perdeu seu pae. A sr.ª Tamponnet que havia sido sempre affeiçoada a seu marido, concentrou então em seu filho toda a sua ternura. Esta senhora que não fôra mãe senão aos trinta e nove annos, tinha pois quarenta e cinco quando morreu seu esposo; não tendo sido nunca namoradeira, não lhe veio á idéa começal-o a ser tão tarde; o que acontece algumas vezes ás mulheres que lamentam não o ter sido mais cedo.

A sr.ª Tamponnet não se occupou portanto senão de seu filho, que era a sua joia, o seu idolo, a sua gloria. Começou por não querer separar-se d'elle, por consequencia nem mesmo o poz no collegio. Havia talvez n'este amor um pouco de egoismo, porque é raro que as educações particulares valham aquella que se recebe nas escolas. Depois

os rapazes, vivendo uns com os outros, aprendem mais cedo a ser homens.

Entretanto, como a sr.ª Tamponnet não queria que seu filho ficasse um ignorante; como esperava, pelo contrario, que elle um dia pelo seu talento, espirito o conhecimentos, tornaria o seu nome celebre, e ella não se achava nas circumstancias de fazer a sua educação, pensou em dar a seu filho um preceptor, ou antes um professor.

O velho poeta, o sr. Museo, morava ainda no quinto andar, no mesmo predio que a sr.ª Tamponnet; as Musas não haviam tratado favoravelmente este velho alumno do Pindo, não obstante ter-se alojado o mais proximo possivel do Empyreo, esperando sem duvida que as inspirações lhe chegassem ali em primeira mão.

O sr. Museo nunca podera terminar a quarta copla do seu romance sobre *Pyramo e Thisbé*, e culpava o seu visinho Tamponnet, que o havia interrompido quando o seu cestro estava mais animado. Não conseguindo comprar uma camisa com o producto dos seus versos, e vendo que o seu cubertor de lã ameaçava não poder continuar a resguardar do frio mais do que uma parte do seu corpo, o velho poeta entendera dever pensar em escolher outro meio de ganhar a vida; tinha pois annunciado ao porteiro Dupont que ia dar licções de francez, de latim, de historia e de versificação a creanças dos dois sexos, rogando-lhe que expalhasse esta noticia no predio e na rua, afim de lhe arranjar discipulos.

Depois, entrando em casa, o velho poeta escrevera n'um quarto de papel:

«*Museo, professor de francez, de latim, de versificação, de uma multidão de coisas... tanto em sua casa, como fóra, pago ás lições ou aos mezes; preços moderados.*»

Depois fixara este papel do lado exterior da porta da sua morada dizendo: «Agora esperemos os discipulos; com certeza deve vir um grande numero d'elles.

Entretanto o tempo decorria e os discipulos não vinham! E' tão raro acreditar-se no talento, quando este tem de se ir procurar n'uma agua-furtada!

Mas quando a sr.ª Tamponnet, já viuva, pensou em dar educação a seu filho, recordou-se do velho poeta, seu visinho, que procurava discipulos, e disse: Não tenho necessidade de ir buscar mais longe um professor para Theophilo, visto ter este debaixo de mão.

Debaixo de mão não era o termo proprio, porque a viuva morava no terceiro andar e o professor no quinto; mas ha como esta uma immensidade de locuções que se empregam mui fóra de proposito. Era preciso, affirma-se, para nunca se dizer uma tolice, voltar-se sete vezes a lingua na bocca antes de se fallar. Isto porem tornar-se-hia bem depressa enfadonho na sociedade, e obrigar-nos-hia a fazer uma multidão de caretas durante uma qualquer conversação.

Tendo recebido aviso da sr.ª Tamponnet para

lhe ir fallar, o velho poeta escovou as calças, escovou a casaca, escovou o chapeu; mas isto com todo o cuidado, porque cada um d'estes objectos estava tão maduro, que um impulso imprudente teria podido levar-lhe um bocado; depois lavou-se, esfregando o rosto com força para tornar a pelle fresca e rosada, e acabando de se preparar, desceu a casa da sr.ª Tamponnet, que saudou respeitosamente; depois teve com ella o seguinte dialogo na *presença do joven Theophilo*, que estava sentado a um canto brincando com soldados de chumbo.

SR.ª TAMPONNET

Sr. Museo, o nosso porteiro disse-me que o senhor mudara de profissão, e que em logar de fazer... coisas... Como se chama o que o senhor fazia, sr. Museo?

MUSEO

Poemas, romances, idylios, emfim, versos, minha senhora.

SR.ª TAMPONNET

Sim... historias. Que tinha desprezado tudo isso, e que buscava creanças para educar.

MUSEO

Minha senhora, eu não renunciei... este termo é mais proprio que desprezar... á felicidade de

fazer versos. Quando se tem nascido poeta, não se pode deixar de o ser... versifica-se mesmo a dormir, se se sonhar... faz-se versos a tudo, e a todos...

SR.ª TAMPONNET

Assim era o meu defunto marido, fazia bosinas com tudo o que encontrava... era uma mania!... Mas ali tem o meu filho Theophilo, tem sete annos... que tal o acha?

MUSEO

Uma bonita creança!

SR.ª TAMPONNET

Uma pessoa da minha amizade disse-me que elle se parecia alguma coisa com Voltaire...

MUSEO

Não vêjo em quê... nas pernas, talvez... Mas brinca com soldados... gostará da vida militar?

SR.ª TAMPONNET

Julgo que sim... Entretanto brinca tambem com carneirinhos de barro e com feijões... Sr. Museo, eu quero que meu filho seja muito instruído.

MUSEO

E tem rasão, minha senhora. Socrates, que o oraculo do Delphos tinha declarado o mais sabio dos homens, queria que unicamente a sciencia fosse um bem, e a ignorancia um mal. Nascido na obscuridade, a sua sabedoria o fez brilhar a cima dos outros homens; a sua perspicacia chegava a ponto de prever o que succederia, de sorte que se lhe atribuiu um demonio familiar que tinha o cuidado de o instruir, que...

SR.ª TAMPONNET

Perdão, senhor... mas em primeiro lugar meu filho não nasceu na obscuridade... veio ao mundo de dia... depois não receio que o meu Theophilo tenha as menores familiaridades com um demonio... É tão innocente! estou certa que lhe bateriam sem elle fazer resistencia alguma.

MUSEO

A senhora não me comprehendeu... eu citava-lhe Socrates... um sabio...

SR.ª TAMPONNET

Não conheço esse senhor... Finalmente, sr. Museo, quero que o meu Theophilo aprenda a ler, a

escrever, a contar, e a fallar de tudo, sem nunca se vêr embaraçado.

MUSEO

Então, minha senhora, quer que elle se torne um segundo *Pic de la Mirandole*, que publicou em Roma um programma de novecentas proposições *de omni re scibili*, que se obrigou a sustentar contra todos os sabios que se apresentassem para as combater.

SR.ª TAMPONNET

Um Pic!... oh! que lembrança!... Fazer de meu filho um Pic!... Obrigado, isso seria bonito! Que seja amavel nas sociedades, e susceptivel de exercer qualquer emprego... mas que não pique ninguem... eis o que lhe peço... Lições grandes... de quarenta soldos cada uma, convem-lhe?

MUSEO

Oh! minha senhora, estou eu em posição de recusar?... É preciso viver, e a fortuna é tão raras vezes companheira do merito... Homero recitava versos para ter pão; Plauto fazia gyrar a mó de um moinho; Vangelas era muito pobre... Tasso, não tendo mesmo com que comprar uma candeia, pedia ao seu gato que lhe emprestasse durante a noite a luz dos seus olhos, e fez sobre este assumpto um bonito soneto que começa assim:

Non avendo candele per iscrivere i suoi versi.

SR.ª TAMPONNET

Desculpe, sr. Museo, mas tudo isso quer dizer que se encarrega da educação de meu filho?

MUSEO

De certo, minha senhora, e amanhã virei dar a primeira lição ao meu interessante discipulo.

O professor inclinou-se e partiu. Então a sr.ª Tamponnet pegou em Theophilo e abraçou-o fortemente exclamando:

— Ah! querido filho! podes lisonjear-te que terás por professor um sabio de primeira força... Mas se elle teimar em querer fazer de ti um Pic, dir-lhe-has que tua mamã o não consente.

IV

EDUCAÇÃO DE THEOPHILO

O professor do joven Theophilo Tamponnet, o sr. Museo, fazia todos os possiveis esforços para bem desempenhar a tarefa de que se havia encarregado. Infelizmente o seu discipulo tinha pouco desejo de se instruir, e apenas via entrar o professor, soltava um grande suspiro, e dizia comsigo: Ah!

quem me dera ser já senhor de mim!... Deve-se ser bem feliz quando se tem a liberdade de se fazer o que se quer.

N'uma creança, fazer-se o que se quer, significa, não se fazer coisa alguma.

E mesmo para muitos homens isto tem a mesma significação. Temos tido em nossos dias numerosos exemplos.

Talvez o velho poeta ensinasse ao seu discipulo muitas coisas ao mesmo tempo, o que confundia o pequenito Theophilo, que applicava a uma coisa o que pertencia a outra. Mas o sr. Museo julgava pelo contrario o seu methodo excellente; quando tinha feito ler ao seu discipulo algumas paginas da licção, dizia-lhe:

—Vamos passar do grave ao ameno!... Vou-lhe ensinar de cór alguns bonitos versos para hoje á sobremesa recitar á mamã .. E para que se não veja em embaraços, no caso que lhe falte a memoria, faça com que ella me convide para jantar, porque então estarei a seu lado, e dir-lhe-hei o que não souber.

Não obstante Theophilo não ter mais inclinação para o ameno que para o grave, não deixava entretanto de dizer a sua mãe:

—Convide o sr. Museo para jantar, mamã, elle ha-de dizer-me uma coisa ao ouvido, que eu depois repetirei de cór para a surprender.

A sr.ª Tamponnet maravilhada de ouvir seu filho recitar-lhe alguma coisa, apressava-se a convidar o professor; este comia como quatro, Theophi-

lo gaguejava á sobremesa uma ou duas decimas, sua mãe chorava de contentamento e todos ficavam muito satisfeitos.

Quando a sr.ª Tamponnet dava um grande jantar ou recebia numerosa sociedade, o que succedia poucas vezes, a não ser no dia dos seus annos, não deixava de convidar o sr. Museo, porque então queria que a instrucção prematura de Theophilo brilhasse quanto possivel.

Acontecia quasi sempre n'estas circumstancias, que o discipulo do sr. Museo ficava estacado no momento de recitar uma fabula ou um soneto; mas então o seu professor recordava-lh'o desde o principio até ao fim; as pessoas que estavam presentes julgavam-se no theatro, onde não é raro ouvir-se a voz do ponto cubrir a do actor, e mostravam-se tão satisfeitas como as que frequentam as platéas.

Entretanto, um dia, um parente affastado da sr.ª Tamponnet, velho satyrico, chocarreiro e pretencioso, que se achava de muito mau humor no fim do jantar, porque em vez de lhe darem uma aza de gallinha, lhe haviam servido a ossada, áttreve-se a dizer á sobremesa:

—Seu filho está já muito instruido, minha querida sr.ª Tamponnet? desejava entretanto que elle nos desse algumas provas da sua erudição... Porque, emfim, ainda agora não sabia dois versos da fabula que nos recitou!...

A este pedido insolente, a sr.ª Tamponnet torna-se vermelha como um camarão e exclama:

—Ah! duvída da instrucção de meu filho, sr.

Morillon!... Eis o que me parece bem singular, depois do que ouviu ha um instante.

—É justamente por só lhe ter ouvido repetir o que o seu professor lhe dizia, que desejava agora que elle respondesse a algumas perguntas sem ninguem o auxiliar.

—Ouve, sr. Museo? exclama a mamã, duvida-se do progresso, dos conhecimentos do seu discipulo!... E' uma affronta que o senhor recebe.

O velho poeta, que durante o jantar tinha abusado um pouco do vinho de Pomard, responde immediatamente:

—Pois bem, que este senhor interrogue o menino Theophilo sobre tudo o que quizer, e elle lhe responderá!

O vinho torna uma pessoa imprudente, e o sr. Museo não tem pensado o que acaba de dizer; felizmente para o filho da sr.ª Tamponnet, o sr. Morillon, antigo mercador de meias, possuia mais factuidade que instrucção, e dizendo-se-lhe que interrogue Theophilo, mostra-se elle mesmo tão embaraçado como a creança para recitar uma fabula.

Mas a sr.ª Tamponnet maravilhada pela resposta do professor, não é mulher que deixe as coisas n'este estado. Olha para o seu parente, que coça na cabeça, na orelha e no nariz, e diz-lhe:

—Vamos, sr. Morillon, interrogue meu filho, auctoriso-o a isso... Direi mais, peço-lhe até.

O sr. Morillon, depois de ter reunido todas as suas recordações escolasticas, toma um ar severo para impôr respeito a Theophilo, e diz-lhe:

—Que homem houve maior que Cesar e Alexandre?

O discipulo de Museo responde sem hesitar:

—*Goliath* que o rei David matou com uma pedra.

Um coro de applausos acolhe esta resposta; o velho poeta esgota um copo de vinho; o sr. Morillon parece surprendido, mas continúa:

—Quem foi o inventôr da polvora?

—De certo que não foi o senhor! responde Theophilo deitando a lingua de fóra áquelle que o interroga.

Os applausos da sociedade redobram. A sr.ª Tamponnet abraça seu filho com orgulho e dá-lhe dez soldos; o sr. Museo despeja outro copo, e o sr. Morillon retira-se de muito mau humor dizendo comsigo:

—Parece que estão todos bebedos.

Este dia acabou de dar á sr. Tamponnet a maior confiança no professor de seu filho; deu-lhe carta branca na escolha das sciencias que devia ensinar ao seu discipulo, augmentou-lhe o ordenado e convidou-o para d'ali em deante jantar todos os dias em sua casa.

Entretanto, quando succedia entrar inesperadamente no quarto onde Theophilo dava as suas lições, a sr.ª Tamponnet encontrava muitas vezes seu filho a jogar o *fradinho de sabugo*, em quanto que o professor, sentado deante de uma mesa, com a cabeça apoiada n'uma das mãos, se obsti-

nava a querer terminar a ultima copla do seu romance sobre Pyramo e Thisbé.

Mas um dia, tendo-se a mãe de Theophilo mostrado admirada do genero de occupação de seu filho, o sr. Museo respondera-lhe logo:

—Minha senhora, as pessoas mais sabias, as pessoas mais instruidas, para descançarem, para darem uma pequena folga á applicação ordinaria de seus espiritos, entregam-se todas a passatempos conforme a diversidade de seus gostos e de seus caracteres. Tycho-Brahé fazia vidros para oculos; Barclay tratava de plantas e de flores; Balzac divertia-se a fazer pastilhas; Galileo lia o Ariosto; Bussy-Rabutin entretinha-se com Catullo, Ovidio e Petronio; Guy Patin escrevia coisas frivolas a seus amigos; o cardeal de Richelieu brincava com os gatos; o grande Frederico tocava flauta; o sr. seu filho pode, por conseguinte, jogar o *fradinho de sabugo*.

Com estas respostas, a sr.ª Tamponnet ficava muda, confusa, humilhada pelo saber do professor; retirava-se recuando para não lhe mostrar senão o rosto, e enviava beijos a Theophilo, dizendo-lhe:

—Aproveita, meu amigo, aproveita... Tu estás em boas mãos... Ah! Deus! como o teu mestre é instruído!

O discipulo aproveitou tanto, que aos quinze annos sabia apenas escrever e não era perfeito em contas; mas em compensação sabia as regras da versificação e fazia soffrivelmente um alexandrino; isto é, nunca fazia mais do que um.

V

O EXCESSO É UM DEFEITO EM TUDO

O professor morreu dizendo ao seu discipulo, que lhe repetia muitas vezes que desejava ser senhor da sua vontade: Meu caro amigo, nunca se tem a certeza de se ser senhor de si; são em geral os acontecimentos que nos fazem obrar e por consequencia, são elles que nos dirigem, emquanto que nós nunca somos senhores dos acontecimentos. Entretanto com uma boa saude, uma honrada abastança e não se tendo ambição, é facil poder-se empregar livremente o nosso tempo.

Depois da morte do velho professor, a sr.ª Tamponnet quiz um dia fazer verificar por seu filho o rol da lavadeira; mas Theophilo, depois de ter estado tres quartos de hora a querer sommar, confessou que lhe era impossivel poder concluir a operação.

Mais tarde, a mãe pediu ao filho que lhe escrevesse uma receita para fazer *plumb-pudding*. Theophilo escreveu sem obstaculo; mas a sua letra era completamente inintelligivel, e a cozinheira a quem se deu a receita, fez um guizado em lugar de um *plumb-pudding*

Aos quinze annos e meio, foi preciso dar a Theophilo um mestre de escripta e de calculo; mas como este não ensinava senão coisas uteis, deu-se-

lhe unicamente vinte soldos por lição, e nunca foi convidado para jantar... *Vanitas vanitatum! Omnia vanitas!*

—Oh! dizia comsigo o joven Tamponnet humilhado; tendo quasi dezoseis annos, ensinarem-me a escrever e a fazer contas! quando eu fôr senhor de mim, deixarei de ter professores e farei emfim todas as minhas vontades.

Entretanto, aos dezoito annos de edade, Theophilo conseguira aperfeiçoar-se na escripta e sabia as quatro operações de inteiros; porque, avançando em edade envergonhara-se da sua ignorancia. E' muitas vezes quando se deixa de ter professores que se começa unicamente a estudar com aproveitamento, porque as lições que qualquer dá a si mesmo são aquellas de que tira melhor resultado.

Mas aos dezoito annos, os mancebos querem instruir-se de todas as maneiras; ha sobre tudo o capitulo dos amores, das mulheres, no qual ambicionam tornar-se sabios. Aos dezoito annos offerecem-se tantos prazeres á juventude; é preciso dizer tambem que a juventude d'este tempo tinha ainda todas as suas illusões, e não se ouviam então homens de vinte e quatro annos exclamar:

—Conheço tudo, sei tudo, tenho gosado de tudo!... A vida não se compõe senão de mentiras! enganos! traições!... estou farto de viver!...

A estes moços velhos, tão enfastiados do mundo, poder-se-hia responder, que o seculo não tem a culpa d'elles terem perdido na devassidão os dentes, o cabello, o appetite e as illusões; mas como

não pretendemos corrigir pessoa alguma, felicitaremos simplesmente os mancebos bastante ingenuos que não perderam as illusões, ainda que devessem ser illudidos. O homem que é enganado é muito mais feliz do que aquelle que em nada acredita.

Theophilo tinha por visinho um mancebo da sua edade chamado Adolpho Badinet; este mancebo corria os theatros, os passeios, os bailes campestres; conhecia floristas, costureiras, bordadoras e mesmo modistas; emfim tinha-se dedicado aos amores e aos prazeres, e, sem ser bonito rapaz, achava facilmente mulheres que lhe correspondiam.

Mais de uma vez tinha dito Badinet ao seu visinho Theophilo:

—Queres-me acompanhar esta noite? vou ao Tivoli. (N'esta epoca havia um bello jardim com este nome, onde se davam brilhantes festas, que terminavam por pantomimas pyrotechnicas.)

Theophilo soltava um grande suspiro e guardava silencio. O seu amigo continuava afim de o decidir:

—Vem d'ahi, que nos divertiremos muito; em primeiro lugar estou certo que havemos encontrar muitas floristas do meu conhecimento, dansaremos com ellas, pagar lhes-hemos capillés... Com um capillé adquire-se facilmente o amor de uma *grisette*... Vem! tu que me tens dito tantas vezes que desejas ter relações com uma rapariga, não terás senão o embaraço da escolha... Então!... o que te detem?

—O que me detem? respondia Theophilo er-

guendo os olhos ao céo. Ah! meu caro Adolpho! se eu fosse senhor da minha vontade como tu és, não hesitaria um instante... mas, ai!...

—Não te comprehendo.

—Vou-me explicar. A tua familia habita no primeiro andar d'este predio, emquanto que tu occupas um quarto do sexto...

—Sim, nas aguas-furtadas, com uma janella para o telhado, mas estou assim mais livre; a minha cama é raro ser feita duas vezes por semana, o meu quarto só é varrido pelo vento que entra pela janella; mas recolho á hora que quero, e algumas vezes mesmo acontece-me não recolher. Ora como a minha familia ignora isto tudo, nunca me ralha, e fica satisfeita vendo-me á hora do jantar, e sabendo que vou bem no meus estudos.

—Pois a mim não me acontece isso: habito no mesmo andar occupado por minha mãe, que é viuva; tenho um bonito quarto, bem mobilado, bem esfregado, bem limpo; a minha cama é feita todos os dias; sou tratado com melindre, acariciado, amimado mesmo até ao excesso; se tusso duas vezes no dia, fazem-me xaropes que me obrigam a beber desde pela manhã até á noite; se me doe a cabeça dão me logo banhos aos pés; se tenho as faces mais vermelhas que de ordinario, applicam-me bichas; emfim, sou o objecto dos cuidados constantes de minha mãe, que tem quasi sessenta annos, e não se occupa senão do seu filho querido; mas esta ternura levada ao excesso, torna-se algumas vezes tyrannia; assim, minha mãe quer que esteja

sempre ali, junto d'ella, que não saia senão na sua companhia, e se lhe falla de almoçar ou jantar fóra de casa, exclama logo:

«—Isso vae fazer-te mal, incommodar-te.»

«Se vou ao theatro e o espectaculo acaba um pouco tarde, minha mãe espera-me á janella, dominada da maior afflicção; se vê passar um *fiacre*, grita, chama-me, pergunta se eu vou ali; finalmente, se formo o projecto de ir a um baile é uma outra historia!

«—Ó filho, olha que tens que voltar pelo meio da noite... arriscas-te a ser assaltado, roubado, assassinado até; falla-se em ataques nocturnos, não quero que saias de casa.»

«Se persisto, minha mãe responde-me:

«—Emfim, como não dormirei antes de teres recolhido, dize-me onde é esse baile, que eu te irei esperar á saída.»

«E como não desejo que minha mãe vá collocar-se de sentinella no quarto de um porteiro juntamente com creados, segue-se que me privo de ir ao baile... Ah! Badinet, se eu gozasse a liberdade que tu gozas, que feliz me consideraria!

O pobre Theophilo era com effeito victima da demasiada affeição de sua mãe. A sr.ª Tamponnet não comprehendia que um rapaz não se deve educar como uma rapariga, e que aos dezoito annos não devia reprimir tanto os desejos de seu filho. Á força de querer a felicidade de Theophilo, tornava-o muito infeliz; privava-o de todos os prazeres da sua edade, não queria entender que aquelle que

se faz homem precisa uma certa liberdade, e que impedindo seu filho de seguir as suas inclinações, os seus gostos, a sua vontade, emfim, acabaria por tornal-o um ser sem força, sem energia, sem resolução, sem coragem; que se a timidez tem graça n'uma mulher, é ridicula n'um homem, e prejudica-o nos seus successos no mundo, onde a fortuna sorri só aos audaciosos.

Ha pessoas que não comprehendem tudo isto, e se limitam a repetir sem cessar: Não quero perder meus filhos de vista, d'este modo terei a certeza de que não farão loucuras!

Triste raciocinio aquelle que repudía toda a confiança! Se os maridos fizessem o mesmo com suas mulheres... como estas viveriam satisfeitas!...

Theophilo quiz entretanto sacudir um pouco o jugo que o impedia de conhecer os prazeres da sua edade: um bello dia acceitou o convite do seu amigo Badinet, foi jantar com elle, depois acompanhou-o ao theatro, e finalmente ao café para jogar ao bilhar e beber ponche; d'este modo só voltou para o domicilio maternal depois da meia noite.

Encontrou sua mãe a chorar na rua, assentada n'um poial; a sr.ª Tamponnet tinha já dado a muitas patrulhas os signaes de seu filho, havia promettido vinte francos de recompensa áquella que o encontrasse, e não obstante a satisfação que sentiu vendo-o voltar, chamou-lhe extravagante, libertino, vagabundo, emfim, gratificou-o com uma multidão de epithetos que provavam toda a inquietação que lhe causara a sua ausencia. Theo-

philo ficou pois de muito mau humor e foi-se deitar dizendo comsigo:

—Que de ralhos! por ter feito o que quasi todos os rapazes da minha edade costumam fazer! Ah! sempre sou muito infeliz em ser tratado com tanto melindre!

No dia seguinte Theophilo achou uma tisana á cabeceira, e uma creada, tendo na mão uma seringa, esperava que elle acordasse para lhe deitar um clyster.

Theophilo quiz lançar a tisana pela janella, e a seringa com a tisana, mas todo o dia foi perseguido por sua mãe que o queria obrigar a beber a tisana, e pela creada que tentava deitar-lhe o clyster. Cançado d'esta perseguição, o mancebo annuiu a tudo o que lhe exigiam; mas não deixou de repetir ainda:

—Que tormento o meu!... A ternura que faz a nossa infelicidade não vale a indifferença que nos deixa em repouso.

E como o pobre rapaz aborrecia os cuidados, as tisanas e os clysteres, privou-se dos prazeres da sua edade, para não se vêr exposto a todos estes incommodos.

VI

NO THEATRO

A sr.ª Tamponnet morreu. Seu filho tinha então vinte e sete annos; n'esta edade um homem é

ainda rapaz... (vemos que o são sempre, e teem muita rasão) mas Theophilo, obrigado a uma vida tranquilla e retirada, havia quasi perdido o gosto por essas loucuras tão naturaes na primeira juventude, e que se fazem ainda na segunda, quando se tem adquirido o habito de as fazer.

Entretanto Theophilo tinha um coração sensivel; este mancebo constrangido até então a reprimir as suas inclinações, podia afinal operar livremente.

Badinet, que continuava a ser amigo de Theophilo, havia comprado um lugar de procurador, o que não o impedia de gosar uma vida tão alegre como na sua primeira juventude; veio procurar o seu antigo visinho e disse-lhe:

—Tu és senhor da tua vontade, possues uma soffrivel fortuna, o que é bastante commodo quando não se deseja fazer coisa alguma; eis o momento de gozares da vida, mas para isso, meu caro Theophilo, não formes o que se chama uma ligação duradoura... nada ha mais perigoso para um rapaz do que possuir uma amante effectiva... não busques nunca ter uma paixão verdadeira... é preciso desconfiar-se muito d'essas paixões... Que um homem namore, que adquira conhecimentos... mas passageiros; finalmente, que ande em redor das bellas, que se mostre amavel com todas, que aproveite as bôas fortunas que se lhe deparam, eis o verdadeiro meio de ser feliz. Mas se te lembrares de querer ser amado verdadeiramente, prepararás uma multidão de tristezas, de contrariedades, de enre-

dos, dos quaes te custará muito a vêr livre; porque ás vezes é mais difficil quebrar-se uma ligação do que formal-a, ainda mesmo que isto seja da vontade dos dois interessados. N'este mundo ha tantas coisas que se continuam a fazer por habito.

Theophilo ouvia Badinet, mas dizia comsigo mesmo quando elle o deixava:

—Tem um singular modo de pensar este rapaz!... diz que é uma loucura buscar-se ser amado de uma mulher, porque provavelmente nunca o poude ser... tendo sido sempre enganado, deseja que os mais o sejam tambem... É ter excessivo amor-proprio. A mim parece-me, pelo contrario, que deve ser mais agradavel inspirar ternos sentimentos... ser o objecto de uma verdadeira paixão.

E, durante algum tempo, Theophilo não vae aos theatros, aos concertos, aos bailes, senão com a esperança de fazer uma conquista; mas não é um bonito rapaz para seduzir á primeira vista, nem mesmo á segunda; não possue um nome conhecido nas artes, uma reputação, coisas que auxiliam muito um namorado, e fazem esquecer muitas vezes a fealdade; emfim não possue uma riqueza tão grande que lhe possa escurecer os seus defeitos physicos e moraes.

Debalde o pobre Theophilo se cançava; quando via uma mulher bonita da qual teria orgulho de se tornar amante, soltava centenares de suspiros, tomava as posições mais graciosas, escarrava, puxava pelo lenço, mas nada conseguia. As conquistas amorosas assemelham-se a uma multidão de favo-

res da sorte que nos fogem quando os desejamos, e que chovem sobre nós quando os não buscamos. Não mente o proverbio: «A agua corre para o rio.»

Com ouro encontramos mil occasiões de ganhar; com duas ou tres amantes, deparam-se-nos muitas mais, espreitam-nos na rua, deteem-nos no *boulevard*, esperam-nos no quarto do porteiro.

Emfim, uma noite, o acaso, o destino, a sympathia, ou antes o cartaz do espectaculo, resolveram Theophilo a entrar no theatro da *Gaité*, onde se representava um drama de grande nomeada. O nosso heroe achou-se collocado n'um camarote por detraz de duas damas muito elegantes, das quaes uma, que parecia ter vinte e oito annos pouco mais ou menos, era bastante bonita e possuia um talhe delicado, o braço bem feito e a mão pequena. Quanto á outra, era de edade madura e sufficientemente feia para fazer realçar a belleza da sua amiga.

Eis logo o nosso Theophilo entregando-se a todas as evoluções que julga deverem produzir bom effeito; trata de fazer os olhos grandes abrindo-os quanto possivel, morde o beiço, mostra a ponta da lingua, alisa o cabello, aproxima as duas pontas do collarinho, desabotôa o colete, compõe a gravata, e finalmente canta por entre os dentes uma aria que se pode tomar muito bem por tudo o que se quizer.

Emquanto Theophilo se entregava a este trabalho, que não deixava de lhe causar fadiga, a dama

pela qual elle fazia todas estas bonitas coisas, tinha-se voltado muitas vezes para examinar o seu visinho, que devia ser muito feio e muito ridiculo entregando-se a semelhantes pantomimas; porem ella não imaginava que fosse por sua causa que este senhor estava tão inquieto. As mulheres são indulgentes nas occasiões em que não zombam, e depois, esta sentia-se talvez com disposições eguaes ás de Theophilo. N'este caso o conhecimento faz-se depressa.

Tamponnet viu que se lhe lançava um olhar terno, interrompeu logo a sua aria, proferiu algumas palavras a respeito da peça, dos actores, e obtendo resposta ficou o mais satisfeito possivel.

Começou o espectaculo: era um drama muito sentimental; a bonita dama limpou muitas vezes as lagrimas que lhe deslisavam pelas faces.

Então Theophilo diz comsigo mesmo:

—E' sensivel, chora no theatro... isto é uma prova de que não tem ainda a alma estragada... e que não vae todos os dias aos Francezes... E' uma mulher que tem ainda sentimentos ingenuos e primitivos... commove-se facilmente... e olha-me de um modo assás animador... é muito bem feita, de ar distincto... ainda não a vi andar, mas é o mesmo, deve ter um ar distincto, isto conhece-se logo pelo modo como se recosta na sua cadeira... bonito rosto... olhos que dizem muitas coisas... é pois esta a mulher que tenho sonhado... deve ser uma senhora de boa familia... uma litterata... talvez uma modista!... emfim, comtanto que seja

livre... que uma mulher é livre sempre que quer.

No entreacto Theophilo vae buscar doces para offerecer á sua visinha e á sua amiga, mulher gorda e tão amarella que parece mulata, e que quando falla deixa ouvir uma pronuncia que participa do normando e do *limousin*.

O nosso namorado, no decurso da conversação, declara a estas senhoras quem é, e a posição que occupa; a dama que tanto lhe tem agradado ouve-o attentamente e diz-lhe com a maior amabilidade:

—O senhor talvez estranhe vêr no theatro duas senhoras sem cavalheiro...

—Oh! não, minha senhora... todos os dias... ou antes, todas as noites isso se vê... nem todas as senhoras teem maridos condescendentes e dispostos a acompanhar suas esposas sempre que ellas desejam saír; muitos teem negocios, occupações que não lhes deixam as noites livres, portanto suas pobres mulheres ver-se-hiam privadas de um prazer tão innocente e que está hoje tanto em moda. Álem d'isto ha senhoras viuvas... outras que teem seus maridos ausentes... porque ha maridos que viajam quasi todo o anno. Ha ainda senhoras que não teem sempre á sua disposição um cavalheiro para as acompanhar ao theatro... a senhora acha-se talvez n'este caso?...

—Eu, senhor, sou viuva... de um general... cujo nome foi bem conhecido... Sem duvida ha-de ter ouvido fallar do general Croutmann?...

—O general... Croute... oh! sim, minha senho-

ra, tenho ouvido fallar muito d'esse valente militar, responde Theophilo, não obstante ouvir este nome pela primeira vez.

—Tinha sete gran-cruzes, senhor.

—Com effeito! murmura Theophilo, devia ter grandes serviços.

—Perdeu uma perna... na batalha... n'uma celebre batalha cujo nome me esquece agora! penetrou-lhe uma bala de artilheria n'um olho, no cerce de... um grande cereo... o maior que se tem conhecido... deixou um braço no assalto de... o senhor deve sabel-o... no assalto... n'um assalto muito celebre!... Nunca me posso recordar d'estes nomes...

—Isso pouco importa, minha senhora.

—Emfim, no ultimo combate a que assistiu, deixou...

—Oh! minha senhora, que podia elle ainda deixar no campo da batalha?

—Deixou o cavallo, um cavallo magnifico, que tinha sido seu fiel companheiro durante quinze annos. O general Crontmann não se poude consolar d'esta perda; morreu tambem alguns mezes depois, deixando-me viuva e muito moça ainda, com uma fortuna mediocre, e tão pouca experiencia!... Não sei o que me succederia se o céo me não tivesse dado esta amiga sincera e dedicada que me acompanha... a sr.ª Potiche, que deixou a Saboia, sua patria, para vir tentar em Pariz um negocio de pés de botões no qual teria ganhado muito dinheiro se não tivesse soffrido dezenove quebras... Porem el-

la tem philosophia bastante para ser superior aos acontecimentos.

Theophilo julga dever saudar respeitosamente esta dama que tem soffrido tantos revezes no seu negocio; mas, n'este momento, a sr.ª Potiche está tão occupada em comer os doces, que não repara n'este signal de civilidade da parte do seu visinho. A viuva do general Croutmann indemnisa-o da pouca attenção que lhe presta a sr.ª Potiche; a bonita dama é extremamente falladora, e dá bem depressa tanta attenção a Theophilo como se o conhecesse de muito tempo. Este sente-se maravilhado; tem já quasi arriscado uma declaração, recebe em troca um sorriso, e a excellente sr.ª Potiche não se tem voltado sequer uma vez para perturbar a conversação da sua companheira; é uma amiga cheia de discrição, que se pode muitas vezes levar ao theatro.

O drama acaba; todos os espectadores saem com as lagrimas nos olhos; as mulheres ficam, alem d'isto, com o nariz vermelho; mas o divertimento foi bello e promette-se voltar á *Gaité*, theatro que tem a sua especialidade nas lagrimas.

Theophilo sae ao lado da bonita viuva. No *boulevard* vê com alegria que começa a chover, e apressa-se a offerecer uma carruagem ás duas amigas, que a acceitam logo sem a menor ceremonia. Uma *citadine* se acha desoccupada a pequena distancia: a bella viuva do general sobe ligeiramente para ella, a enorme sr.ª Potiche colloca-se ao lado da sua companheira, auxiliada pelo cocheiro, que não teme

empurral a pelo seu centro de gravidade; só resta a Theophilo um pequeno espaço, onde, para collocar as pernas, é obrigado a encaixal as entre uma multidão de coisas pertencentes á sr.ª Potiche; mas quando se tem o coração preso por amores novos, o que se não supportaria para se estar junto d'aquella que nos encanta?

Theophilo fica horrivelmente apertado, mas sente-se satisfeito; não pode fazer um movimento sem ser quasi esmagado pelos braços, pelos joelhos ou pelas pernas da sr.ª Potiche; mas a viuva do general Crontmann concedera-lhe a permissão de a ir visitar; se a sua gorda amiga se sentasse sobre elle, tel-a-hia supportado da melhor vontade.

Á porta da bonita viuva, que mora n'uma bella casa da rua Mazagran, Theophilo julga poder despedir a *citadine*; mas a sr.ª Potiche não mora na mesma casa em que habita a viuva do general, e esta diz ao seu novo adorador:

—O senhor tem a bondade de acompanhar a casa a minha amiga Potiche?

Este pedido é feito n'um tom tão insinuante, que Theophilo não tem meio de recusar, e responde:

—Pois não, minha senhora, acompanhal-a-hei com o maior prazer.

VII

O TABACO E OS CÃES

Theophilo fica pois sentado junto da enorme dama, a qual tem gritado ao cocheiro: Rua de Lourcine, bairro Mouffetard.

O pobre Tamponnet sente-se estremecer; pergunta a si mesmo como pode uma pessoa que parece tão distinta como a sua nova conquista, ter uma amiga que mora na rua do Lourcine; depois toma o seu partido ajuntando: Emfim, toda a medalha tem o seu reverso! Alem de quê, esta mulher não parece ser amiga de fallar, e poderei pensar nos meus amores á minha vontade.

Mas Theophilo enganava-se; se a sr.ª Potiche não abria a bocca na presença da sua amiga, é que isto lhe fôra provavelmente prohibido pela viuva do general, por quanto fallava pelos cotovelos logo que ella a deixava.

O seu infeliz companheiro é pois obrigado a ouvir a historia das tribulações porque a sr.ª Potiche tem passado depois que está em Pariz, depois as do seu primeiro casamento com um homem que a moera com pancadas durante a lua de mel; o que, com justa rasão, a fizera tremer pelas luas que deveriam seguir-se, quando um pleuriz arrebatou este esposo que não julgara a proposito lamentar. Em seguida a historia do seu segundo ma-

trimonio com o sr. Potiche, homem tão meigo, tão terno, quanto o seu primeiro esposo era brutal; um homem que a adorava, que passava uma parte da sua vida a seus pés, que lhe furtava as ligas, para depois ter o prazer de lh'as restituir; emfim, um homem que queria deitar-se ás oito horas e levantar-se ao meio dia. E tudo isto entremeiado de adverbios desconhecidos e de explicações bastante livres.

Theophilo ouvia com a resignação de uma pessoa que não é obrigada a responder, e que, por consequencia, tem o direito de pensar n'outra coisa. Mas á tagarellice, a sr.ª Potiche juntava um outro defeito mais desagradavel, mais incommodo, e contra o qual o seu infeliz companheiro em vão buscava um remedio. Esta dama tomava tabaco; álem d'isto tirava muitas vezes o lenço, e d'este nojento lenço exalava-se um cheiro de tabaco servido, de pingo do nariz, que não é supportavel mesmo nas pessoas que mudam de lenço todos os dias, e a sr.ª Potiche só o mudava duas vezes por semana.

Ah! não falleis de uma mulher que toma tabaco!... não ha belleza, graças, bonitas feições, bonitos olhos, espirito, gentileza, amabilidade que possa fazer desculpar este horrivel costume. O cheiro de tabaco n'uma mulher, tem um não sei quê, que a envelhece, que a torna feia e a faz cair immediatamente na classe das porteiras e das mercadoras de trapos; e é em vão que as mulheres que teem este desgraçado defeito buscam dissimulal-o, tomando todas as precauções imaginaveis... Tra-

bailho inutil, fica-lhes sempre alguma coisa que as trae, que as compromette; álem d'isto o nariz tabaqueiro toma uma outra forma... porque está bem provado que este indecente pó o engrossa e o torna amarello.

Por piedade por vós mesmas, minhas senhoras, não tomeis tabaco. Ah! outro conselho ainda: na edade de amar e de agradar, não vos entregueis á paixão pelos cães. Eis ainda uma coisa de que os homens não gostam. Uma mulher apaixonada por cães... vejam onde isto conduz. Em casa, ha uma multidão de exigencias, de cuidados, de precauções que é preciso tomar, para que o animal querido não seja incommodado nem contrariado.

Chegaes a casa de uma dama que tem uma cadellinha, apresentaes-vos com ar amavel, esperando que a vossa visita causará prazer. Apenas se vos sorri á entrada; em lugar de se vos prestar attenção, olha-se para a direita, para a esquerda, para debaixo das cadeiras, para detraz das mesas. Este manejo não tarda a desagradar-vos e dizeis:

—Que tem, minha senhora? parece inquieta, preoccupada... ter-lhe-ha succedido alguma coisa de cuidado?...

—Perdão... é que busco Zaza... a minha cadellinha... Estava deitada no sofá antes do senhor entrar... e não a vêjo... estou com receio não desappareça.

—Minha senhora, a sua cadellinha não deve estar perdida... ella apparecerá. Vinha perguntar-lhe se lhe seria agradavel ir esta noite a...

—Mas é que não posso socegar sem ter a certeza de que Zaza não saío... Se perdesse a minha cadellinha, teria um desgosto eterno... Julia! Julia!

—Então, minha senhora, não pode dizer-me se esta noite lhe seria agradavel...

Não sois attendido, chama-se a creada, ordena-se que se busque toda a casa, faz-se mil conjecturas Quer-se adevinhar qual é o malvado inquilino que se tem apoderado de Zaza, promette-se uma grande recompensa; manda-se indagar a todas as casas proximas, e, voltando para o seu logar, a dama vê a estimada cadellinha deitada n'uma poltrona occulta por alguns vestidos debaixo dos quaes se tem esquecido de a procurar.

Então o prazer, a alegria, a amabilidade renascem para esta mulher tão insipida alguns momentos antes, e se tendes a infeliz idéa de lhe fazer notar que Zaza deixou vestigios da sua assistencia sobre a poltrona, ouvis responder:

—Não tem duvida; a costureira porá outro panno n'aquelle vestido, ainda tenho fazenda egual.

E ficae certo que esta mesma dama se enfureceria ou teria ataques de nervos, se uma creança com as mãos cheias de doces, tivesse ido esconder-se brincando nas pregas do seu vestido. Parece que os doces causam muito mais prejuizo do que a immundicia da sua cadellinha; e depois o que é uma creança comparada com Zaza, este animalzinho que ladra e se atira ás pernas das pessoas mal vestidas que entram em casa? Que instincto! Quan-

do uma creança tem a infelicidade de chorar, de se queixar, de dizer que tem somno, chama-se a creada e diz-se-lhe:

—Deite-a depressa... está esta noite insupportavel!

Quando a cadellinha ladra a ponto de não deixar ouvir o que dizeis, ou quer mesmo morder-vos a sua dona dá-lhe doces, ou amima-a para a socegar, dizendo-vos:

—O senhor sem duvida offendeu-a, a culpa é sua... esta minha Zaza tem um genio tão arrebatado!

Ide passear com esta mulher; vel-a-heis levar a cadellinha depois de a ter penteado cuidadosamente; muitas vezes pôr-lhe-ha um laço de fita côr de rosa ao pescoço; mas não julgueis que andará como toda a gente que passeia. A cada instante tereis que parar porque Zaza pára, e se agrada á cadellinha fazer longas pausas, ou querer conversar com algum passeante da sua especie, haveis de ser obrigado a esperar tambem por ella, ainda que seja n'um lugar pouco limpo, ou n'um sitio perigoso por causa das carruagens. Emfim só tereis saído com esta mulher para servir de pagem á sua cadellinha.

Estaes satisfeito? Esperae, ainda não é tudo! eis o que nos pareceria incrivel se não o tivessemos visto, e visto até muitas vezes.

Esta adoravel cadellinha, que no passeio tem podido satisfazer todas as suas fantasias, se está fatigada, vae para o collo da dona, e estendendo o

focinho, afim de mostrar o seu reconhecimento, e sobretudo porque isto lhe foi ensinado, começa a lamber-lhe o rosto; então esta dama dirige ao animal os nomes mais ternos para lhe agradecer as suas caricias.

E se por ventura tendes intimidade com esta mulher, quando a deixardes, ella vos offerecerá o rosto para que a beijeis.

Em semelhante circumstancia vi um sujeito recuar com tedio, e dizer á dama, que entretanto era muito bonita:

—Perdão, minha querida amiga, mas não tocarei com os meus labios o lugar lambido pela sua cadella, que, ha um instante, mostrava os mesmos signaes de amizade a muitos dos seus semelhantes... com a differença de que era a um outro sitio que se dirigia.

A dama achou este sujeito muito ridiculo. Ella porem, por coisa alguma no mundo teria beijado uma creança que não tivesse o rosto muito bem lavado.

VIII

UMA AMANTE

O tabaco e os cães fizeram-nos esquecer Theophilo Tamponnet, que temos deixado n'uma posição assás desagradavel, obrigado a acompanhar a uma

rua de má reputação a amiga d'aquella de quem se tem apaixonado.

A final o nosso namorado deixa a sr.ª Potiche na rua de Lourcine, volta para casa e entrega-se á sua alegria. Fez uma conquista... o que buscava em vão havia muito tempo; e esta mulher é jovem, elegante, bonita e espirituosa... porque Theophilo achou muito espirito na sua conversação. Talvez elle não fosse muito exigente, ou o amor tivesse prestado o seu encanto ao que ouvira; depois, como tudo é relativo, esta mulher podia ter muito espirito para Theophilo e não o ter para outro qualquer.

No dia seguinte o nosso namorado dirige-se a casa da viuva do general Croutmann. Esta acolhe-o muito bem. Theophilo merecia uma recompensa por ter, na vespera, acompanhado a sr.ª Potiche á rua de Lourcine, estava muito apaixonado e pedia immensas coisas. A bonita viuva não parecia disposta a mostrar-se cruel; entretanto, antes de ceder, quiz dictar as suas condições.

—Se eu tivesse a fraqueza de não resistir aos impulsos do meu coração, diz a viuva do general lançando a Theophilo olhares que acabavam de lhe transtornar o juizo; quereria primeiro estar bem certa de ser amada...

—Ah! minha senhora, pois ainda duvida dos sentimentos que...

—Um momento, senhor, tem a bondade de me dizer como comprehende o amor? Parece-me que ha muitas maneiras de amar... qual é a sua?

A esta pergunta assás insidiosa, Theophilo perturba-se; tinha amado na sua vida tão pouco, que a sua maneira de amar lhe era ainda desconhecida. Mas, inflammado pelos bellos olhos que o fitavam, respondeu, acompanhando as suas palavras de profundos suspiros:

—A minha maneira de amar, minha senhora, ah! seria repetir-lhe continuamente que a adoro... que nunca encontrei uma mulher que lhe podesse ser comparada... seria passar a minha vida a seus pés, admirar seus olhos tão seductores, tão bellos; a sua bocca tão amavel, tão espirituosa; a sua fronte tão nobre, a sua mão tão bem feita, tão branca; o seu corpo esbelto, delicado, elegante; a sua...

A bonita viuva julga conveniente deter este senhor, que talvez mesmo se visse embaraçado para continuar; interrompe-o com uma gargalhada e exclama:

—Ah! senhor, se lhe fosse preciso passar a sua vida como acaba de dizer, deixaria eu bem depressa de lhe parecer bonita, e os meus insignificantes attractivos, que n'este momento tem a bondade de elogiar, perderiam de dia para dia todo o encanto para o senhor.

—Pode acreditar, querida sr.ª de Crout...

—Chame-me Affonsina; é este o meu nome de baptismo, permitto-lhe que m'o dê.

—Ah! que bondade a sua!... Pode acreditar, seductora Affonsina, que eu possa deixar de...

—Perdão, senhor, mas até ao presente só lhe tenho ouvido juramentos, protestos, como fazem to-

dos os homens que pretendem fazer persuadir a uma mulher que a amam e lhe serão fieis: eu acho isto muito vago e sou de opinião que não é d'este modo que se prova a uma mulher que se lhe tem verdadeira dedicação.

—Ah! não é d'esse modo...

—Não, senhor; se m'o permitte, dir-lhe-hei como é preciso conduzir-se com uma mulher para que ella acredite no seu amor.

—Diga, minha senhora, diga, eu lh'o rogo; não perderei uma palavra, ouvirei uma lição que espero aproveitar.

—Senhor, a melhor maneira de provar a uma mulher que a ama, é certamente procurar fazel-a feliz; porque não basta que o seu amor o torne venturoso, isto seria egoismo; é preciso, primeiro que tudo, que elle faça a felicidade da sua amante. Tornar uma mulher feliz não é uma coisa difficil; que é preciso fazer para isso? Contental-a quanto possivel, satisfazer todos os seus desejos, dar-lhe todos os estofos, todas as joias que ella possa apetecer; ser submisso ás suas vontades, e sobretudo não gosar sem ella distracção nem divertimento algum. É esta, senhor, a boa maneira de amar.

Theophilo tem prestado á viuva do general Croutmann muito mais attenção do que a que prestara antigamente ao seu professor, o digno sr. Museo. Quando a bonita Affonsina deixou de fallar, o mancebo pegou-lhe na mão, e apertou-lh'a dizendo-lhe:

—Tudo o que acaba de dizer me ficará impresso na memoria... não esquecerei uma palavra!

—E fará tudo isto... se tiver a fraqueza de o amar?

—Eu lh'o juro.

—Nada de juramentos! Em amor de nada elles servem. Mas tome cuidado, não se comprometta irreflectidamente, sou talvez exigente de mais.

—Nunca para mim o será, minha senhora.

—Lembre-se que não sou d'estas mulheres, que se tomam e se deixam como um fato da moda!

—Ah! minha senhora, julga-me capaz de a comparar a uma coisa que se deixa facilmente?

—Tenho um nome honroso, uma posição no mundo... não sou uma mulher ordinaria.

—Oh! quem pensa tal, minha senhora?

Tendo a sr.ª Croutmann imposto todas as suas condições, e adherindo Theophilo a ellas, o negocio não podia deixar de se concluir.

Alguns dias depois passeava Tamponnet de cabeça levantada, bamboleando-se sobre os quadris, emfim com o ar satisfeito, conquistador de um homem que tem uma amante bonita, e que não está habituado a estas coisas.

Uma manhã encontra o seu amigo Badinet, este sorri de longe ao vêl-o, e diz-lhe aproximando-se:

—Diabo! que ar de triumpho que hoje apresentas!... Aposto que tens agora amantes quantas desejas?

—Effectivamente, caro amigo, não tenho mais porque não quero... mas só tenho uma, que é bastante para fazer a minha felicidade... Ah! Badinet, se soubesses como sou venturoso... Uma mulher

encantadora, uma mulher distinctissima, viuva de um general que deixou metade da sua pessoa nos campos de batalha... o celebre general Croutmann, a quem uma bala de artilheria levou um olho...

—Uma bala de artilheria!... e não lhe levou senão um olho!... é preciso que essa bala fosse bem pequena! Pergunta á tua generala de que calibre ella era...

—Ah! Badinet, se começas a zombar não te contarei mais coisa alguma.

—Não zombo, não, continúa.

—Emfim, meu caro, é uma mulher linda, espirituosa, muito bem educada; conhece-se que recebeu uma esmerada educação.

—Sabe musica?

—Tem uma voz admiravel, canta superiormente.

—E toca piano?

—Ha-de tocar quando eu lhe offerecer um.

—Ah! parece que lhe fazes presentes...

—Podera não!... Já tiveste alguma amante que não tenhas presenteado?

—Eu, sim, algumas vezes... muitas vezes até...

—Já me não admiro de que nunca tenhas inspirado uma paixão profunda...

—Pobre Theophilo... fazes-me rir... É então uma paixão que inspiraste?

—Sim, meu caro, sou adorado!... a minha bella não pode passar sem mim; gosamos uma existencia a mais aprazivel... sempre nos espectaculos, a passeio, jantamos nas melhores casas de pasto...

—Isso não te deve ficar barato!... Vem almo-

çar commigo e contar-me como arranjaste esse conhecimento.

—Acompanhar-te-hia da melhor vontade, mas não me é possivel; Affonsina... é este o nome da minha amante, pediu-me que a levasse hoje de manhã ao Jardim das Plantas para vêr os animaes chavelhudos...

—Guarda isso para ámanhã.

—Oh! não!... A'manhã temos tambem o dia empregado; devemos ir aos *Gobelins*... no dia seguinte aos Invalidos...

—Então vem almoçar commigo hoje, chegarás um pouco mais tarde, mas que tem isso? Alem de que, animaes com chavelhos encontram-se por toda a parte, não é necessario ir vel-os ao Jardim das Plantas.

—Meu caro Badinet, repito-te que não posso acceitar o teu convite; preciso mesmo deixar-te, porque antes de *me reunir com Affonsina*, tenho que ir buscar a sua amiga, a sr.ª Potiche, que ficou tambem de nos acompanhar.

—A sr.ª Potiche! que mulher é ainda essa?...

—E' uma senhora muito respeitavel e muito poderosa, viuva de dois maridos, e que tem tido muitos revezes e infelicidades... Servia de mentor a Affonsina, depois que esta teve a desgraça de perder o general Croutmann... Affonsina estima immenso a sr.ª Potiche, tem com ella as maiores attenções, e tenho mesmo notado que lhe dá os vestidos velhos, que esta senhora torna depois novos... Mas porque estás a rir?... Ès terrivel, Ba-

dinet, não fazes senão rir quando me ouves fallar...

—É que pensava na tua felicidade passeando com essa sr.ª Potiche e com a tua amante.

—Affonsina assim o quer... por causa do decoro; eu, aqui para nós, dispensava de bôa vontade a sua companhia... preferia mesmo passear só com a minha terna amiga... Não que a sr.ª Potiche nos incommode... pelo contrario, é uma mulher que faz tudo o que se quer... que se diverte seja onde fôr... principalmente nas casas de pasto... Tem um appetite admiravel, nada lhe faz mal... Não tem ainda acabado de jantar, e tornaria a começar da melhor vontade... Só me desagrada n'uma coisa, é que toma tabaco...

—Ah! toma tabaco...

—Como o rei da Prussia.

—A tua Affonsina então deve fumar?

—Cigarros sómente, quando acaba de comer.

—Mas tu que não fumas, que detestas até o cheiro do tabaco?

—Vou-me habituando... começo mesmo a fumar o terço de um cigarro... Ah! meu amigo, o amor obriga-nos a fazer muitas coisas.

—Sim, é verdade, a fumar principalmente.

—Adeus, Badinet, vou buscar a amiga de Affonsina... É verdade, ainda conservas relações com aquella bonita trigueirinha a quem davas o braço a ultima vez que te encontrei nos Campos-Elyseos?...

—Ernestina?

—Ignoro se ella se chamava Ernestina.

—Ah! meu caro amigo, já a deixei ha immenso tempo.

—Desejo-te muito prazer, moderno Joconde.

—Vem almoçar...

Por unica resposta, Theophilo aperta a mão do seu amigo e affasta-se correndo, receioso de se ter feito esperar pela sr.ª Potiche.

IX

A SR.ª POTICHE

Um mez pouco mais ou menos depois d'esta conversação dos dois amigos, Badinet encontra ainda Theophilo nos *boulevards;* mas este d'esta vez dá o braço a duas senhoras; do lado esquerdo, o lado coração, vae a sua amante, a sua bella Affonsina, que veste com infinito gosto e elegancia, e parece occupar-se muito do effeito que o seu vestuario produz nas pessoas que passam. Do lado direito vae a sr.ª Potiche; a enorme dama, cujo nariz atafulhado de tabaco se assemelha á um cachimbo que se quer accender, traz um vestido excessivamente justo para uma pessoa tão nutrida, e muito curto por deante, o que permitte ver-se-lhe uns baixos em extremo sujos e não a impede de se empertigar de maneira tal que deve bem fatigar o braço do seu cavalheiro.

Este mostra-se assás contrafeito entre as duas

mulheres; a sua physionomia é a de alguem que se aborrece horrivelmente, e faz o que pode para mostrar que se diverte. Dirige se de vez em quando a Affonsina que não o attende, e não responde á sr.ª Potiche que lhe falla constantemente. Vendo o seu amigo Badinet, que o saúda com ar chocarreiro, esforça-se por se rir, e desejaria parar um momento para lhe fallar, mas as duas damas impellem-o de maneira, que se lhe torna isto completamente impossivel.

—Então pára, meu amigo? pergunta Affonsina fazendo avançar o seu cavalheiro.

—Minha querida, é que acabo de vêr Badinet... um amigo do qual lhe tenho fallado algumas vezes.

—Ah! aquelle senhor que se riu quando passamos é o seu amigo Badinet?... Desagrada-me horrivelmente, apenas se inclinou deante de mim!... Que mal educado!... Espero que não continuará a ter relações com aquelle homem...

—Como quer que as tenha, querida amiga, se estou constantemente a seu lado?...

—Não diga isso... ainda esta manhã andou não sei por onde, fazendo esperar a sr.ª Potiche mais de meia hora...

—A culpa foi do alfaiate... tinha ficado de me levar uma casaca...

—Vãos pretextos! o senhor tinha mais casacas para vestir.

—Queria apresentar-me hoje de casaca nova... para lhe agradar... e depois a sua amiga mora tão longe... rua de Lourcine... quasi uma le-

gua de distancia da sua casa... Isto faz perder muito tempo.

—Tem rasão, meu querido amigo, e percebo perfeitamente o que quer dizer... A'manhã lhe procuraremos uma casa no meu bairro... na minha rua se fôr possivel... Ah! parece-me que mesmo no meu predio ha actualmente alguns quartos para alugar... Eu me informarei... Ouves, Potiche? vou-te alojar no meu predio... Foi uma idéa de Theophilo, não é para agradecer?

Theophilo que não tivera um unico instante este pensamento, preferiria ter mordido a lingua quando se queixou da distancia da rua de Lourcine; mas não pode retroceder, e já a sr.ª Potiche se tem inclinado para elle, apoiando-se-lhe ainda mais no braço, e lhe diz com o tom fanhoso que lhe é habitual:

—Ah! de certo, o senhor é um homem amavel, tanto como o meu segundo marido, se fosse *possivelmente* permittido assemelhar-se-lhe. Muitos homens me teem feito a côrte depois que enviuvei, mas tenho dito a todos: *O senhor não pode fazer*-me esquecer o meu defuncto esposo... o segundo, se entende... Quer uma pitada, querido amigo? isto *corrompe* o ar.

—Obrigado, minha senhora, não gasto.

—Oh! pois faz mal... o tabaco dá prazer ao nariz... e é *melodioso* para a cabeça. Eu antigamente *gosava* uma pessima saude... andava sempre adoentada... depois que me abandonei ao tabaco, sou uma verdadeira porta de S. Dionysio!...

Theophilo ouvia isto tudo com ar lastimoso, dizendo comsigo mesmo:

—E sou eu a causa d'esta mulher ir morar no mesmo predio de Affonsina... Até aqui via a sr.ª Potiche seis ou sete horas por dia, o que era entretanto bem sufficiente!... Se fôr obrigado a ouvil-a desde pela manhã até á noite, viverei n'um continuo tormento. A amizade é uma bella coisa, mas não assim tão excessiva.

E alguns mezes depois já Theophilo Tamponnet não levantava a cabeça, nem se bamboleava sobre os quadris quando saía; caminhava lentamente, com a cabeça baixa, olhando para as botas, e tão preoccupado, que acabava de esbarrar com um sujeito que não tinha visto e ao qual ia pedir desculpa, quando uma voz bem conhecida lhe diz:

—Que é isso, meu pobre Theophilo, onde vaes d'esse modo? nem sequer vês os amigos!

—Ah! és tu, Badinet! Bom dia, meu caro...

—Bom dia; mas que te succedeu?... estás pallido, magro, desfigurado...

—É... é possivel... mas não me succedeu coisa alguma...

—Ainda és o mais feliz dos homens?

—Ainda sou adorado por Affonsina...

—A viuva do general?... continúas então com a mesma?...

—Costumo eu mudar?... de mais, eu bem o desejava, mas... Emfim, porque me perguntas isso?

—Porque me pareces tão feliz como um passaro que aprende a nadar!... depois diverti-me a tomar

algumas informações da tua bella conquista... Ninguem no ministerio da guerra ouviu nunca fallar do general Croutmann... marido da tua amante...

—Será possivel!...

—Depois, essa sr.ª Potiche, á qual ella testemunha tanta amizade, é sua mãe, uma antiga comparsa de um theatro dos *boulevards*, que se retirou da scena por não poder já passar entre dois bastidores.

—Quem tal diria!

—Finalmente a tua Affonsina quiz tambem dedicar-se ao palco, e estreiou-se n'um *vaudeville*, mas como cantava mal e não podia dizer tres palavras sem auxilio do ponto, teve que renunciar á vida do theatro.

—O que me dizes, confunde-me.

—Não te digo isto para que desprezes a tua amante, meu caro amigo... Deus me livre de tal; em primeiro lugar, quando uma mulher é bonita e não tem a pretenção de ser outra coisa senão nossa amante... que importa o seu nascimento?... Temos tido reis que foram buscar as suas favoritas ás classes mais modestas, e não sei a rasão porque um simplez burguez havia de córar por escolher amante entre as comparsas de um theatro... A formosura justifica tudo, porque nas mulheres ella faz o triumpho. A tua Affonsina disse-te que era viuva de um general... isso foi um estratagema de comedia inspirado talvez pela respeitavel Potiche. Porque não segues o meu systema? quan-

do uma mulher bonita me quer contar a sua historia, as suas desgraças (porque a todas tem succedido desgraças) interrompo-a immediatamente dizendo-lhe: «Minha querida amiga, o passado não me importa, não o quero conhecer, trate de o esquecer e de fazer como eu;» d'este modo colloco uma mulher na impossibilidade de me narrar uma multidão de coisas fantasticas e milagrosas, no genero da bala que levou o ôlho ao general Croutmann... Pobre Theophilo! Digo te que estás mais magro e menos alegre do que ha seis mezes. Para te distraires um pouco vem jantar commigo... Tenho uma coisa a propor-te. Convidei uma rapariga, com quem tenho relações, para me acompanhar hoje ao campo; porem ella só acceitou com a condição de levar uma das suas amigas; ora eu seguirei o seu exemplo, levarei um dos meus amigos, e terás uma occasião de te distraires...

—Sim, convenho que isso é muito tentador... mas não me é possivel acompanhar-te...

—Porque rasão? não és senhor da tua vontade?

—Não... confesso que o não sou completamente... prometti a Affonsina de a levar hoje a jantar a Bercy com a sr.ª Potiche para ali comermos peixe de caldeirada... A sr.ª Potiche é doida por enguias, parece que chega a comer mais de uma duzia de postas...

—Ámanhã irás a Bercy... vem hoje commigo e passarás um dia divertido, delicioso.

—Não é possivel... Ignoras até que ponto Affonsina me ama. Quando me demoro um quarto de

hora mais do que o custume, acho-a inquieta, afflicta, com um frasquinho de espirito junto ao nariz para não desmaiar.

—Fingimento no caso.

—Affirmo-te que não é... Olha, vou citar-te um facto em seu abono: ultimamente devia ir a casa de Affonsina á noite tomar chá e jogar o *piquete* com a sr.ª Potiche.

—Ah! tu jogas tambem o *piquete* com a sr.ª Potiche!... decididamente, gosas todos os prazeres imaginaveis!

—Devia pois chegar ás oito horas. Mas n'este dia, depois de jantar, senti-me incommodado, com dores na região do abdomen; disse commigo: Passeemos e isto passará. Mas passeei por muito tempo, e não melhorei; então lembrei-me de ir para casa e deitar-me. Apenas entro na escada diz-me o porteiro que a sr.ª Potiche tinha ido perguntar por mim. Bello, disse eu, ámanhã teremos arrufos. Não importa, vou-me deitar. No dia seguinte ás cinco horas da manhã, ouço tocar a campainha. Disse commigo: Que inconveniencia vir acordar tão cedo uma pessoa... sem duvida é algum limpachaminés ou aguadeiro que se enganou, não me levantarei. Volto-me na cama e trato de adormecer, mas não me é possivel, a maldita campainha não tarda a soar do novo; metto a cabeça debaixo do fato para não a ouvir, qual historia, a pessoa que a toca puxa o cordão com tal furor, que me decido a ir abrir; salto da cama unicamente em camisa, pego nos suspensorios, não sei para que porque não

tinha as calças vestidas, emfim, pego nos suspensorios, abro a porta... e quem vejo eu?... a sr.ª Potiche, limpando as lagrimas com o seu lenço de tabaco, soltando enormes gemidos e murmurando no meio dos seus soluços:

«—Elle está morto, tenho a certeza de que o pobre sr. Tamponnet morreu... teve sem duvida esta noite uma *conjuração* cerebral, ou alguma outra doença d'este genero... Que perda para Affonsina... um homem que era uma joia... que pouca differença fazia do meu segundo marido!

«A porta, abrindo-se, põe um termo a todas estas lamentações; ao vêr-me a sr.ª Potiche soltou um grito dramatico, lançou-se-me nos braços, e apertou-me contra o seu seio. Quiz dizer-lhe:—Tome cuidado, minha senhora, eu não estou vestido... deixe-me ir buscar alguma coisa para me cubrir!... Porem ella não me attendia, e continuava a apertar-me nos braços. Asseguro-te que me achava n'uma situação bastante critica. Emfim a chegada de um aguadeiro fez com que a sr.ª Potiche me largasse, e quando me dirigi a casa de Affonsina, encontrei-a tão afflicta, tão prostrada pela inquietação que eu lhe tinha causado, que não consegui tranquillisal-a senão promettendo dar-lhe n'esse mesmo dia um bello chale de seda da China, que ella desejava havia algum tempo. Já vês, Badinet, porque não acceito o teu convite. Se não fosse hoje a Bercy, expunha-me a receber ámanhã de madrugada uma visita da sr.ª Potiche, e confesso-te que estremeço só com semelhante idéa... Que que-

res?... Affonsina não pode passar sem mim!... morreria se estivesse um dia inteiro sem me vêr!...

—Ou seria preciso dares-lhe um vestido para a curar... Meu pobre Theophilo... tenho dó da tua sorte... mas gostas de viver assim, que lhe hei-de eu fazer!... Juro-te que não desejo a felicidade que tu gosas... Adeus, caro amigo.

E Badinet affasta-se depois de ter apertado a mão de Theophilo, que murmura:

—Estou certo que elle não inveja a minha felicidade... Bem desejava eu desembaraçar-me d'ella... não quiz dizel-o a Badinet, mas começo a achar Affonsina muito exigente, e a sr.ª Potiche produz em mim o mesmo effeito que a sombra de *Banco* em *Macbeth*... que ella não se assemelha com uma sombra... O meu amigo tem rasão, em lugar de se ter uma amante effectiva, é melhor variar... adejar... Mas aproximo-me dos quarenta annos... e é bastante difficil começar tão tarde o mister de Zephyro.

X

UM CAMAROTE

Durante alguns mezes ainda, Theophilo continúa a passear a sua Affonsina juntamente com a sr.ª Potiche; mas de dia para dia lhe parece esta carga mais pesada. Depois que a ultima tinha deixado a rua de Lourcine para ir habitar no mesmo predio

da joven viuva, acompanhava-a a todos os passeios, a todos os jantares, a todos os divertimentos. Theophilo gastava muito dinheiro; é verdade que tinha rendimentos, mas não queria tocar no capital, e a sr.ª Potiche, cujo appetite era assustador, que occupava ella só dois logares n'um camarote e todo o fundo de uma carruagem, custava-lhe quasi tanto como uma segunda amante.

Uma noite, não podendo já soffrer as exigencias de Affonsina, Theophilo que devia ir com ella ao espectaculo, tem o cuidado de alugar um camarote, no qual só ha lugar para duas pessoas. No momento de partir, vendo chegar a sr.ª Potiche com o seu chapeu e o seu chale, Theophilo arma-se de coragem e diz-lhe esforçando-se por occultar o tremor da voz:

—Parece-me, minha senhora, que teve um trabalho inutil... Para que veio assim preparada?... Hoje não nos pode acompanhar ao theatro... O camarote que aluguei é só para duas pessoas... não pude obter outro maior!...

A enorme Potiche pára no meio da sala, morde os labios e olha para a sua amiga com um ar que significa:

—Então, que dizes a isto?

Mas a bonita Affonsina, que está então occupada a mirar-se n'um espelho, sorri e faz um ligeiro movimento de hombros dizendo:

—Ficaste toda consternada, minha pobre Potiche; mas acaso acreditas Theophilo? não vez que está zombando comtigo, que disse aquillo para te

ouvir?... Um camarote para duas pessoas... ah! ah! ah! é o que teria que vêr!...

—Asseguro-lhe, Affonsina, que é esta a verdade... Em todos os theatros ha camarotes pequenos... só com dois lugares...

—Mas nós somos tres, o senhor bem o sabe; era um camarote maior que devia alugar.

—Somos tres... porque levamos sempre comnosco esta senhora; mas não a levando seremos dois.

A sr.ª Potiche tira do bolso a caixa de tabaco e toma uma pitada, deixando ouvir um som surdo que se assemelha bastante ao de um cão que se dispõe a morder.

A bella Affonsina lança ao seu amante um olhar no qual ha ao mesmo tempo surpreza, indignação e despeito, e diz-lhe emfim pesando cada uma de suas palavras:

—Já se não recorda, senhor, de tudo o que lhe disse, antes de consentir em o receber em minha casa? Acaso lhe não declarei que devia satisfazer todos os meus desejos? Depois que o conheço, senhor, parece-me que não tenho abusado d'este artigo do nosso tratado... Ser-lhe-ha mui difficil achar uma mulher mais modesta nas suas phantasias. Tenho-lhe eu pedido carruagem... diamantes?

—Fiz-lhe conhecer o estado da minha fortuna, querida amiga, e se me pedisse tudo isso, sabe muito bem que não lhe satisfaria esses desejos sem me arruinar.

—Com effeito! pois as mulheres custumam embaraçar-se com taes considerações?... Se eu o ti-

vesse arruinado, amar-me-hia o senhor mais, receaaria perder-me!... Mas não, depara com uma mulher que se contenta com um trajo ordinario, com um *coupé* alugado ás horas, com um camarote no theatro quando sobe á scena uma peça nova... e porque tenho gosto que a minha amiga me acompanhe, uma amiga sincera que me consolou na minha dôr quando perdi o general Croutmann...

Aqui Theophilo murmura algumas phrases por entre os dentes, mas em voz tão baixa que a sua amante não as pode ouvir; esta continúa:

—Vem o senhor declarar que só alugou um camarote para duas pessoas!... Ah! isto é de vil, é de biltre, é de canalha!...

A sr.ª Potiche que até então se tem conservado em silencio, apressa-se a ajuntar:

—Não é porque eu faça empenho em ir ao theatro!... Meu Deus! tenho visto tantas peças... até já me aborrecem!... mas é por ter o gosto de passar a noite com a sr.ª de Croutmann... Depois, não obstante o camarote ser pequeno, uma pessoa mais pouco incommóda...

—Basta, Potiche, basta! exclama Affonsina tomando um ar de orgulho. Não tens necessidade de estar com essas explicações... Parece-me que deve bastar a minha vontade... Faça favor de me mostrar o bilhete, senhor, quero-me certificar se effectivamente alugou um camarote só para duas pessoas.

Theophilo apresenta o bilhete a Affonsina. Esta examina-o, depois guarda-o no seio, exclamando:

—É verdade, é só de dois lugares. Mas não importa! Vem, Potiche, este senhor procurará lugar na platéa. Vem, não nos devemos demorar mais.

Dizendo isto a viuva do general sae com a sua amiga, que diz em voz baixa a Theophilo passando junto d'elle:

—Tome cuidado, o senhor offendeu-lhe os nervos... está arriscada a ter algum ataque; se tal acontecer, *deitarêlhe* a minha maldição.

Theophilo fica todo admirado vendo Affonsina affastar-se com a sua gorda amiga, levando o bilhete do camarote. Decide-se entretanto a seguir as duas damas, porem estas teem já subido para uma carruagem e partido. Fica então em duvida se irá ao espectaculo; depois de hesitar algum tempo, dirige-se para o theatro. Ali compra um bilhete, mas as cadeiras estão todas occupadas e vê-se obrigado a ficar de pé.

Entretanto, ficando á entrada do balcão do lado opposto ao camarote que tem alugado, Theophilo pode vêr Affonsina e a sr.ª Potiche que se pavoneiam nas suas cadeiras, emquanto que elle, acotovelado de todos os lados, é obrigado a levantar-se nos bicos dos pés para poder vêr o buraco do ponto. N'esta incommoda posição, parece-lhe notar que a sua amante o avista e se põe a rir olhando para a sr.ª Potiche.

Theophilo não pode mais conter-se, deixa o balcão, e vae abrir o camarote que alugou, e no qual em rigor, ha ainda lugar para outra pessoa, collocando-se um banco por detraz das cadeiras.

As duas amigas voltam-se. Affonsina olha para Theophilo como se este fosse um estranho e diz-lhe:

—Que quer, senhor?

—Que quero? quero um lugar para vêr o espectaculo... não o posso achar n'outra parte; á entrada do balcão é preciso estar de pé, e eu quero-me sentar, que sinto já caimbras nas pernas.

—Mas o senhor bem sabe que este camarote é apenas para duas pessoas.

—Porei um banco d'este lado, e levantar-me-hei quando se erguer o panno...

—Não, senhor, não quero, debruçar-se-hia sobre nós, e não quero estar incommodada durante todo o espectaculo!

—Mas se não ha lugar n'outra parte!...

—Tambem não o ha n'este camarote; isto lhe ensinará a não ser tão mesquinho para a outra vez.

—Para onde quer então que vá?

Affonsina volta-se para o lado do publico e não responde a Theophilo; então a sr.ª Potiche apresenta-lhe a caixa de tabaco dizendo-lhe:

—Estão todos apertados como sardinhas... Vá ver na *orchestração* da musica, por detraz de um rabecão deve-se vêr bem. Quer uma pitada?... é *caporal*... gosto mais de *civette*.

Theophilo repelle tão bruscamente a caixa de tabaco, que uma grande parte do que ella contem se espalha pelo camarote. A sr.ª Potiche solta um grito doloroso; mas sem se inquietar com o que Affonsina poderá pensar, o nosso amante ultraja-

do, desesperado, sae rapidamente do camarote dizendo comsigo:

—Ah! trata-me d'este modo!... eis a recompensa de tres annos de desvelos... de carinhos... tres annos de escravidão! Mas d'esta vez quebrarei a minha cadeia... recuperarei a liberdade... Tenho para isto uma bella occasião... serei bem louco se a não aproveitar... *Adeus, Roma, eu parto!*... A viuva do general Croutmann que me espere agora; e para que ámanhã me não mande procurar pela horrivel sr.ª Potiche, vamos a casa buscar dinheiro, digamos ao porteiro que parto para a Russia, e refugiemo-nos em Sevres, Saint-Cloud ou Versailles, onde me conservarei durante algumas semanas para não ser encontrado por estas duas sanguesugas.

Theophilo põe immediatamente o seu projecto em execução. N'esta mesma noite estabelece-se n'uma hospedaria de Versailles.

Ali fica um mez, passando o seu tempo a passear no parque, o tentando todos os dias descer o tapete verde com os olhos vendados. No fim d'este tempo decide-se a voltar para Pariz, dizendo comsigo:

—Affonsina deve começar a esquecer-me, e a perder a esperança de se reconciliar commigo... Ha um mez que aqui estou, parece-me que posso voltar para casa.

E chegando a Pariz sabe que ha vinte e nove dias que foi substituido.

XI

UMA TENTAÇÃO

Alguns mezes depois da sua desavença com a denominada viuva do general Croutmann, Theophilo passeava pelos *boulevards*, buscando talvez uma nova conquista; mas, confiando agora menos nas apparencias e temendo deparar com uma segunda Affonsina.

De repente vê um homem dando o braço a uma senhora, e n'este homem reconhece o seu amigo Badinet; entretanto, examinando o personagem que avança, Theophilo diz comsigo: «Será este o Badinet de outr'ora, o Badinet que ha pouco mais ou menos seis mezes me propunha um passeio ao campo! Então usava um fato excentrico, as calças e o colete dos mais extravagantes, o chapeu posto ao lado, e toda a desenvoltura da sua pessoa annunciava o explorador de aventuras, o homem amigo de se divertir. Agora veste decentemente, o seu andar é grave, e fallando á senhora a quem dá o braço não lhe aproxima o nariz da cara como se quizesse beijal-a... o que Badinet muitas vezes fazia. Porem, é elle que vêjo, certamente succedeu-lhe alguma coisa para passar por tal transformação.

Tendo-se aproximado, Badinet saúda Theophilo, pára e diz ao seu amigo:

—Que prazer tenho em te encontrar, meu caro, vou apresentar-te a minha mulher... Minha boa amiga, apresento-te o sr. Theophilo Tamponnet... antigo camarada... não de collegio, mas camarada... da juventude.

A senhora que acompanha Badinet, não é bella nem feia, nem alta nem baixa; é uma d'estas mulheres das quaes se não diz coisa alguma; e, em geral, o que um homem pode fazer melhor quando se casa, é escolher uma mulher da qual se não falla.

Esta faz uma amavel saudação ao amigo de seu marido, dizendo-lhe que terá sempre muito prazer em receber em sua casa as pessoas a quem elle dedica amizade. Theophilo responde a este cumprimento balbuciando algumas d'estas phrases banaes que se trocam em semelhantes circumstancias e que não significam absolutamente coisa alguma.

E Badinet continua a andar com sua mulher, depois de ter dito ao seu amigo:

—Ahi tens esse bilhete para saberes a nossa morada, e apparece lá por casa; sabes que sou teu amigo, e que serás sempre por mim bem recebido.

Theophilo contempla por muito tempo o par que se affasta, depois continúa o seu passeio dizendo comsigo:

—Ah! Badinet casou-se!.. Eis o que é singular... e parece que isto lhe deu mais juizo... mas contrafaz-se talvez na presença da mulher... Não se mos-

tra arrependido de ter casado... é um homem feliz aquelle, nunca o vi descontente. A mulher não é muito bonita, mas tem um modo agradavel... e comtanto que ame o marido, eis o principal!... Uma esposa não é o mesmo que uma amante que se deixa quando se torna muito exigente... Uma esposa é uma companheira para toda a vida... por consequencia, é preciso para se viver bem, que ella seja obediente e boa para seu marido, é esta a minha opinião. Este diabo de Badinet não deixa de ter boas idéas... porque o não imitarei eu?... porque não me casarei tambem? É um estado honroso na sociedade, o de pae de familia... tem-se filhos que nos acariciam, que sobem para os nossos joelhos; tem-se uma casa bem arranjada, não se é obrigado a ir jantar todos os dias á casa de pasto, o que é nocivo para a saude; quando se entra em casa encontra-se lume, luz, pessoas que nos esperam com impaciencia, rostos que nos sorriem... tudo isto é muito seductor, sim, decididamente não farei mal em me casar. Mas primeiro irei visitar Badinet, perguntar-lhe-hei como hei-de conseguir o que intento... e seguirei os seus conselhos, porque de contrario nunca me casarei.

E, alguns dias depois, Theophilo dirige-se a casa do seu amigo Badinet, que felizmente encontra só no seu gabinete.

—Ah! é o meu caro Tamponnet! fizeste bem em apparecer; minha mulher saiu, mas vel-a-has logo que chegue...

—Obrigado, Badinet; mas estimo encontrar-te só para conversar um pouco comtigo. Confesso-te que fiquei surprendido o outro dia quando soube que estavas casado...

—Porque rasão? não se acaba sempre por se dar este passo?

—Sem duvida, mas tu que eras tão voluvel... que amavas tanto a tua liberdade?

—Então, julgas que por ser casado, que me encadeei a minha mulher, e que não me é permittido folgar com os amigos... jantar fóra de casa, emfim, gosar alguns momentos de prazer quando a occasião se apresenta? Sem duvida estou agora mais pacato, porque no mundo tudo cança, mas o principal é saber-se que se pode fazer o que se quer; quando temos a liberdade de ir, vir, sair e entrar sem receio de que as nossas mulheres nos mostrem mau modo, ou nos perguntem por onde andamos, isto basta para muitas vezes perdermos a vontade de ir a qualquer parte. Não sabes que o fructo prohibido tem em todo o tempo tentado os homens?

—Sem duvida.

—Pois bem, desde o momento em que coisa alguma se nos prohibe, ficamos livres de toda a tentação.

—D'esse modo, tua mulher nada te prohibe?... encontraste pois uma phenis?

—Casei com uma mulher razoavel, uma mulher que não é tola...

—Uma mulher de talento?

—Nem tanto!... *tem juizo, o que nas mulheres*

é mais raro que o espirito, e isto n'uma esposa é ouro sobre azul.

—E tua mulher adora-te?

—Quem te falla em adôrar? Meu pobre Theophilo, has-de ser sempre o mesmo. Tenho uma mulher que me estima, e não é preciso mais para que um marido se considere feliz...

—Ah! é esse o teu modo de pensar?

—De certo, confiamos egualmente um no outro, minha mulher não é doida, por consequencia não sou cioso. Se uma das suas amigas a convida para jantar, permitto-lhe que acceite; se encontro alguns amigos que me offerecem um almoço, que dura ordinariamente até á noite, acceito tambem; e entrando em casa digo a minha mulher o que fiz, e ella abraça-me em vez de me ralhar. Julgas que não é agradavel ter-se uma companheira meiga, amavel e indulgente?

—Não digo o contrario... entretanto, se com tudo isso tivesses a certeza de ser adorado!...

—Meu amigo, os sentimentos levados ao excesso duram pouco; a amizade é eterna. A proposito, e a tua viuva do general desconhecido?... Creio que ella te adorava... ou fingia adorar-te... Dura ainda essa paixão?

—Já não tenho relações com Affonsina; separamo-nos ha muito tempo...

—Como! esse amor tão exaltado...

—Abandonei-a por causa da sua amiga... a gorda Potiche...

—Dou-te os parabens.

—E agora tenta-me o teu exemplo, desejo fazer o que tu fizeste... casar-me... visto affirmares-me que isso nos torna felizes...

—Sim, quando se escolhe bem!...

—Oh! hei-de escolher o melhor possivel... Porem, dize-me, o que se deve fazer quando se deseja casar?

—Busca-se primeiro uma mulher que nos convenha, e quando se tem achado, o resto é facilimo...

—Mas onde se busca essa mulher que se não conhece?

—No mundo.

—Que entendes tu por mundo?

—A sociedade.

—Qual sociedade?

—Ora não zombes!... pois não frequentas reuniões, bailes?

—Teem-me convidado muitas vezes, mas nunca fui a elles.

—Pois precisas ir, meu caro amigo. N'um baile encontrarás solteiras, viuvas, emfim mulheres para casar, e farás a tua escolha. Tenciono dar tambem algumas reuniões dansantes, e convidar-te-hei, espero que não faltes.

—Muito bem, está tratado... vou frequentar as sociedades... Para achar mais facilmente, direi quando entrar n'uma sala: Eu busco uma mulher que queira ser minha esposa.

—Não faças tal, zombar-se-hia de ti.

—Porque rasão? Diogenes buscava um homem, não deve haver inconveniente em se buscar uma

mulher!... Ah! uma idéa: se eu publicasse annuncios... com os meus signaes... e declarando qual a posição que occupo...

—Outra asneira! só as pessoas que não teem juizo é que fazem isso.

—Evitaria o trabalho de buscar. Não importa, tu me ajudarás, tu me guiarás e casar-me-hei; adeus.

—Retiras-te já, sem vêr minha mulher?...

—Vel-a-hei d'outra vez, quero começar a buscar uma para mim.

XII

Á PROCURA DE UMA MULHER

Um homem na posição de Theophilo, com alguns meios de fortuna, não deixa de ter convites quando quer frequentar as sociedades. Bem depressa o nosso heroe teve uma reunião para cada dia da semana.

Apenas entrava n'uma sala, examinava todas as mulheres, depois tomava informações. Encontra-se sempre n'uma reunião um fallador que nos conta a biographia de cada pessoa da sociedade, quando esta gente nada sabe, inventa, mas não deixa de fallar.

Logo que Theophilo encontrava um fallador, começava as suas averiguações.

—Senhor, poder-me-hia dizer quem é aquella rapariga loura... toda vestida de azul?

—Aquella rapariga... é a menina Herminia Guichelin... filha da sr.ª Guichelin... deve saber quem é, a celebre sr.ª Guichelin, tão nomeada pela sua belleza, seu espirito e suas aventuras amorosas.

—Pois não sei...

—Não!.. toda a gente a conhece...

—Menos eu...

—Ainda é boa mulher, não obstante ter já quarenta annos...

—E aquella menina é sua filha?

—Sim, senhor, uma rapariga perfeitamente educada...que toca piano como *Hertz*, que desenha como *Eustachio Lorsay*, que dansa como *Cellarius*, que monta a cavallo como *Baucher*, que faz versos como *Méry*, e que sobe em ballões como...

—Sobe em ballões!... Obrigado, senhor, infinitamente obrigado, não quero saber mais... uma vez que sobe em ballões, sei o sufficiente.

—Porque rasão, senhor?... Não sei os motivos que o impellem a tirar informações d'aquella menina, mas posso certificar-lhe que actualmente as pessoas mais do tom, sobem nos ballões quando se faz alguma ascensão; isto está muito em moda... é uma prova de coragem... Faz-se pelos ares uma viagem de algumas horas... e, não rebentando o ballão, não perdendo o gaz, não ardendo, não descendo horisontalmente em lugar de conservar a sua posição vertical, não se prendendo nas arvo-

res, não caindo no mar, não se corre o menor perigo... e no dia seguinte anda o nome de uma pessoa nos jornaes com a descrição da viagem aerea... Ora isto é lisonjeiro, senhor.

—Sim, senhor, muito lisonjeiro, certamente; mas uma menina que sobe em ballões... depois de casada, ha-de querer dansar na corda. Oh! ao lado d'ella está outra rapariga de ar muito modesto... aposto bem que aquella não sobe em ballão?

—A que tem uma grinalda de flores na cabeça?

—Essa mesma.

—E' a menina Sophia Folliquet... Vive com uma tia, que a deve dotar, e que lhe dá uma severa educação; ha apenas alguns mezes que apparece nas sociedades e diz-se que é tão timida que chora pela menor coisa. Tem boa voz; mas quando sua tia lhe diz que cante, chora; se é convidada para uma quadrilha e sua tia lhe ordena que acceite, chora; se outras meninas se divertem com jogos de prendas, e se lhe diz que jogue, chora...

—Oh! meu Deus! é uma perfeita cascata, a tal sujeitinha; se ella fosse minha mulher, collocal-a-hia no meio de um tanque. É provavel que então não chorasse, se fosse preciso. Não se deve divertir muito n'uma sociedade. Passemos adiante. Lá em baixo, n'aquelle *divan*, aquella joven que está a vêr um album... É trigueira... tem olhos negros e bellos... sobrancelhas bem arqueadas... possue um não sei quê de hespanhol... de andaluz, na physionomia... Admirar-me-hia bastante se aquella menina chorasse por qualquer insignificancia.

—Perdão, mas a pessoa de quem falla já não é menina...

—É uma senhora!... é penal... Adiante.

—E' uma senhora viuva.

—Uma viuva! Oh! n'esse caso detenhamo-nos. Como é que uma senhora tão nova é já viuva?... Porque ella não deve ter mais de vinte annos!...

—Ainda os não fez. Dezenove annos e oito mezes... sei a sua edade; fui muito amigo de seu padrinho. Amelia, é este o nome d'esta encantadora morena, casou aos dezeseis annos com um homem de vinte e cinco, que a adorava, que era louco por ella.. Ah! senhor, amava-a muito... era peior que um amante... No dia seguinte ao do seu casamento, foi viajar com a mulher; mas como na viagem não se achava ainda bastante só, voltou a França, comprou uma casa de campo nos arredores de Montmorency, e foi ali encerrar-se com Amelia. Então, não recebendo visitas, não saindo, os dois esposos occupavam-se unicamente a repetir ternos juramentos de amor. Em vão os parentes, os amigos lhes queriam fazer advertencias, demonstrar ao marido todo o ridiculo da sua conducta, não eram attendidos, e as suas cartas ficavam sem resposta. Finalmente, passado um anno, este terno par voltou para a capital; a mulher estava ainda mais bonita; o marido parecia um esqueleto, e tres mezes depois morreu de uma tisica pulmonar. Amelia experimentou um desespero tão violento que se temeu pelos seus dias; tanto mais que para seguir seu esposo, queria apunhalar-se, envenenar-se, matar-se,

emfim... Mas estas dores exageradas... estas crises nervosas não são muito duradouras. Hoje Amelia dansa quadrilhas, valsas, masurkas... e tem já muitos cortezãos que aspiram a substituir seu defunto marido.

—Sim, comprehendo isso... aquelles olhos negros... a expressão das suas feições... ia apostar que aquella mulher ha-de ser uma *Barba-Azul* femea. Mas gosto mais das solteiras que das viuvas...Ah! eis duas meninas conversando junto do piano... Não são bonitas, mas são sympathicas... depois riem em quanto conversam... as pessoas alegres teem para mim todo o merecimento... Conheceas?...

—Não ha n'esta sala uma pessoa que eu não conheça. A menina do collar de perolas chama-se Rosa Desbois; tem vinte e dois annos, apezar de não parecer ter mais de dezesete. E' alegre, espirituosa, mas muito *trocista*... Já perdeu cinco ou seis casamentos por este motivo.

—Oh! diabo... terá ella mais algum defeito?

—Isso não. Ainda que é muito amiga de rir, não tem a menor mancha na sua virtude...

—Então porque tem deixado de casar?

—Eu lhe digo: uma vez divertiu-se a pregar alfinetes nas barrigas das pernas do noivo.. Era no dia da assignatura do contracto. Elle apresentou-se com umas calças tão justas que mostrava perfeitamente todas as suas formas. A menina Rosa quiz certificar-se se o seu futuro esposo era tão bem feito como parecia. Quando se lhe viu uma duzia

de alfinetes espetados nas barrigas das pernas, todos se pozeram a rir, e o noivo, furioso, saíu e não voltou mais.

«Outra occasião lançou um gancho, preso a um fio de seda, á cabeça d'aquelle que a queria desposar. Ia-se começar uma quadrilha, e quando este senhor se levantou para escolher par, perdeu no caminho o chinó que a menina Rosa tinha puxado para si com o gancho. Então, envergonhado de ser visto com uma calva enorme, este segundo noivo desappareceu como o primeiro.

«Outra vez, como um mancebo que a pretendia fallava continuamente da sua bravura, da sua coragem e dos duellos que havia tido, a travessa Rosa lembrou-se de lhe escrever cartas anonymas, nas quaes se ameaçava assassinal-o se persistisse no seu projecto de casar.

«O terrivel duellista cessou as suas visitas, e não se ouviu mais fallar d'elle.

«Finalmente, n'uma outra occasião, o casamento estava a ponto de se effectuar; tudo se achava preparado, e creio mesmo que se havia fixado o dia da ceremonia. Ora, o sujeito que devia desposar Rosa, e que era, na verdade, um excellente partido, tinha muitas pretenções a espirituoso; inculcava-se poeta, litterato, criticava desapiedadamente de tudo o que os outros faziam, achando tudo mau, detestavel, e gabava-se de ter feito muitas peças de theatro, que nunca apresentára com o seu nome. Quando Rosa lhe perguntava quaes ellas eram, respondia que a sua modestia lhe pro-

hibia que as nomeasse. Cantava-se uma canção de um auctor desconhecido, dava a entender que era sua. Emfim, muitas vezes offerecia á sua futura poesias lindissimas, dizendo que acabava de as improvisar.

«Mas com aquella rapariga não pode uma pessoa impôr o talento que não possue; Rosa dizia muitas vezes: Sim, o meu futuro dedica-me versos muito bonitos, canções encantadoras... mas, será elle que compõe estes versos e estas canções? Visto rimar tão facilmente, que, segundo diz, é até improvisador, hei de um dia submettel-o a uma prova.

«E a occasião da experiencia não tardou a apresentar-se.

«O mancebo devia ir passar tres dias no campo em casa da familia de Rosa. Chegou carregado de coplas, de redondilhas, de madrigaes, tudo composição sua.

«—Muito agradecida, lhe diz Rosa, mas tenho outra coisa a pedir-lhe: minha tia Margarida faz annos depois de ámanhã; tenha a bondade de me fazer hoje duas poesias; uma aos seus annos, outra a uma cadellinha que lhe morreu e que ella mandou empalhar.

«O mancebo mordeu os labios, coçou na cabeça e respondeu:

«—Pois não, a primeira vez que voltar ao campo, eu lhe trarei tudo isso.

«—Não, senhor; não me comprehendeu? replicou Rosa; minha tia ha-de vir jantar comnosco

depois de ámanhã, e é para essa occasião que preciso das poesias... Não rima o senhor com tanta facilidade?... Fecho-se um momento no seu quarto e compol-as-ha bem depressa.

«O denominado poeta pareceu contrariado... queria voltar a Pariz a buscar alguma coisa que dizia ter-lhe esquecido, mas Rosa não o consentiu, porque estava persuadida que o seu namorado tinha alguem a quem pagava para lhe fornecer o que elle apresentava como suas proprias obras. Conduziu pois o tal senhor para um quarto, e disse-lhe fechando-lhe a porta: Chame-me, logo que tiver acabado.

«O mancebo entrou no quarto fazendo uma careta singular. Era então uma hora da tarde, ás cinco horas não tinha ainda chamado. Antes de jantar Rosa foi abrir a porta ao seu prisioneiro, que achou adormecido deante da mesa sobre a qual estavam os preparativos para escrever, mas em que elle ainda não tinha tocado.

«—E' assim que trabalha? lhe disse Rosa.

«O namorado desculpou-se allegando uma dôr de cabeça, e á noite disse que havia comido de mais ao jantar para se poder entregar a qualquer genero de composição. Mas no dia seguinte, depois do almoço, Rosa tornou-o a fechar novamente no quarto. Quando lhe foi abrir a porta antes do jantar, encontrou-o com os olhos esbugalhados e o rosto completamente transtornado. O infeliz tinha horrivelmente fatigado a cabeça para tratar de fazer ou, pelo menos, de se recordar de uma poesia a

uma Margarida, e nada conseguira. Quanto á poesia á cadellinha empalhada, tinha escripto unicamente o seguinte:

Aqui jaz um cão
Que foi homem de bem

«—Tome cuidado, lhe disse Rosa com ar zombeteiro, minha tia chega ámanhã, já não tem senão esta noite para fazer o que lhe pedi.

«Mas no dia seguinte pela manhã o supposto poeta tinha partido de madrugada e não tornou a apparecer. Os homens nunca perdôam quando se lhes offende o seu amor-proprio.

—Isso prova que uma mulher nunca deve submetter o namorado a uma experiencia. Começo a crer que aquella rapariga é muito travessa e que difficilmente conseguirá casar... E a outra com quem está conversando?

—Ah! é a menina Cecilia Noirmont... menina muito amavel, muito meiga, de excellente genio, e que ha-de ser uma excellente dona de casa... Sabe fazer tudo, senhor, tudo, até pepinos e tomates de conserva... É uma menina preciosa.

—Mas porque rasão não terá casado, sabendo fazer tão bellas coisas? Pelo menos deve ter vinte e dois a vinte e tres annos!...

—Não, senhor, ha-de fazer vinte annos para S. Gil; fui amigo intimo de seu defuncto pae; parece ter mais edade porque é uma menina muito séria... Ah! que excellente mãe de familia ha-de vir a ser!...

—Mas ainda me não disse o motivo porque não tem casado... Talvez não tenha dote?

—Qual historia! tem um dote muito bom, uns cincoenta mil francos.

—Então ainda é mais para admirar, que tendo um rosto tão sympathico, seja ainda solteira.

—Certamente, admira... Mas sabe que os homens presentemente pensam de um modo tão singular... desdenham as qualidades boas e solidas... Depois é talvez porque a bôa Cecilia... mas a culpa não é sua...

—Como?... que quer dizer?

—Nada.

—Pareceu-me que ia dizer alguma coisa... Mas, vae-se dansar... vou convidar a menina que o senhor acaba de elogiar tanto...

—E fará muito bem.

Theophilo affasta-se e vae, o mais graciosamente que lhe é possivel, fazer o seu convite á menina Cecilia para dansar com elle.

A joven parece admirada, entretanto accita.

Mas Theophilo nota que a sua amiga, a menina Rosa, se volta para rir.

—É a tal menina amiga de zombar, diz elle comsigo; provavelmente não lhe agradou a minha saudação.

Mas sôa o piano, Theophilo offerece a mão a Cecilia, esta levanta-se e segue-o aos saltinhos.

—Tem pressa de dansar, diz elle comsigo.

Mas não tarda a descobrir a verdade: a menina Cecilia é côxa, horrivelmente côxa, e ainda que,

dansando, tenta disfarçar este defeito saltando sempre, quando executa o *chaine des dames* e o *promenade*, o infeliz cavalheiro conhece perfeitamente que é real a enfermidade da pobre menina.

Logo que acaba a quadrilha, Theophilo volta para junto do sujeito tagarella e diz lhe:

—A menina Cecilia é côxa, senhor, mas muito côxa.

—É verdade... um pouco... mas sómente de uma perna.

—Porque m'o não disse logo?... Agora comprehendo porque não tem casado.

—Mas quando está sentada, ninguem conhece o defeito que tem.

—É verdade, senhor, mas não se quer uma mulher para estar sempre sentada, excepto se é para se collocar n'um mostrador.

Depois de fazer estas indagações nas sociedades que frequenta, Theophilo vae procurar o seu amigo Badinet, que lhe diz:

—Então, encontras ou não mulheres para casar nas casas onde entras?

—Encontro. Oh! bem me tinhas tu dito que mulheres não faltam...

—Encontraste então alguma que te convenha?

—Ainda não... isso é que é difficil.

—Não desanimes, continúa a procurar. Sabbado proximo hei-de dar uma reunião, e desde já ficas convidado para ella.

—E terás raparigas solteiras n'essa reunião?

—Muitas até... mas uma principalmente... talvez te convenha... bonito rosto...

—Mas *não é côxa*?...

—Côxa! que lembrança foi essa?

—É que ultimamente vi uma rapariga que me agradava bastante, mas que coxeava; ora eu detesto as côxas... se fosse torta, emfim, tenho visto uma infinidade de mulheres tortas muito encantadoras; e estou persuadido que se ellas tivessem os olhos como toda a gente, que teriam sido menos sympathicas.

—Meu caro Theophilo, a menina que tenho em vista para ti não é torta, e estou convencido que te ha-de agradar... Faze-te no sabbado bem seductor, mostra-te bem amavel, bem apaixonado, e está feito o casamento.

—Ah! se me dissesses já o nome d'essa menina...

—Não; se a conhecesses antecipadamente, acanhar-te-hias deante d'ella.

—Julgas isso?

—Tenho a certeza... Demais, tu que és todo amor, deves preferir não a conhecer; o teu coração te guiará.

—Pois bem, no sabbado tratarei de ser amavel com todas as raparigas da tua reunião...

—E farás bem; é esse o melhor meio de se agradar ás mulheres; em geral se se pretende uma só, pouco se consegue, se se namóram todas é certissimo o triumpho.

XIII

UMA REUNIÃO EM CASA DE BADINET

O desejado sabbado chegou. Theophilo tinha mandado fazer uma casaca nova, com a qual se sente incommodado, e que lhe dá necessariamente o ar mais embaraçado que de ordinario. E é para se tornar bello, para agradar que manda fazer um fato que não lhe permitte levantar os braços, e que põe uma gravata de setim preto, ornado de uma bella roseta, que não lhe deixa voltar a cara sem ferir as faces; mas ha pessoas desestradas em tudo o que fazem, tão desestradas que quando querem embellesar-se tornam-se logo ridiculas.

Depois, para melhor attraír, Theophilo tem julgado necessario perfumar-se. Põe baunilha no cabello, espirito de rosa na camisa, de jasmim nas luvas, de flor de laranjeira no lenço, e tudo com tal profusão, que proximo d'elle julga-se estar n'um armazem de perfumes.

Á sua entrada na sala de Badinet, todos levantam a cabeça, respira-se com sensualidade, e cada qual diz comsigo:

—É provavelmente um ramo de flores que alguem traz para a sr.ª Badinet... Deve ser bello, a julgar pelo aroma.

E todos os olhos se dirigem para a porta da sala. Mas é geral a surpreza vendo-se entrar um ho-

mem que, indo ao encontro do dono da casa, pisa um velho que está sentado junto da porta, e rasga o vestido de uma senhora, que solta um grito de susto vendo uma das cercaduras da sua saia desprender-se e seguir o recemchegado.

Badinet apressa-se a fazer recuar o seu amigo, que se desembaraça com custo do vestido no qual se prendeu, e volta-se para a afflicta dama dizendo-lhe:

—Não tem duvida, minha senhora, não faça caso!

—Como! não faça caso, senhor! pelo contrario, acho que devo fazer e muito.

—E's tu que vens tão perfumado? diz Badinet sorrindo para Theophilo.

—Se sou eu?...

—Sim, cheira-me a baunilha, a jasmim, a flor de laranjeira...

—Ah! é verdade, perfumei-me, acaso não fiz bem? não é isto distincto?

—Muito; parece-me unicamente que te perfumaste de mais. Emfim, espero que isso se dissipará. Não queres cumprimentar minha mulher?

—De certo que quero. Mas onde está ella?

—Quem?... minha mulher?

—Não, a outra... a tal menina que me deve convir...

—Não t'o direi antes da meia noite... Entretanto, mostra-te amavel, joga, dansa, conversa, faze o que quizeres.

Theophilo vae cumprimentar a dona da casa;

mas, em quanto lhe dirige um d'estes cumprimentos do uso, seus olhos voltam-se para a direita e para a esquerda, porque, de roda da sr.ª Badinet vê muitas meninas, algumas junto do piano e outras mais longe. Todas lhe parecem bonitas, imagina que muitas o examinam de um modo particular, torna-se vermelho até ás orelhas, não sabe que posição ha-de tomar, sente-se ainda mais incommodado com a casaca e com a gravata, e quando a sr.ª Badinet lhe diz:—Espero que danse com as nossas meninas; Tamponnet responde tratando de sorrir:

—Jogarei com ellas da melhor vontade.

Depois Theophilo faz a sua retirada d'este lugar, onde é o ponto de mira de todos os olhares; mas n'esta evolução pisa o rabo de um gato, e deita por terra uma creança de tres a quatro annos que estava por detraz d'elle.

O gato mia, a creança chora; Theophilo volta-se para a mamã, que trata de levantar a creança e exclama:

—Oh! mil perdões, minha senhora, mas pisei-lhe o rabo sem querer.

A mãe da creança olha com ar colerico para Theophilo, que se volta então para o gato, dizendo:

—Como é lindo!... parece-se tanto com a mamã!... aposto que já conhece as letras?... Está pouco crescido para a edade...

Então todas as senhoras soltam uma gargalhada, excepto a mãe da creança, e Theophilo ainda mais

intimidado, vae refugiar-se na sala do jogo, dizendo comsigo mesmo:

—São tantas, que me é impossivel adevinhar qual d'ellas é .. Alem de quê, poderia enganar-me. Esperemos... dansarei com as mais bonitas... e terei cuidado de não fazer cair outra creança...

Na sala onde acaba de entrar, ha uma mesa onde se joga o *whist*, e outra a *bouillotte*.

A primeira mesa está occupada por uma senhora e tres homens. Estes quatro jogadores teem um ar sério, severo, e algumas vezes irritado, que não permitte pensar-se que se acham ali para se divertirem.

De vez em quando, um solta um suspiro, outro levanta os olhos ao céo, aquelle dá um murro na mesa deixando escapar movimentos de impaciencia, e a dama murmura por entre os dentes:

—Não quero fallar... não quero dizer coisa alguma, porque nada se deve dizer?.. mas não comprehendo este jogo... Falham-me todas as combinações... é bastante singular!

Theophilo aproxima-se e olha para as cartas d'aquelle jogador que parece meditar mais profundamente sempre que joga, e que se demora mais de tres minutos antes de deitar a sua carta na mesa.

Joga-se naipe. Este senhor passa os dedos pelo cabello e fica muitos minutos mergulhado nos seus calculos; emfim, depois de longas hesitações, lança a carta, é um naipe, e não tinha mais do que aquelle.

Theophilo affasta-se da mesa de *whist* dizendo comsigo:

—Se é para jogar assim que aquelle sujeito calcula tanto o seu jogo, não quero receber as suas lições. Vejamos a *bouillotte*, ao menos ali vejo rostos mais alegres... não trocam olhares fulminantes, estes jogadores.

Os quatro mancebos que jogam a *bouillotte* parecem ser muito amigos, porque enviam uns aos outros, em quanto jogam, epithetos e ditos bastante satyricos; mas tudo isto gracejando, o que dá á *bouillotte* um cunho de originalidade assás divertido.

—Joga, meu gatuno.

—Oh! com que salteadores en estou mettido!...

—Aposto que é ainda do avarento de Lasselle?...

—Já te disse que não me chamo Lasselle... estropias-me sempre o nome...

—Ganhei.

—Oh! que grande coisa... doze... quinze... dezesete francos e meio.

—Este malvado está um burro do felicidade esta noite.

—Pois não é porque as cartas me tenham favorecido.

—E' que eu não dou attenção ao jogo, eis o motivo porque perco sempre.

—Fóra trapaceiro!... ainda na quarta feira tu ganhaste.

—Ah! é verdade... mas perco já hoje quarenta francos.

—Eu trinta.

—Eu não ganho.

—E eu tenho o meu dinheiro.

—Tel-o hia apostado, todos perdem... sempre assim acontece.

Badinet não tarda a vir procurar Theophilo.

—Que estás ahi a fazer? lhe diz elle.

—Vêjo jogar.

—Mas se vês jogar os homens, como queres agradar á menina que te inculquei?

—Fiz já tantas tolices na sala que estou intimidado... tenho medo de fazer mais alguma asneira.

—Vem d'ahi; é pena que te perfumasses tanto... tiveste uma idéa pessima... Vae-se dansar... escolhe uma senhora que fôr do teu gosto.

—E se não fôr a tal?

—Isso pouco importa.

Theophilo torna a entrar na sala onde se dansa. Examina todas as senhoras e fixa a sua escolha n'uma morena bastante bonita, de côr um pouco pallida e de ar sentimental. Convida-a para a quadrilha, é attendido e vae collocar-se no lugar conveniente com o seu par, que o olha de vez em quando e parece esperar que elle lhe diga alguma coisa.

Depois de ter pensado muito tempo, receioso de cair nas phrases banaes, Theophilo diz:

—Creio que o sobrado está excessivamente encerado.

—Julga isso?

—Deve estar muito escorregadio... Ainda não caíu, minha senhora?

—Não, senhor; mas... realmente, assusta-me.

—Oh! socegue, minha senhora, eu a amparei.

—Oh! como cheira aqui a flores, não é verdade, senhor?

—Ah! sim... cheira effectivamente... a muitas coisas... mas é um cheiro agradavel.

—Sem duvida... mas muito activo... E o mais singular é que não vêjo flores na sala...

O piano põe termo a esta conversação. Theophilo quer mostrar que dansa bem, mas a sua casaca não lhe deixa os movimentos livres; a gravata muito apertada incommoda-lhe o pescoço, e a cera do sobrado fal-o escorregar a cada instante. Tudo isto não dá graça e ligeireza á sua dansa; depois tem por *vis-á-vis* uma rapariga loura, de rosto desenvolto e de olhar espirituoso; esta joven sorri em quanto dansa, mas de cada vez que Theophilo escorrega, este sorriso transforma-se n'uma ruidosa gargalhada, que tenta logo comprimir, mas que continúa um instante depois.

Tamponnet que tem notado os sorrisos zombeteiros da joven que está na sua frente, sente-se ainda mais embaraçado quando se vê obrigado a dansar com ella. As suas pernas trocam-se, batem uma na outra, engana-se, escorrega de novo, vae de encontro a um homem que não dansa e que o olha admirado, depois volta para o lado da joven que escolheu para par, desculpando-se de a ter deixado só um instante. Mas ao menos esta não se ri, pelo contrario, logo que elle se aproxima, a bonita morena descora, seu seio arfa, seus olhos tornam-

se languidos e de vez em quando leva a mão á fronte.

Vendo o effeito que produz, Theophilo diz de si para si:

—Deve ser a tal menina... Tanto melhor, não me desagrada... Como está commovida ao pé de mim. Tem um rosto melancolico, e é romantica, com certeza. Esta mulher ha-de saber amar bem... Se lhe desse a entender os meus planos. A sua mão pareceu-me tremer na minha. Encantadora joven, ha sympathia entre nós. Não é como aquella cara de escarneo que ali está na minha frente. E' bonita, bem feita, não ha duvida, mas embirro com ella... Não tira os olhos de mim quando danso... Que ar de chacota! o caso é que me perturba, que me faz enganar, e que já tenho estado para ir com as ventas ao chão. Ah! meu Deus! sou eu agora que devo dansar a *solo*, *affrontemo-nos*. Como o demonio da casaca me incommoda.

Theophilo executa o que acaba de resolver; emprega todos os meios para ter graça e ligeireza; é provavel que produza um effeito contrario, porque ouve bem depressa o riso abafado do seu *vis-á-vis;* então, não sabendo já o que faz, e querendo concluir o solo por alguma coisa que surprenda, arrisca uma quinta, mas terminando, escorrega; então busca suster-se para não cair, segura-se á primeira coisa que encontra; esta primeira coisa é o veu de renda que uma dama de cincoenta annos e de uma excessiva magreza tinha posto no pescoço em lugar de lenço; esta dama fazia parte da quadrilha

onde tentava lutar de ligeireza com as raparigas, o que conseguia porque era extremamente magra, e, vista por detraz, podia ainda illudir e passar por nova.

Entretanto o veu de renda não era tão forte que podesse resistir ao peso de Theophilo; este tem-se estendido no meio da sala, levando comsigo o objecto a que se tem agarrado.

A dama solta um grito sentindo descubrir o seio de um modo tão brusco; expõe a todos os olhares coisas que ninguem lhe tinha pedido que mostrasse, e apressa-se a crusar as mãos sobre o peito como a Venus pudica. Theophilo trata de se levantar, quando de repente um movimeno de susto se manifesta um pouco mais longe; é a menina morena e pallida com quem elle dansava, que, depois de ter levado ainda a mão á fronte, acaba de desmaiar.

Todos se apressam a soccorrel-a e conduzem-na para junto de uma janella de um quarto proximo. Durante este tempo Theophilo levanta-se, a dama alta e magra apanha o veu e cobre certas coisas que não tinha o menor desejo de mostrar.

—Que succedeu? pergunta Theophilo coxeando porque tem torcido um pé quando caiu.

—E' a menina Euphemia que perdeu os sentidos, a menina com quem o senhor dansava.

—Perdeu os sentidos!... Pobre rapariga! Seria de susto por me vêr cair? Que sensibilidade! que bom coração! e que interesse que já lhe inspiro! Que reconhecido que lhe devo ser, por ter desmaia-

do por minha causa! Não é como a outra tola que eu ouvi rir ás gargalhadas... Que espirito de maldade! Agora me recordo de a ouvir exclamar quando caí: Não podia deixar de assim succeder.

E Theophilo apressa-se a sair da sala para ir tambem soccorrer a menina Euphemia; mas, junto da porta, encontra ainda a joven loura, que o olha com ar chocarreiro e lhe diz:

—Como! o senhor maguou-se?

—Sim, minha senhora, torci um pé... E' isto alegre, não é verdade?

—Ah! senhor, pois suppõe que eu folgue por vêr soffrer alguem?

—Entretanto, a senhora riu quando me viu cair.

—Pois não sabe que é este sempre o primeiro effeito que produz uma queda!... A não ser um velho que cae, ri-se primeiro, depois soccorrem-se as pessoas se ellas se tem molestado. Alem de quê, o senhor tinha já escorregado tantas vezes!... Eu esperava o que lhe succedeu... Ah! ah! ah!

A joven loura começa de novo a rir e Theophilo affasta-se dizendo comsigo:

—Não me enganei com o seu ar de candura... Corramos a soccorrer Euphemia... Oh! Euphemia!. . que bonito nome... estou bem satisfeito por ella se chamar Euphemia!...

Theophilo entra no quarto para onde foi transportada a joven que desmaiou. Esta está recostada n'uma poltrona, que se tem aproximado da janella, tem-se-lhe lançado agua fresca no rosto, e começa

a recobrar os sentidos e a abrir os olhos; rodeiam-na muitas pessoas, mas Theophilo consegue aproximar-se da doente e exclama:

—Ah! minha senhora! quanto me sensibilisa... quanto me commove... o interesse que...

Mas Euphemia não deixa Theophilo terminar, sente uma especie de crise nervosa, e estende as mãos para impedir que elle se aproxime; immediatamente todas as senhoras que ali estão rodeiam Theophilo e o empurram para fóra do quarto dizendo-lhe:

—Retire-se, senhor, retire-se depressa... bem vê que a sua presença lhe faz mal... olhe que se arrisca a dar-lhe novo desmaio.

—Como, minhas senhoras, pensam que sou eu a causa... d'esta menina...

—Certamente, é o senhor... não ha a menor duvida; bem viu que perdeu os sentidos quando o senhor caíu... Oh! affaste-se depressa, ella deve vêr que o senhor está ainda aqui...

Theophilo é repellido para uma casa de entrada; sente-se todo perturbado pelo que lhe acontece e diz comsigo:

—Parece que todos adevinharam os sentimentos que inspiro á menina Euphemia... isto já para ninguem é segredo... felizmente para ella que são por mim partilhados... era preciso ser bem ingrato para não me sensibilisar pelos testemunhos de um tão vivo interesse. Ah! eis Badinet...

—Meu caro Theophilo, diz o dono da casa aproximando-se do seu amigo, venho pedir-te por fa-

vor que não danses mais, porque és um homem perigosissimo; descobres o peito ás senhoras, fazes com que outras desmaiem... estragas-me o sobrado... e não sei onde isto chegará...

—Socega, caro amigo, não continuarei a dansar, isto me seria agora impossivel, porque torci um pé e sinto immensas dores. Vou já para casa deitar-me.

—Não te demoro, porque temo que, ficando, me fizesses desmaiar todas as senhoras da minha reunião.

—Hum! sempre a zombar!... emfim, Badinet, *retiro-me encantado... porque a conheço... sei quem é...* não tive necessidade de esperar até á meia noite.

—Ah! adevinhaste qual é a menina que te destino?...

—Sim, meu amigo, adevinhei... Demais, a sympathia não diz sempre ao nosso coração: Eil-a?

—E agrada-te?

—Se me agrada! estou louco por ella... adoro-a... vou tratar de curar o pé, para me apressar a desposal-a...

—Como! incendiaste-te tão depressa?

—E parece-me que a ella lhe aconteceu outro tanto.

—Julgas isso?

—Se o julgo!... és divertido, palavra de honra... Vamos, volta para a sala... eu vou-me deitar... tenho o pé muito inchado... mas faz-lhe saber que o meu coração lhe pertence, e que desde este momen-

to, a sua imagem. . os seus olhos... ai!... sinto-me muito mal, vou-me deitar.

XIV

THEOPHILO CASA-SE

No dia seguinte ao do baile, Badinet, que deseja saber se o seu amigo se acha ainda tão impressionado como na vespera, dirige-se a casa de Theophilo, que encontra estendido sobre um sofá, com o pé envolvido em compressas de sabão preto e de aguardente camphorada.

Vendo o seu amigo Badinet, o doente estende-lhe a mão e diz-lhe:

—Quanto te agradeço a tua visita, Badinet, não podes imaginar o prazer que me dás.

—Não é isto uma coisa toda natural? Mas, em primeiro lugar, como vae o teu pé?

—Oh! muito melhor; com tres dias de descanço ficarei completamente bom. Mas dá-me noticias da encantadora joven... que tenciono tornar sr.ª Tamponnet... como está ella?

—Bôa, dansou até ás duas horas da noite.

—Dansou até tão tarde!... a sua indisposição então passou-lhe?

—A sua indisposição! porem ella não me pareceu indisposta.

—Ora adeus! estás zombando, estava ainda meia desmaiada quando me retirei.

—Estava desmaiada... a menina Nathalia Gerbault?

—Que estás a dizer... Nathalia Gerbault!... não sei quem é! fallo-te de Euphemia... d'aquella trigueirinha romantica... de tez pallida... com quem dansei... e que perdeu os sentidos quando me viu caír no meio da sala.

—Euphemia Durmont!

—Não sabia o seu nome de familia... é Durmont?... tambem não me desagrada.

—Mas a que proposito me fallas de Euphemia?... é de Nathalia que se trata... é esta menina loura que te destino.

—Uma menina loura... que ri muito... e que ficou defronte de mim quando dansei?

—Exactamente!

—Como, é essa... ah! obrigado, podes guardal-a... não a desposaria ainda mesmo que trouxesse duzentos mil francos de dote.

—Socega, é coisa que não tem... Mas qual é o motivo d'essa repugnancia por uma rapariga tão bella, tão espirituosa, tão sympathica?...

—Bella, é possivel... alegre... oh! sim, até alegre de mais! não deixou de rir emquanto dansei... o que bastante me perturbou; foi ella a causa de eu cair... e de pôr em exposição os mysterios d'aquella senhora alta e magra.

—Nathalia riu... porque fazias uma figura das mais caricatas... parecia que tinhas os braços atados... a casaca incommodava-te...

—Não importa; prefiro a morena que dansou

commigo... causei immediatamente a impressão mais viva no seu coração... suspirava junto de mim... e isto é lisonjeiro.

—Talvez sonhasses isso.

—Sonhei!... e quando caí, e ella perdeu os sentidos, tambem sonhei?

—Como! pois julgas que foi por tua causa que Euphemia desmaiou?

—Por quem foi então?

—Ah! ah! ah! meu pobre Theophilo... foram os perfumes em que estavas impregnado que lhe offenderam os nervos... ella mesma o disse quando tornou a si... foi por isso que te repelliu quando te aproximavas para a soccorrer.

Theophilo franze os sobrolhos, morde os labios e murmura:

— Ah! suppões isso?

—Não supponho, tenho a certeza; tanto mais que quasi todas as senhoras me disseram tambem: Eis um sujeito excessivamente perfumado... É impossivel poder-se estar ao pé d'elle.

—Ah! disseram-te isso? não importa, eu conservo a minha opinião. Não é então a menina Euphemia Durmont que desejas vêr-me desposar?...

—Não, meu amigo, é Nathalia Gerbault... que tem um bello dote e um genio excellente... sempre alegre, sempre o mesmo; quando a conheceres melhor, me dirás se tenho rasão.

—Obrigado, não desejo conhecel-a mais. E' Euphemia que me agrada, é com ella que desejo casar... que edade será a sua?...

—Vinte e cinco annos, se tanto.

—E o que se diz a seu respeito?

—Nada! é uma menina muito virtuosa, muito bem educada.

—Então porque preferes a outra?

—Por causa do dote.

—Que importa isso! o que tenho é sufficiente.

—Depois, minha mulher, que é amiga de Nathalia, sabe que esta é uma menina que fará um marido feliz... emquanto que Euphemia é romantica, nervosa... é com as mulheres nervosas corre um homem grande risco, meu caro amigo.

—Pois isso agrada-me... é uma prova de sensibilidade.

—Finalmente, Nathalia só tem seu pae, homem muito delicado, que não se envolverá nos negocios familiares de seu genro, emquanto que Euphemia tem ainda mãe, senhora que nunca ri, e que, casando sua filha, não a ha-de querer deixar... ora uma sogra é algumas vezes terrivel coisa, meu amigo.

—Exagera-se sempre. Uma sogra faz companhia, e vigia nossa mulher quando estamos ausentes... Meu caro, quero desposar Euphemia Durmont.

—Estás pois decidido?

—Bem decidido.

—Recorda-te que não sou eu que t'o aconselho.

—Certamente... mas como sou eu que hei-de casar, quero que a mulher seja do meu agrado.

—Muito bem, faze o que quizeres. Logo que poderes sair vae a nossa casa; eu farei com que te

encontres com a menina Durmont e sua mãe... Mas se quizeres ser amado da filha, acredita-me, não te tornes a perfumar.

Quatro dias depois Theophilo saía; quinze dias mais tarde tinha declarado a Euphemia as suas intenções, e passado um mez tudo estava terminado. Theophilo conduzia ao altar aquella com quem havia dansado em casa de Badinet.

O recemcasado não cabia em si de contente; sua mulher parecia modestamente satisfeita, e a sr.ª Durmont, a sogra de Theophilo, conservava-se quasi constantemente por detraz de seu genro, dizendo-lhe o que devia fazer, como a um rapaz que sae do collegio.

XV

TRIBULAÇÕES DE UM MARIDO

—Meu genro, dê-me o braço... sua mulher aceitará o braço de seu primo.

—Sim, minha senhora.

—Meu genro, quando fôrmos comer a alguma casa de pasto, não quero que falle em voz baixa a sua mulher... poder-se-lhia suppor coisas inconvenientes.

—Sim, minha senhora.

—Não a abraçará.

—Como! não quer que abrace minha mulher?...

—Deante de gente, não, senhor. Não tem tempo de a abraçar em casa?

—Tem rasão.

—Á mesa não se deve sentar ao lado de Euphemia, mas ao pé de mim.

—Obedecer-lhe-hei, minha senhora.

—Durante o jantar, evitará que se recitem versos ao seu casamento... estes versos são muitas vezes demasiadamente livres.

—Sim, minha senhora.

—Á noite não dansará com sua mulher senão uma vez... ouviu? só uma vez!

—Porque rasão?

—Porque é preciso deixar a noiva acceitar os convites dos parentes, dos amigos, dos estranhos...

—Mas eu não me casei para que minha mulher danse com os outros e sim commigo.

—Que quer dizer? lembrar-se-ha de me ensinar os usos da boa sociedade?... isso seria attrever-se a muito!

—Minha senhora, não tive a intenção de...

—Basta; acceito as suas desculpas... Chegamos ao ponto mais delicado... áquelle... deve-me comprehender...

—Não, minha senhora, não comprehendo...

—Ouça. Ha noivos que no dia do casamento... quando o baile está em todo o seu esplendor, levam suas mulheres... desapparecem com ellas pelo meio da noite.

—Não quer então que eu desappareça, minha senhora?

—Ah! senhor, nem em tal deve pensar!... Se fizesse semelhante coisa, obrigaria sua mulher a exigir o divorcio.

—Socegue, minha senhora, não desapparecerei. Mas então, quando me será permittido retirar-me com minha esposa?...

—Sou eu que acompanharei minha filha, senhor; eu escolherei a occasião opportuna, e quando isto não offenda a decencia.

—E a mim quem me acompanhará, minha senhora?

—O senhor sairá só; mas esperará que todos se retirem... entendeu?...

—Isso poderá fazer-me deitar muito tarde... Ha pessoas que não se fartam de dansar...

—O senhor deitar-se-ha sempre bastante cedo.

—Como assim?

—Basta, sr. Tamponnet, basta! deixemo-nos de mais explicações.

Depois d'esta conversação entre o noivo e sua sogra, deve-se conhecer que o casamento de Theophilo não foi muito alegre. Quando um convidado dizia algum gracejo, a sr.ª Durmont pisava o pé de seu genro, que pisava o da sua visinha, esta fazia outro tanto ao do seu visinho e assim successivamente; pisando-se d'este modo os pés chegava-se á pessoa que se attrevia a gracejar, esta comprehendia e calava-se.

Mas Theophilo olhava amorosamente para sua mulher, que não retirava os olhos do prato.

—Estou certo que Euphemia não ousa voltar os

olhos para o meu lado porque sua mãe lh'o prohibiu, dizia o noivo comsigo mesmo. Felizmente não havemos de estar sempre deante de minha sogra! e emfim, Euphemia é minha mulher, é minha propriedade, eu sou seu marido... e se minha sogra me importunar muito... terei pouca duvida em a despedir, em me separar d'ella.

O dia das nupcias passou; seguiu-se a lua de mel, depois uma quantidade de outras luas que não são absolutamente de mel para Theophilo, porque sua sogra não deixa sua filha um só instante.

O pobre marido não pode sair com sua mulher sem dar o outro braço á sr.ª Durmont; não vae ao theatro, se não é da vontade de sua sogra; não acceita um convite para jantar fóra de casa, se as pessoas que lh'o dirigem teem a impolitica de não convidarem tambem sua sogra; não recebe em casa tal ou tal pessoa, porque um dia, entrando na sala, não saudou sua sogra em primeiro lugar; despede uma creada, que desempenhava bem as suas obrigações, porque respondeu a sua sogra, e conserva outra que para nada serve porque a lisonjêa, dizendo que ella é uma excellente mulher.

E' um nunca acabar de precauções para não pôr a sogra de mau humor. A's vezes Theophilo lembra-se ainda de fazer a sua vontade, de mostrar que é o senhor; mas logo que sua sogra apparece e fita sobre elle o seu olhar carregado, entes desvanecer todas as suas resoluções e torna-se docil como um borrego.

Alem de quê, o hymeneu produzia os seus fru-

ctos. Theophilo estava encantado; olhava com orgulho para sua mulher, e via-se tambem a si ao espelho como alguem que está satisfeito da sua sorte. Quando as pessoas do seu conhecimento o iam visitar, esfregava as mãos, sorria com ar malicioso; e uma vez attreveu-se até a dizer indicando Euphemia:

—Já vêem que não temos perdido o nosso tempo!

Mas isto fôra desapprovado por sua sogra, que lhe tinha dito:

—Que é isso! o senhor não se envergonha de dizer semelhantes coisas?

—O' minha senhora, quando se é casado, estas coisas devem ser permittidas... e se eu não desempenhasse os meus deveres de marido... parece-me que minha esposa...

—Cale-se, senhor, peço-lhe que não diga mais uma palavra! não continue a proferir inconveniencias!...

Theophilo ficara muito envergonhado, mas calara-se; e quando via o seu amigo Badinet, occultava-lhe todas as tribulações que sua sogra lhe fazia soffrer, porque elle lhe teria respondido:

Assim o quizeste, Jorge Dandin!

Euphemia tem dado á luz um menino. Theophilo, satisfeito de ter um filho, trata immediatamente de escolher uma ama; porem a sr.ª Durmont declara que a creança deve ser criada com mammadeira e a ama é despedida.

Theophilo teme que seu filho não seja bem alimentado com mammadeira, e pede a sua mulher

que o alimente com o seu proprio seio; mas a sogra não quer que sua filha se entregue a cuidados que a obrigariam a descubrir o peito deante de olhares profanos.

E' em vão que Theophilo lhe diz:

—Minha senhora, nada ha mais respeitavel do que uma mulher amamentando seu filho... Nunca, que eu saiba pelo menos, isto despertou más idéas mesmo no homem o mais extravagante.

A sr.ª Durmont responde com arrogancia:

—Senhor, as mammadeiras forão inventadas para as mulheres não serem obrigadas a descubrir o seio... Isto é um dos mais bellos progressos da civilisação... Quanto ás amas, devem ser supprimidas. Estou convencida que antes de pouco tempo ninguem as procurará.

Theophilo cala-se temendo contrariar sua sogra, e a creança é alimentada á vontade da sr.ª Durmont. Tamponnet consola-se porque, conservando seu filho em casa, pode por consequencia vel-o a todas as horas do dia. Habitua-se mesmo facilmente aos gritos, ao chôro, aos gemidos tão frequentes de uma creança de cueiros.

Mas Euphemia, que é excessivamente nervosa, não supporta tão bem como seu marido a bulha quasi continuada feita por seu filho. Quando elle grita muito, põe o chapeu e o chale e diz a sua mãe:

—Saiamos, mamã, peço-lhe que saiamos! Não posso ouvir gritar assim esta creança... Embora me diga: E' impertinencia dos dentes... nem por isso me custa menos a ouvil-o...

—Pois, sim, filha, saiamos... Sr. Theophilo, tome cuidado no menino, vêja se o deixa chorar... Ali tem a mammadeira sobre aquella mesa... faça uso d'ella... mas com moderação.

E as duas damas affastam-se, deixando Theophilo sentado junto do berço de seu filho, deitando leite na mammadeira, provando-o para vêr se tem assucar sufficiente, e emfim, introduzindo este instrumento na bocca da creança e murmurando:

—Bebe, Hippolyto, bebe, meu filho... Um dia saberás que tiveste teu pae por ama... Não sei se por isto serás mais meu amigo. Devias sel-o, me parece, porque emfim sou quasi ao mesmo tempo teu pae e tua mãe! Desempenho funcções que ordinariamente não pertencem aos homens... Bebe, querido menino. Se tiveres talento, se algum dia te tornares um heroe, um artista celebre, poderei dizer: Fui eu que o nutri com o meu leite! Julgar-se-ha que digo uma asneira, e isto entretanto será a verdade. Se Badinet me visse n'esta posição, de certo que zombaria de mim... Mas estas senhoras demoram-se bastante... não as fartam de passear...

Hippolyto que tinha sem duvida um bom temperamento, desenvolvia se muito bem, e não tardou a querer outra coisa alem do leite; porem como o seu genio era pessimo, não obstante ir crescendo, continuava a gritar. Euphemia, para evitar as suas crises nervosas, ia ainda passear com sua mãe, e Theophilo era encarregado de dar as papas ao menino, o que elle fazia, dizendo comsigo:

—Gosto bastante da rapadura da tigela e co-

mel-a-hei... As papas não me desagradam... e isto é uma felicidade, porque, se não gostasse d'ellas, mais este trabalho me havia de enfadar.

Entretanto, se alguma vez aborrecido de papas, Theophilo arriscava uma observação, se dava a entender que não queria continuar a ser ama de creanças, sua sogra lançava-lhe um olhar indignado exclamando:

—Preferia então o senhor que minha filha adoecesse, que tivesse syncopes?.. Sabe perfeitamente que o seu coração é tão sensivel que não pode ouvir chorar Hippolyto... e queria obrigal-a a ficar junto d'elle?... Ah! o senhor é um Welche, um Barbaro, um Huron, um tyranno domestico.

O pobre Theophilo não ousava replicar, e ficava ao pé do menino Hippolyto, que cada vez se tornava mais rabugento.

Mas um dia, encolerisando-se com uma creada por lhe entornar sobre o vestido uma tigela de caldo, a sr.ª Durmont gritou tanto que quebrou um vaso do peito, e ao fim de alguns dias morreu.

E o ingrato Theophilo teve a indignidade de não a prantear.

XVI

DESEJOS DE UMA MULHER GRÁVIDA

Logo que a sr.ª Durmont deixou de viver, Theophilo pensou o seguinte:

—Agora isto vae caminhar de outro modo. Minha sogra estava sem cessar entre mim e minha mulher para lhe dar a rasão e ralhar commigo, mas chegou tambem a vez de eu mandar... de ser o senhor... e era tempo. Minha esposa ha-de fazer quanto eu quizer porque me tem muito amor, e falta-lhe já a mãe para lhe dizer ao ouvido que é ella que deve ser a senhora.

Mas uma causa inesperada é entretanto muito natural detem Theophilo nos seus projectos de reforma. Sua mulher acha-se novamente grávida; é má occasião para se mostrar rigoroso; pelo contrario deve ser meigo, condescendente, carinhoso, e não recusar coisa alguma a sua esposa. Esta abusa largamente da sua interessante posição. Faz andar seu marido n'uma roda viva, e muitas vezes inutilmente, porque os desejos de Euphemia mudam tão depressa como são formados.

Um dia, antes de jantar, declara que deseja melão, quer por força comer melão, e diz que não irá para a mesa se o não tiver. Este desejo seria facil de satisfazer se fosse verão, mas é no mez de fevereiro, com um frio de vinte e cinco graus que a sr.ª Tamponnet tem este intempestivo desejo.

Theophilo, presumindo que lhe será impossivel achar um melão, faz timidamente algumas observações. Mas sua mulher bate com os pés como uma creança, exclamando:

—Quero melão... hei-de tel-o ao jantar, senão, pense bem no que poderá resultar.

E Hippolyto, que tem quasi cinco annos e é

tão goloso como senhor da sua vontade, bate com o garfo sobre a mesa dizendo:

—Melão, papá... nós queremos melão... lão... lão...

Theophilo pega no chapeu e sae pronunciando n'um tom solemne:

—Hão-de tel-o se o houver n'alguma parte.

E o pobre marido sae todo afflicto; sente o desejo de bater com a cabeça pelas paredes, mas reflecte que isto não lhe fará achar melões e começa a fazer as suas pesquizas.

Entra ao acaso n'alguns lugares de fructa, e murmura timidamente:

—Acaso tem melões para vender?

N'uns lugares riem-se, n'outros respondem-lhe:

—Melões n'este tempo... melões em fevereiro!... ora não zombe... é para *troçar* comnosco que nos vem fazer essa pergunta.

Theophilo affasta-se triste e confuso, não sabendo o que faça e dizendo comsigo:

—Como serei infeliz se não conseguir satisfazer este desejo de minha mulher!... Se ella d'esse á luz um melão!... oh! isto seria espantoso!... Euphemia dir-me-hia:

«—A culpa é sua, senhor, se tivesse satisfeito o meu desejo, não o tornaria pae de uma monstruosidade.

Theophilo corre todos os melhores armazens de fructa; não encontra melões. No *Palais-Royal*, em casa de *Chevet*, diz-se-lhe:

—Se faz muito empenho em ter um melão, cus-

tar-lhe-ha caro, mas podemos-lh'o arranjar; escreveremos para Italia...

—E quando poderá o melão chegar?

—D'aqui a oito dias.

— Oito dias... mas é hoje... n'este momento que o necesito .

—Então é impossivel.

Theophilo affasta-se todo desanimado; caminha ao acaso pelas ruas, murmurando:

—Um melão!... onde hei-de eu ir buscar um melão? ...

Mas alguem lhe toca no nombro dizendo-lhe:

—Que tens, meu caro? como estás desfigurado!... succedeu-te alguma desgraça?

Theophilo reconhece o seu amigo Badinet que tem um pouco envelhecido, mas que se conserva sempre alegre e satisfeito; ao vêl-o aperta-lhe a mão e conta-lhe o embaraço em que se acha.

Badinet põe-se a rir, como é o seu costume, e responde-lhe:

—Ah! ah! ah! pois tu queres satisfazer todos os caprichos, todas as phantasias de tua mulher!...

—Mas, meu caro amigo, pensa no estado em que minha esposa se acha, é só por isso que pretendo satisfazer o seu desejo.

— Quando uma mulher pede o que não tem senso commum, manda-se passear.

—Isto tem senso commum.

—Não n'esta epoca. Emfim, se tua mulher te pedisse a lua... dar-lh'a-hias?

—Trataria de achar alguma coisa que se lhe assemelhasse.

—Pois bem, vem commigo, vou fazer com que tenhas um melão.

—Palavra de honra?

—Palavra de honra, poderás satisfazer o desejo de tua esposa.

—Ah! Badinet, tu és o meu salvador... tu és... o meu desejado melão.

—Obrigado.

—Badinet tinha relações com o director de um theatro; vae procural-o acompanhado de Theophilo, e encontra-o ensaiando o scenario de um drama em seis actos. Então seis actos era muito; hoje que se fazem peças em trinta quadros seria uma miseria. Se continuarmos n'esta proporção, d'aqui a algum tempo teremos peças em cem quadros. De coisa alguma nos devemos admirar.

Badinet falla em voz baixa ao seu amigo. O director do theatro sobe immediatamente ao deposito dos accessorios e volta com um suberbo melão que tem figurado muitas vezes com bom exito em varios festins, e o entrega a Badinet. Este volta-se para Theophilo dizendo-lhe:

—Eis o que te prometti.

—É certo que isto illude perfeitamente, diz o esposo de Euphemia; mas como é papelão, quando minha mulher o quizer comer, conhecerá que a engano.

—Não me disseste que tua mulher mudava de desejos quasi tão depressa como os formava? que

muitas vezes te mandava buscar uma coisa... e que, vendo-te voltar com ella, o seu desejo passava, repellindo com aversão o que lhe trazias e dizendo: Não quero isso... retire-se... desappareça deante de mim?

—É verdade.

—Pois bem! succederá o mesmo com o melão... vel-o-ha e não lhe quererá tocar... e ámanhã restituil-o-has ao meu amigo, porque elle empresta-m'o com a condição de não o inutilizares.

Theophilo decide-se a adoptar a idéa do seu amigo; leva o precioso accessorio, que embrulha em papel como um verdadeiro melão, volta para casa alagado em suor, e colloca-o cautelosamente n'um prato, dizendo a sua mulher:

—Aqui tens o melão, Euphemia, não podes sequer fazer uma idéa do trabalho que tive para o encontrar.

A sr.ª Tamponnet olha para o falso melão; seu marido estremece, receioso de que ella se lembre de lhe pegar; tem pena de o não ter untado com alguma coisa desagradavel ao olfacto, o que poderia tirar a sua mulher o desejo de o comer; mas bem depressa o seu susto se dissipa; Euphemia volta a cabeça e faz um movimento com a mão dizendo:

—Tire isso d'ahi... leve esse melão, eu lh'o rogo... não o quero vêr... ah!... que afflicção que elle me causa...

—Como quizeres, querida amiga; oh! visto que o teu desejo passou, não te quero obrigar a comel-o...

E Theophilo apodera-se apressadamente do melão; mas Hippolyto põe-se a soltar grandes gritos dizendo:

—Papá, quero melão... quero melão, papá...

—Que dizes, filho? um melão que me custou sessenta francos, e que difficilmente me tornarão a comprar com dez francos de perda!... E' coisa que eu não faço é partil-o por tua causa... come antes uma maçã, é muito melhor.

O bom resultado do melão tinha animado Theophilo; durante algum tempo, tendo sua mulher unicamente desejos faceis de satisfazer e pouco dispendiosos, contenta-os; mas um dia, diz-lhe ella de repente que quer ter ao jantar um pastel de carne.

—Eu te comprarei um bocado, diz Theophilo.

—Não, senhor, não é um bocado que eu quero... é um pastel inteiro... e um pastel grande, ouviu? porque me parece que o comerei eu só.

Theophilo reflecte sobre este novo desejo de sua mulher.

—Um pastel de carne não me custa menos de trinta francos, diz elle comsigo. Se fosse coisa que eu gostasse, compral-o-hia, mas faz-me mal, não o posso comer. Euphemia não o ha-de querer logo que o vèja... por consequencia seria um tolo se fosse fazer esta despeza para a creada, e para o pequeno que ha-de gostar muito mais de comer bolos. Vamos procurar o director de theatro; o amigo de Badinet certamente deve ter um pastel, isto são coisas que no theatro apparecem qua-

si sempre n'uma refeição... e estou certo que não recusará emprestar-me um por hoje.

Theophilo acha um bello pastel de papelão no deposito de accessorios, mette-o debaixo do braço, torna a fazer o mesmo que fez com o supposto melão, colloca-o elle mesmo n'um prato sobre a mesa, e diz a sua mulher.

—Aqui está o que desejaste.

Euphemia olha para o pastel e sorri respondendo a seu marido:

—Ah! obrigada, meu amigo... é magnifico, tem uma bella apparencia.

Theophilo muda de côr; comprehende que sua esposa quer comer o pastel. Para maior infelicidade o senhor seu filho, que está já á mesa, começa a sua canção:

—Ah! vamos comer o pastel... do papá... foi o papá que o trouxe... ohl como ha-de ser bom... como ha-de ser bom!...

Põem-me á mesa. Theophilo não se acha á sua vontade; serve a sua mulher um enorme prato de sôpa. Ainda ella o não tem acabado, serve-lhe mais; desejaria fazel-a comer toda a sôpa, afim de que não possa comer outra coisa; mas Euphemia detem-o dizendo-lhe:

—Não me deite mais, meu amigo, não quero mais sopa...

—Fazes mal, minha joia, a sopa está excellente, e no teu estado é o que se pode comer melhor; é mesmo ordenado pelos medicos.

—Repito-lhe que não quero mais...

—Então come vacca, repolho, chouriço, tudo isto é ainda muito bom para uma mulher na tua posição... Olha, come esta posta de peixe...

—Estou com appetite no pastel.

—Oh! sim, mamã, eu tambem quero pastel... Eu quero a côdea, papá.

Theophilo empallidece; bebe um grande copo d'agua e murmura:

—Pastel é perigoso para ti, filhinha... Comprei-o para te não contrariar; mas dou-te de conselho que o não comas... É horrivelmente pesado! pode trazer-te resultados funestos...

—Deixe-me tranquilla, senhor; no meu estado, pelo contrario, uma mulher pode comer tudo o que lhe agradar, sem receio de adoecer...

—Oh! não te fies n'isso... Olha, contaram-me que uma senhora que estava grávida, comeu as torcidas de um candieiro, e por pouco que não morreu.

—Como! pois eu tenho semelhantes desejos?... Eu só desejo coisas bôas! Vamos, parta o pastel e dê-me um bocado.

Theophilo quereria poder enrolar-se no guarda-napo... Deixa cair a faca no chão, abaixa-se para a apanhar, e fica a procural-a debaixo da mesa. Sua mulher impacienta-se e decide-se a servir-se a si mesma. Aproxima o prato que contem o pastel de papelão, e, com uma faca, principia a querer levantar-lhe a côdea.

Toda admirada de vêr esta côdea levantar-se tão facilmente, Euphemia avança a cabeça, olha para

o interior do pastel, e vê dois novellos de barbante e tres copos de estanho que tinham ali sido mettidos por um rapaz do theatro.

A sr.ª Tamponnet solta um grito.

—Grande Deos!... que é isto?... cordel... copos... isto é um pastel de papelão!... Que horror!

Theophilo obstinava-se a ficar debaixo da mesa, como para procurar a faca; mas sua mulher puxa-lhe pelo casaco, e obriga-o a levantar-se e a confessar a sua astucia. O pobre marido diz-lhe que tudo foi um gracejo; mas Euphemia enche-se de colera, e responde-lhe que é uma barbaridade zombar-se de uma mulher que está na sua posição. Emfim, o desgraçado Theophilo corre a comprar um pastel verdadeiro, mas quando volta sua mulher nem mesmo o quer vêr. Hippolyto porem come a ponto de ter uma indigestão.

Todos estes acontecimentos não impedem a sr.ª Tamponnet de dar á luz uma menina, que seria muito bonita se tivesse nariz; o que possue é tão pequeno, que se fica em duvida, ao vêl-a, se ella se poderá assoar.

Então Euphemia diz a seu marido:

—Veja, senhor, a nossa filha não está completa... Quasi que não tem nariz... e a culpa é sua, porque não satisfez todos os meus desejos.

—Ah! querida amiga, eu não mereço essa censura. Acaso me pediste narizes alguma vez? Era isto que tu querias comer? Eu não sabia! Mas socega, o nariz de Amanda, nossa filha, ha-de crescer,

elle se formará. E demais as mulheres teem sempre nariz sufficiente.

D'esta vez como sua sogra já não existe, Euphemia consente em que seja dada uma ama a sua filha.

XVII

UMA MULHER CIOSA

Tendo a sr.ª Tamponnet deixado o seu estado interessante, Theophilo dizia de novo:

—Agora vou ser o senhor em minha casa, e minha mulher não me fará andar outra vez a procurar melões no mez de fevereiro... Que tenha os desejos que quizer, não me inquietará; ouso esperar, alem d'isto, que não ha-de ter outro desejo senão o de me agradar. Creio que se canta isto n'uma opera. Não sei o nome d'ella, mas é o mesmo. Possuo um filho e uma filha, é sufficiente. Tenho meios bastantes para viver com commodidade; parece-me que é chegado o momento de ser feliz.

Mas é ordinariamente quando julgamos tocar a felicidade que ella nos escapa, e até então o pobre Theophilo procurava-a sem a poder encontrar.

A um jantar dado pelos esposos Tamponnet para festejarem o nascimento de sua filha, entre umas qûinze pessoas que haviam sido convidadas, achavam-se Badinet e sua mulher. Esta era muito amavel e ria com extrema facilidade; o dono da

casa que estava muito alegre por vêr sua mulher livre de perigo e sua filha entregue aos cuidados de uma ama, mostrou-se mais satisfeito que de costume; introduziu mesmo alguns ditos chistosos na conversação, coisa que tambem lhe não era habitual, e mais de uma vez a sr.ª Badinet exclamou:

—Ah! sr. Tamponnet... não continue; quer-me fazer morrer de riso? O senhor está hoje terrivel!... Ah! ah! ah! sr.ª Tamponnet, diga a seu marido que se cale... Se soubesse tudo o que elle me tem dito!...

A sr.ª Tamponnet franziu os sobrolhos, forçou um sorriso, lançou um olhar furibundo a seu marido e respondeu:

—Ignoro o que elle lhe possa dizer, minha senhora; entretanto parece-me que isso não lhe desagrada...

No meio das conversações, das gargalhadas, do ruido dos copos e dos garfos, não foi notada esta resposta.

Mas, á noite, a sr.ª Tamponnet queixa-se de uma violenta dôr de cabeça e repete amiudadas vezes:

—E repouso que eu preciso, só o repouso me fará bem.

Quando uma dona de casa diz aos seus convidados: «Tenho necessidade de dormir,» é absolutamente como se lhes dissesse: «Estão a incommodar-me, vão-se deitar.» A sociedade sabe muito bem viver para não comprehender isto.

Pelas onze horas da noite, teem saído todos os convidados de casa de Theophilo, que, lamentando

que o tivessem deixado tão cedo, se dispõe tambem a deitar-se, quando sua mulher se colloca deante d'elle com ar tragico e lhe diz:

—O senhor hoje ha-de estar muito contente, não é verdade?

—Sim, minha joia, muito contente... Pena tenho eu de se retirarem tão cedo... mas disseste tantas vezes que te doía a cabeça...

—Oh! não é unicamente a cabeça que me doe... monstro!... homem indigno!... E ousa ainda olhar-me face a face?...

Theophilo pára no momento em que vae pôr na cabeça o barrete de dormir, olha para sua mulher e ballucía:

—Que estás tu a dizer, Euphemia?... não te comprehendo!... andas a estudar um papel de algum drama?

—Oh! não esteja a fazer-se innocente, senhor, presentemente conheço-o, sei o que vale... e, aquella mulher... na minha presença, consentir que se lhe fizesse a côrte de um modo tão evidente... que descaramento! mas espero que ella não tornará mais a pôr os pés n'esta casa... ouviu, senhor? não a quero vêr aqui mais!...

—Mas de que mulher estás a fallar? o diabo me leve se eu sei o que tudo isto significa...

—Não finja que não comprehende! Sabe muito bem que é da sr.ª Badinet que se trata... da sr.ª Badinet com a qual se comportou á mesa de uma maneira indecente.

—Eu!...

—A quem fallava constantemente ao ouvido... rindo, fazendo-lhe gestos... que eu nunca lhe tinha visto.

—Eu!...

—Não tinha cuidados, attenções senão para ella; isto é revoltante... e não lhe fallo senão do que toda a gente viu. Se eu tivesse podido olhar para debaixo da mesa... Deus sabe o que teria visto...

—Valha-me o céo! não sei o que eu tenha feito á sr.ª Badinet, para que me estejas agora a *seringar* d'esse modo!...

—Theophilo, tem muito amor áquella mulher?

—Ter-lhe amor... eu!...

—Como! ousa negar que não está apaixonado pela sr.ª Badinet?...

—Apaixonado pela sr.ª Badinet... pela mulher do meu amigo!...

—Eis uma consideração que nunca detem os homens, pelo contrario, é quasi sempre ás mulheres dos seus amigos que de preferencia se dirigem. Que o sr. Badinet não conheça isto, é possivel, porque ha maridos cegos; mas eu vi, e os meus olhos não se enganam.

—Pois viste tudo ás avessas, nunca pensei na sr.ª Badinet, nem lhe disse uma palavra com má intenção.

—Não lhe tornará mais aqui a fallar... e se eu souber que vae a sua casa... trema!

Theophilo, todo espantado do accesso de ciume de sua esposa, não se inquieta primeiramente muito; talvez mesmo o seu amor proprio tenha sido se-

cretamente lisonjeado por haver inspirado este sentimento, e deita-se dizendo comsigo:

—É uma tempestade que ha-de passar. Minha mulher ama-me ainda mais do que eu julgava.

Mas Theophilo não conhecia as mulheres; quando uma vez o ciume se lhes introduz na cabeça, não ha meio de lh'o desvanecer, e quanto mais avançam na edade, mais perigoso é este infeliz defeito.

Quando uma mulher é bonita, poucas vezes é ciosa; sabe que pode ainda agradar, e basta o seu amor-proprio para dissipar os seus temores; mas uma mulher que vae perdendo a formosura, e que conta um certo numero de annos, torna-se de um ciume feroz. Infelizmente os partos tinham feito perder a belleza á sr.ª Tamponnet, que passava já dos trinta annos, e os zelos acabavam de destruir o pouco encanto que lhe restava.

Eis como são as mulheres! Até ao dia do aziago jantar, pouca attenção Euphemia prestara a seu marido; mas apenas suspeitou da sr.ª Badinet, deu-lhe um valor que até então não lhe tinha encontrado; imaginou que lhe queriam roubar Theophilo e nunca mais socegou um instante.

Tamponnet é espiado, vigiado, espreitado sem cessar. Tudo o que elle faz, as acções mais innocentes, dão lugar ás suspeitas de sua mulher. O ciume de tudo desconfia.

Se Theophilo sae, pergunta-lhe o que vae fazer á rua, se veste um fato melhor, não deixa de exclamar:

—Bem se vê que vae vêr a sua bella, não é para ficar commigo que se prepara tanto.

Se sae com o fato do costume, diz-lhe:

—Vae a casa de pessoas de pouca ceremonia... é evidente... provavelmente vae fallar a alguma menina da sua intimidade...

Se entra um pouco mais tarde do que tem annunciado, ouve dizer:

—Divertiu-se muito onde esteve? assim parece, esquece a casa, a mulher, os filhos... que conducta, senhor, que conducta!...

Quando Theophilo queria dar conta do emprego do seu tempo, Euphemia interrompia-o dizendo-lhe:

—Cale-se, senhor, não comece a mentir como costuma... é inutil, não se dê a esse trabalho.

Se ia com seu marido a alguma reunião, a sr.ª Tamponnet seguia-o constantemente com os olhos, e se o via conversar com alguma mulher, aproximava-se d'elle disfarçadamente, e beliscava-o a ponto de lhe deixar signal. O pobre marido não ousava queixar-se, mas dizia de si para si:

—Que tormento ter uma mulher ciosa!... isto é horroroso!... não tenho prazer possivel... não repouso... não sei como hei-de estar em qualquer sociedade... não ouso fallar a mulher alguma... Se me conservo calado a um canto, Euphemia ralha, dizendo que penso sem duvida nos meus amores... se rio, se estou alegre, diz-me: «—Como está esta noite satisfeito!... é que tem aqui alguem do seu agrado.» Oh! isto torna-se consideravelmen-

te monotono... minha mulher ama-me muito, adora-me com excesso, com frenesim... Começo a ter medo... amava-a mais antigamente, e agora não me sinto socegado senão quando estou longe d'ella... Que tolice é o ciume... em vez de conservar o amor das pessoas, chega a fazel-as detestar.

A sr.ª Tamponnet entrava bruscamente e como uma bomba no quarto de seu marido, quando sabia que elle não tinha saído. Algumas vezes a sua apparição era tão imprevista, abria a porta com tanta precaução, que Theophilo, todo admirado de vêr sua mulher quando se julgava só, soltava um grito de surpreza e mesmo de susto.

Então Euphemia exclamava:

—Como a minha presença o perturba!... estava bem occupado, com effeito!... provavelmente contrariou-o a minha visita...

—Contrariar, não... mas sobresaltei-me por te vêr de repente ao pé de mim... isto despertou-me, porque creio que dormia.

—Mente, não dormia tal... O senhor tem tinta nos dedos... escreveu...

—Pareces-me o Bartholo do *Barbeiro de Sevilha*...

—Não se trata do *Barbeiro de Sevilha*. A quem escreveu o senhor?... a uma de suas amantes, sem duvida...

—Pois eu tenho amantes! Tu sonhas!...

—Então a quem escreveu? mostre-me essa carta... quero vel-a...

—Não escrevi carta alguma!... escrevi uma an-

tiga canção... muito bonita... que tenciono cantar uma d'estas noites...

—Uma canção!... onde a tem?

—Estava distraído e accendi um cigarro com ella.

—Oh! que tecido de embustes!... Não foi canção que escreveu... O senhor não tem voz, nem ainda o ouvi cantar... Ah! se descubrisse a sua correspondencia!...

E Euphemia vasculha a secretária, abre as gavetas, busca, mexe em tudo, confunde os papeis, espalha as obreias e as pennas, e, depois de pôr tudo em desordem, sae do quarto exclamando:

—O senhor tem escondrijos que não pude descubrir... mas um d'estes dias eu farei demolir tudo n'este quarto.

—Bello! isto promette! diz o pobre marido depois de sua mulher ter saído.

E, com ar embezerrado, pega na bengala e no chapeu, e sae de casa onde não pode gosar um momento de socego. Lembra-se então de ir vêr o seu amigo Badinet, mas não ousa fazel-o porque receia que sua mulher o venha a saber, e tem notado mais de uma vez que ella o costuma seguir na rua. Mas um dia acha-se cara a cara com o seu antigo amigo, que o detem dizendo-lhe:

—Ora graças a Deus que te encontro!... É preciso então agora espreitar-te na rua para te vêr? É singular! Vejamos, Theophilo, o que significa isto, porque não appareces?... Eu e minha mulher

temos ido a tua casa uma infinidade de vezes, e teem-nos sempre dito: «Não estão em casa, saíram.» Emfim, a ultima vez, a tua creada fechou-nos a porta na cara gritando-nos: «A senhora não está visivel!...» Não teve a menor educação, a tua creada.

—É minha mulher que a obriga a isso.

—Tua mulher!... porem nós não a temos offendido em coisa alguma... pelo contrario, sempre a tratámos o melhor possivel... Que significa esta mudança? Isto não pode provir de ti...

—Oh! não... eu t'o affirmo.

—Então, o que fizemos a tua mulher?

—Quando t'o disser, não o has-de crer... aposto mesmo que has-de rir... Euphemia tem ciumes da sr.ª Badinet; diz que eu estou apaixonado por tua esposa...

Badinet solta effectivamente uma gargalhada.

Theophilo continúa:

—Achas isto divertido... pois acredita que não o é para mim... Euphemia não quer que vá a tua casa...

—E obedeces-lhe cegamente; sempre és muito basbaque!

—Que queres, seria capaz de me apunhalar, se soubesse que te ia vêr...

—Experimenta, aposto que não te succederá mal algum?...

—Não ouso experimentar... Ah! meu amigo, que horrivel coisa é uma mulher ciosa!...

—Mas ser ciosa de minha mulher!...

— Oh! agora tem ciumes de tudo o que veste saias... não me posso aproximar de um vestido sem que ella mude de côr.

— *Tu o quizeste, Jorge...*

— Sim, sim, eu bem sabia que me havias de dizer isso... Mas, por uma mulher ser nervosa, não é isto sempre uma rasão para que seja um tyranno femea.

— Entretanto já não somos rapazes, meu amigo, já passamos ambos dos cincoenta annos...

— Bem sei, e é isso o que repito muitas vezes a Euphemia.

— E teus filhos passam bem?

— Assim, assim; meu filho Hippolyto, que tem quasi treze annos, continúa a não querer occupar-se em coisa alguma; comtudo tem as mais bellas disposições... mostra que ha-de ter um grande talento. Quanto a Amanda, espero que ha-de ter nariz, ainda que julgo que será sempre pequeno; mas emfim, para uma pessoa só... Ah! meu Deus!... aquelle chapeu que vêjo lá em baixo... como se parece com o de minha mulher... Adeus, meu amigo... adeus, deixa-me safar.

E Theophilo affasta-se correndo, deixando o seu amigo Badinet, que encolhe os hombros e vae para casa contar a sua mulher o que acaba de saber.

Uma noite que a sr.ª Tamponnet se acha um pouco mais socegada que de costume, e que tem passado o dia sem ter zelos de seu esposo, Theophilo pergunta-lhe se quer ir vêr uma peça nova que se representa no theatro do *Palais-Royal*. Euphe-

mia annue, porem mostra mais desejo de ir á Comedia-Franceza. Theophilo insiste pelo *Palais-Royal* dizendo:

—Minha querida amiga, na Comedia-Franceza representa-se bem, não ha duvida, mas os actores do *Palais-Royal* são muito melhores. *Grassot, Sainville, Ravel*!... são actores de grande merito!

Euphemia cede dizendo:

—Pois vamos onde o senhor quer, já vê que lhe faço todas as vontades.

Os dois esposos dirigem-se ao theatro e collocam-se n'um camarote. Ha apenas dez minutos que ali estão, quando Badinet e sua esposa entram n'um camarote que fica exactamente defronte do seu.

Quando Theophilo vê o seu amigo e sua mulher, empallidece, treme, não ousa mais erguer os olhos, porque prevê que isto lhe vae causar algum desgosto.

Euphemia, que não tem visto ainda as pessoas que acabam de chegar, diz a seu marido:

—Que tem, senhor? parece não estar á sua vontade!... Dir-se-hia que não ousa voltar-se... que se tem tornado uma estatua!...

—Eu... tenho... não sei o que tenho... isto é... creio que o jantar me fez mal...

N'este momento Euphemia vê os esposos Badinet que sorriem olhando para Theophilo; então descóra tambem, sente calafrios e exclama:

—Ah! agora vêjo o que o senhor tem! infame... monstro... ella álem está... na nossa frente...

Já não me admiro da sua teima em querer vir a este theatro, quando ordinariamente vae onde eu quero... Era um encontro que tinham combinado...

—Affirmo-te, Euphemia, que ignorava completamente... E se o tivesse sabido, não te pediria...

—Calle-se, não me queira fazer tóla!... Ah! corresponde-se com ella... vem aqui para a vêr... mesmo nas barbas do simplorio do marido... Mas prohibo-lhe que a olhe... eu lh'o prohibo, ouviu?...

Theophilo fica immovel e não ousa mais desviar os olhos do palco; mas, de repente, uma creança chora n'um dos camarotes e Theophilo volta immediatamente a cabeça. Então sua mulher applica-lhe uma bofetada, dizendo-lhe:

—Ah! traidor! olhaste para ella!...

O pobre marido renuncía ao espectaculo, sae do camarote e volta para casa.

A datar d'esta noite, sua mulher não quer que elle ponha mais o pé n'um theatro.

Uma tarde Theophilo sae depois de jantar para ir comprar livros elementares para sua filha. Euphemia tem franzido os sobrolhos vendo-o pegar no chapeu, mas não tem dito coisa alguma.

Depois de fazer as suas compras, Theophilo sente a necessidade de entrar um momento n'um d'estes gabinetes inodoros, tão decentes que se encontram na capital. Quando deixa esta casa, e no momento em que põe o pé na rua, uma mulher o detem segurando-o pela gola do casaco.

É sua mulher que lhe diz com voz estridente:

—Ah! perfido!... d'esta vez apanhei-te com a

bocca na botija... não o podes negar... Não esperavas encontrar-me aqui...

—De certo que não... E depois, quando uma pessoa precisa procurar estes lugares, destinados expressamente para...

—Traidor!... é de casa da tua amante que vens... não me queiras illudir...

—Venho de casa da minha amante!...

—Sim... mas vou apunhalal-a... Oh! hei-de achar esta mulher... quero saber o que se fez n'esta casa.

E Euphemia penetra no interior do estabelecimento, emquanto que Theophilo se affasta dizendo:

—Desejava saber o que ella vae apunhalar no lugar onde entrou. Não viu a lanterna que está sobre a porta e o que ali está escripto... Entretanto as letras são bem visiveis... Decididamente o ciume toca a loucura... é uma pessima enfermidade.

Alguns annos depois, uma fluxão de peito, arrebatou Euphemia Tamponnet, e Theophilo ficou viuvo, tendo um filho de dezesete annos e uma filha de treze que principiava a ter nariz.

XVIII

UM PAE E SEUS FILHOS

Logo que Theophilo se viu viuvo, recomeçou a erguer a cabeça, a endireitar-se, a brincar com

a bengala quando passeiava, e a dizer de novo:

—D'esta vez eis-me senhor de mim, livre para fazer todas as minhas vontades; sair, entrar como bem me parecer, sem receio de ouvir ralhar quando voltar para casa... Ah! como tudo isto é bom!... como é bella a liberdade!... Esta posição que ambicionava ha tanto tempo, e que não tinha ainda alcançado, goso-a emfim... sou viuvo... Tenho dois filhos, mas Hippolyto é quasi um homem... arranjar-lhe-hei um bom emprego... minha filha ha-de crescer, tem o nariz quasi regular, e casal-a-hei... oh! hei-de casal-a cedo... Tudo isto correrá perfeitamente.

Mas o joven Hippolyto Tamponnet, que tinha recebido muito má educação, e que vira sempre seu pae e sua mãe em desacordo a seu respeito, habituara-se a não attender e a não obedecer nem a um nem a outro; porque quando seu pae lhe prohibia alguma coisa, era isto uma rasão para que sua mãe lh'o permittisse; quando esta recusava a seu filho o que elle lhe pedia, seu pae concedia-lh'o ás escondidas.

Triste exemplo para as creanças, é seus paes não viverem em bôa harmonia. Hippolyto Tamponnet não era positivamente um extravagante, mas assemelhava-se-lhe muito. Sabia um pouco de tudo, mas tão pouco que era como se não soubesse coisa alguma; em compensação não pensava senão em se divertir e começava já a mirar as mulheres com a audacia de um tambor mor.

Quanto á menina Amanda, então de treze annos

e alguns mezes de edade, era de um caracter inteiramente diverso. Aprendera com sua mãe a conservar uma certa seriedade e a não rir senão mui raras vezes. Estudava facilmente, e como tinha já pretenções a espirituosa e a instruida, applicava-se muito e envolvia-se em qualquer conversação quando a occasião se apresentava; emfim aos treze annos fallava com um tom decidido e dava a sua opinião sobre tudo, como teria podido fazel-o uma mulher de quarenta annos.

Mais de uma vez Theophilo, que abria grandes olhos ouvindo sua filha, tinha feito as seguintes reflexões:

—Creio que dei o ser a uma rapariga que se tornará uma mulher notavel. . é já um poço de sciencia, de erudição... sabe uma multidão de coisas que eu nunca pude encaixar na cabeça... E então a conversar!... sempre tem um palavriado!... Ha-de vir a ser uma *Stael*, ou pelo menos uma *Sévigné*... se não fôr ainda mais... Quanto a Hippolyto, é um pouco estouvado, um pouco jogador, mas isto é proprio da sua edade... Tambem eu o teria sido, se podesse...

Pouco tempo depois da morte de sua mulher, começa Theophilo a consultar sua filha sobre uma multidão de miudezas do governo da casa; depois conversa com ella de negocios de interesse, e sempre maravilhado da força dos seus raciocinios, acaba por não fazer a coisa mais insignificante sem se aconselhar primeiramente com Amanda.

E como os filhos conhecem bem depressa o ascen-

dente que adquirem sobre o espirito de seus paes, e de que elles teem o costume de abusar, ao fim de pouco tempo, a menina Amanda põe e dispõe como a verdadeira dona da casa; é ella que determina o jantar, que manda comprar o que se necessita, e que regula o emprego do tempo.

Theophilo sente-se maravilhado e exclama:

—Não tenho precisão de me occupar com estas coisas, é minha filha que faz tudo... que dirige a minha casa... é digno de se vêr como isto caminha!...

Mas quando o papá quer sair, sua filha diz-lhe:

—Eu quero ir com vossemecê... não me ha-de deixar só com a creada... não seria conveniente.

E Theophilo annue ao que Amanda lhe diz, dizendo comsigo:

—Tem rasão; não a devo deixar só em casa,.. é inconveniente.

Se o convidam para jantar e não convidam sua filha, Amanda diz-lhe:

—Que qualidade de gente é essa?... como! pois convidam-o para jantar, e não lhe fallam em mim!... que falta de politica!... Julgam talvez que não me sei apresentar n'uma sociedade!

Algumas vezes Theophilo, que deseja jantar com os seus amigos, diz a sua filha:

—Minha querida, asseguro-te que te enganas sobre os motivos... sobre as rasões... pelas quaes me convidaram sem ti...

—Não podem ser bôas...

—São, sim; isto é um jantar de rapazes...

—Que quer dizer, de rapazes?... Vossemecê já não é creança...

—Bem sei; mas quando se diz: um jantar de rapazes, quer isto dizer: um jantar onde só comparecem homens...

—Isso não deve ser alegre.

—Pelo contrario, é até muito alegre... é mesmo de uma alegria que faz... não me podes bem comprehender... mas, uns cantam... outros dizem asneiras... ao uso dos homens... o que não convem aos ouvidos de um rapaz.

—Em primeiro logar, eu não sou rapaz, sou rapariga... depois não comprehendo como o papá, que é um homem sério, um pae de familia, pode querer jantar com pessoas que dizem asneiras... Se se soubesse isso, dir-se-hia: O sr. Tamponnet conduz-se bem singularmente!... Já vê o papá que não é conveniente ir a esse jantar.

Então Theophilo coça no nariz, assoa-se, e diz comsigo:

—Amanda tem rasão... um jantar de rapazes... na minha edade... não seria conveniente... é melhor não o acceitar.

Hippolyto não contrariava as vontades de seu pae, mas incommodava-o de uma outra maneira: passava os dias inteiros por fóra de casa, faltava ao jantar, e algumas vezes esquecia-se de recolher á noite. Então a inquietação de seu pae tocava o seu auge. Theophilo corria todos os lugares que seu filho costumava frequentar, isto é, visitava todos os cafés, casas de pasto, theatros, bailes mais ou me-

nos campestres, e quando não encontrava Hippolyto, voltava para casa todo estafado e dizia a sua filha:

—Não me foi possivel encontrar teu irmão! Elle não te disse o que projectava hoje fazer?... se tencionava ir ao campo?...

—Pois meu irmão costuma dizer-me alguma coisa?... *Bello sujeito, meu irmão! um ignorante... na* sua edade não sabe sequer em que reinado as mulheres usaram anquinhas....

—Ah! não sabe... pois talvez não seja elle só que o ignore... Tu tambem mostras-lhe uma tal severidade!...

—E o papá deixa-o fazer tudo quanto elle quer...

Theophilo erguia os olhos ao céo, murmurando:

—Ah! é que eu nunca tenho podido ser senhor da minha vontade, e desejo que meus filhos sejam mais felizes do que eu tenho sido.

Quando Hippolyto voltava emfim ao domicilio paternal, seu pae queria ralhar-lhe, franzia os sobrolhos, fazia a voz grossa e batia com o pé no sobrado, exclamando:

—Sr. meu filho, sabe que a sua conducta começa a desagradar-me, e muito?. . Que significa, na sua edade, um fedelho de dezoito annos... passar os dias inteiros... a vadiar... não sei por onde... em companhia... não sei de quem... e á noite não recolher para casa!... Isto excede todos os limites... gasta um dinheiro louco... e é preciso mudar de conducta.

Mas Hippolyto agarrava-se ao braço de seu pae e respondia-lhe com ar mocanqueiro:

—Affirmo-lhe, papá, que não sou tão culpado como julga... fui jantar com uns amigos...

—Não se janta toda a noite, senhor.

—E' verdade, mas depois de jantar... dansámos um pouco...

—Dansaram, sendo só homens?

—Á noite foram algumas damas dansar comnosco...

—Damas... que vão dansar com rapazes que acabam de jantar!... isso está um pouco obscuro.

—A dansa prolongou-se até pela manhã... depois jogámos...

—Ah! eis o desenlace, jogar, perder o seu dinheiro... não faltava mais do que isso...

—Mas não ás cartas... ao billhar...

—Ah! se foi ao billhar... então...

—E' um jogo a que nunca perco... Imagine que com a minha bola colada tenho um meio infallivel de carambolar, fazendo-a saltar com um impulso do taco...

—Guarda para outra vez essa explicação.

Theophilo teria sido feliz, quando em sua casa se achava á mesa com os seus dois filhos, se entre estes existisse melhor harmonia; mas bem pelo contrario, o irmão e a irmã passavam quasi todo o seu tempo a questionar. Hippolyto zombava das maneiras pretenciosas de sua irmã; Amanda da ignorancia de seu irmão, que, dizia ella, não sabia mesmo fallar a sua lingua.

Um dia ao jantar diz Hippolyto:

—Diverti-me hontem bastante com dois amigos: *andemos* a passear nos Campos-Elyseos, onde...

Amanda interrompe seu irmão exclamando:

—Não se diz *andemos*... diz-se andámos...

—Ah! ah! ah!... *andemos* ou andámos não é a mesma coisa?

—Sempre és muito estupido!... nem pelo menos sabes conjugar um verbo. Na tua edade, é vergonhoso.

—Não sei se sou estupido, mas tu tens o ar de um velho mestre de escola... Veremos se a tua sabedoria te fará achar um marido.

—Não te importe isso... se algum homem que me pertender se parecer comtigo, de certo que o desprezarei.

—Então, filhos, não disputem, diz Theophilo. Que querias tu contar-nos, Hippolyto?... continúa.

—Dizia que... *haveramos ido*... E' isto agora francez ou não é?...

—Francez do costume.

—Não lhe dês attenção, Hippolyto, continúa.

—Andavamos pelos Campos-Elyseos, e contavamos ir dar fundo no baile Mabille, quando de repente começou a *neveliscar*... então...

—Ah! ah! ah! deixa sair mais essa... *nevelis-car*... ah! ah! ah!

—Então! sim, *neveliscar*... por ventura é asneira?... quero dizer que chuvia um pouco... que caía uma chuvazinha fina...

—São os ignorantes da tua força que dizem is-

só; busca *neveliscar* no diccionario e verás se encontras essa palavra.

—E que me importa que esteja ou não no diccionario, quando é uma palavra que se usa?

—Usa-se quando se falla mal, quando se não sabe a sua lingua... não é assim, papá?

Theophilo que tinha tambem mais de uma vez empregado a palavra *neveliscar*, meneia a cabeça balbuciando:

—E'... é verdade... certamente que se pode usar outro termo... mas quando se está habituado... passa-me para cá aquelle pão...

—Pois bem, diz Hippolyto, visto affirmar que se não deve dizer *neveliscar* quando cae uma chuva miuda, como é que diria então a menina sábia?...

—Diria, chuvisca; é esta a expressão propria... vêja no diccionario.

—Pois se tu andas sempre com o diccionario n'algibeira!... Que tola!...

—Vamos, basta já. Hippolyto, prosegue a tua historia...

—O papá bem vê que a doutora de Amanda me interrompe a cada instante!... Dizia pois que nos Campos-Elyseos tinhamos sido surprehendidos por... Nada, não direi a tal palavra!... Emfim, *ventava* fortemente...

—Bonito... empregas o verbo *ventar* para dizer que chuvia...

—Com mil diabos! fazes-me o favor de me deixar fallar?

—Agora praguejas deante do papá!... Julgas

que é conveniente praguejar-se na presença de todas as pessoas?

—Ah! não devo então praguejar deante de ti?

—E o papá?... o papá é zero? Papá, Hippolyto falta-lhe ao respeito!...

—Não faças caso, filha, eu desculpo o que elle diz... Acaba a tua historia, Hippolyto.

—Onde estava eu?... não se pode fallar ao pé d'esta peste!...

—Ah! papá, chama-me peste...

—Não é com tenção de te offender.

—Estava... nos Campos-Elyseos com os meus dois amigos, e chuvia alguma coisa. Tinhamos sómente um guarda chuva para tres, e disse commigo: Vou pregar uma peça a Alexandre... mas Alexandre é muito desconfiado... e zanga-se por qualquer insignificancia; é muito *arrebatadisso*...

—Arrebatado...

—E' extremamente *arrebatadisso*.

—Arrebatado, imbecil! vê se encontras *arrebatadisso* no diccionario.

—Digo-te que és uma carraça!... Não se pode fallar na tua presença... Vae vêr representar as *Preciosas ridiculas*, minha pateta!

—Pateta és tu; mas não és precioso.

—O que tu devias fazer era puxar pelo nariz para vêr se elle te crescia, em vez de andares todo o dia a cheirar o diccionario.

Logo que se lhe fallava no nariz, a menina Amanda tornava-se furiosa; então seu pae era obrigado a interpôr-se para impedir o irmão e a irmã de che-

garem a vias de facto, e levantava a sessão deixando a mesa sem poder tomar o seu café tranquillamente.

O tempo, longe de trazer remedio aos novos tormentos de Theophilo, não fazia senão augmental-os. De dia para dia Amanda se tornava mais intratavel, mais pretenciosa; achava sempre algum motivo para não deixar sair seu pae quando desejava, e de o fazer sair quando elle queria estar em casa.

Hippolyto em vez de se tornar mais socegado, entregava-se a mil loucuras; tinha duellos, jogava e contraía dividas; o pouco tempo que Theophilo tinha livre era sempre empregado a soccorrer seu filho; a ir buscal-o a uma casa de pasto onde era retido como penhor de uma divida; a reclamal-o ás estações quando elle era preso, e a ir chamar o cirurgião quando lh'o traziam em estado de se não poder suster nas pernas.

Theophilo dizia:

—Isto não pode continuar assim. Meus filhos não me deixam um momento em repouso, preciso tomar um partido violento.

E quando Hippolyto estava em estado de o ouvir, dizia-lhe:

—Filho, tu tens vinte e um annos, não podes continuar com a existencia que levas... a tua saude e a minha bolsa em breve o hão-de sentir. Vejamos, Hippolyto, tu tens que escolher uma carreira. Que queres tu ser?

—O que vossemecê quizer, papá, isso para mim é indifferente.

—Muito bem! assim é que eu gosto, és docil. Queres ser advogado?

—Isso era bom; mas não estudei, e agora seria tarde para começar.

—Tens rasão, passemos a outra coisa: desejas ser medico?

—Seria medico de bôa vontade, mas não segui o curso... nem sei mesmo fazer uma cataplasma.

—Effectivamente não poderias receitar. Ah! queres ser negociante?... Isto é tentador, pode-se fazer fortuna.

—Mas é preciso saber-se calcular, e não tenho propensão para o calculo.

—E' verdade, no commercio precisa-se calcular. Ah! que idéa! se te fizesses militar?...

—Não é possivel, papá, sou muito delicado... tenho o peito muito fraco. Sabe que tusso por qualquer coisa, e não poderia supportar a vida da guarnição.

—Diabo, *isto complica-se*... Queres tu ser artista?... Os artistas são muito procurados actualmente. Na minha mocidade não se lhes fazia a mesma justiça; mas hoje desprezam-se os prejuizos, como dizia o pobre *Alcides* no *Bom rapaz*... uma peça que antigamente se representou no *Palais-Royal*.

—Artista, meu bom papá... isso agrada-me muito, adoro a vida de artista...

—Então faze-te artista.

—Mas... de que genero? Eu não sei musica, nem desenho, nem esculptura.

—Entra para o theatro.

—E' preciso ter memoria para decorar papeis; nunca pude aprender duas linhas de cór.

—Ah! compõe comedias, faze-te litterato, podes chegar á Academia... é em frente da ponte das Artes.

—Bem sei onde é... a difficuldade não está ahi... mas uma pessoa não se faz litterato como se faz alfaiate... precisa-se nascer com o talento, com a vocação.

—Creio bem que te enganas, conheço muitos homens que se teem feito auctores, poetas, escriptores, sem possuirem grande talento... tiram um pouco de um lado, um pouco do outro, buscam nos alfarrabios antigos, estão á espera de noticias, de anecdotas, de modas... Oh! as modas principalmente, eis o seu forte. Declara-se uma moda excentrica, correm a casa de um director de theatro e dizem: Fiz uma peça sobre este assumpto, não teem escripto uma linha! mas vão depois prevenir um auctor verdadeiro, e dizem-lhe: Trago-lhe assumpto para uma peça, o director do theatro está prevenido, só falta escrevel-a. O auctor escreve e a peça apparece. Estes homens chegam por fim a ter reputação de espirituosos. Porque não farás tu o mesmo que elles?

—Obrigado, papá, não quero augmentar o numero d'esses litteratos, já ha bastantes.

—Afinal, parece-me que não tens geito para coisa alguma.

—A culpa não é minha, papá, bem vê que estou prompto para fazer tudo e que quizer.

Theophilo continuava a vêr algumas vezes o seu amigo Badinet, que se tornara tambem viuvo. Depois de ter tido esta conversação com seu filho, vae contar-lhe os seus desgostos exclamando:

—Tu que tens dois filhos e uma filha, não me dirás se elles te fazem continuadamente zangar, e se não te deixam um dia em repouso?

—Meus filhos fazerem-me zangar!... que blasphemia!... responde Badinet. Meus filhos são a minha alegria, a minha felicidade; graças a elles, formo ainda projectos para o futuro, porque um pae revive em seus filhos... Todos os planos que faço para elles, não é como se os fizesse para mim?

—E tua filha não é soberba, orgulhosa?

—Pelo contrario é meiga, bôa, docil.

—E deixa-te sair quando desejas ir jantar com os teus amigos?

—Ah! meu caro... não comprehendo coisa alguma das tuas perguntas. Quando é que um pae pede a seus filhos licença para sair?... onde diabo viste tu essas coisas?

—Em minha casa... e teus filhos são socegados... não frequentam as tabernas, os cafés, as casas de jogo?...

—Meus filhos trabalham, estudam; cada um d'elles escolheu uma profissão, e espero que hão-de chegar um dia a adquirir um nome honroso.

—Ah! Badinet... és bem feliz com teus filhos!...

—Chamas a isto ser feliz, meu pobre velho!... Poderia dizer-te que é tua a culpa se não gosas tambem esta felicidade.

—Deixa-me tranquillo... tenho eu a culpa? não!... é a desventura que me persegue... que me tem sempre perseguido...

Passado algum tempo, não podendo achar um momento de socego em sua casa, Theophilo decide-se a fazer grandes sacrificios; privando-se de uma parte da sua fortuna, faz embarcar seu filho para a India, e dando a Amanda um bom dote consegue achar-lhe um marido, o que a não ser assim lhe teria sido difficil.

Então só restam a Theophilo tres mil francos de renda, mas fica satisfeito; longe de se arrepender do que tem feito, mostra-se contente por ter assegurado a felicidade de seus filhos, e de não ser mais obrigado a viver com elles.

XIX

AS CREADAS

Logo que seu filho embarcou e sua filha casou, Theophilo põe-se a dansar no seu quarto, exclamando:

—Foi-se a mulher... foram-se os filhos... eis-me emfim livre de amofinações, livre de tormentos!... *Tandem denique*, como dizia antigamente o bom do sr. Museo, meu preceptor... Creio que é unicamente o que pude conservar na memoria do latim que elle me queria ensinar, e ainda isto é porque o ouvia sempre exclamar: *Tandem!* quando se annun-

eiava que o jantar estava na mesa... Ah! se agora não sou completamente livre, então não sei quem é que o será... Poderei sair, entrar, deitar-me, levantar-me á hora que quizer... poderei mesmo almoçar na cama quando isto me der prazer... e recordo-me que, em rapaz, dava a isto grande appreço. Quando eu me conservava socegado, a minha pobre mãe dizia-me: «Ámanhã hei-de mandar-te o almoço á cama.» E isto tornava-me bastante feliz. Que ventura poder, aos sessenta annos, gosar as mesmas commodidades que aos oito ou nove annos... se podesse ser assim para tudo... se se tivesse a faculdade de se recomeçar a vida!... Oh! mas para experimentar os mesmos enfados, os mesmos tormentos que me teem cercado, não quereria recomeçar a minha, e creio que muitas outras pessoas da minha edade diriam o mesmo que eu. Mas, para poder almoçar na cama, preciso ter mais alguem em casa, porque, se me visse obrigado a levantar-me para ir accender o lume, fazer o café e as torradas, incommodar-me-hia bastante. Procurarei pois uma creada; sim, uma creada que me varra a casa, que me faça o jantar, porque me aborreceria ir jantar todos os dias á casa de pasto; que me accenda o lume no meu quarto... que me vá buscar os chinellos... Isto recorda-me a canção de Beranger:

Allons, Babet, um peu de complaisance,
Mon lait de poule e mon bonnet de nuit.

Sim, porque não terei em casa uma *Babet*... uma creadinha esperta e bonita?... Eh! eh! eh! esta idéa sorri-me... E de mais, uma vez que sou senhor da

minha vontade, posso muito bem escolher uma creada que seja do meu gosto... não que eu tenha o projecto de... ah! não tenho taes pensamentos; mas emfim, escolherei uma creada bonita, porque é mais agradavel termos deante dos olhos um rosto bello e risonho, do que uma cara feia e enrugada.

Eis pois Theophilo á cata de uma rapariga. Dirige-se aos escriptorios e bem depressa lhe apparece uma multidão de creadas. Um lugar em casa de um homem viuvo, só e sem filhos, é o *El-dorado* d'estas meninas.

Theophilo escolhe uma camponeza de rosto timido, ar meigo e modesto, que declara não ter *primos* nem *patricios* a quem fallar. Magdalena (é este o nome da camponeza) apresenta-se como chegando ha pouco a Pariz; seduz seu amo pelo seu ar modesto, reservado, seus olhos fitos no chão e seu fallar melifluo. Não sabe cosinhar muito bem, não é excessivamente acceiada e quebra tudo em que toca; mas Theophilo diz comsigo:

— Com o tempo ha-de *limar-se*... chega do campo, não está ainda habituada a servir, devo ser indulgente e desculpar alguma coisa a uma rapariga simples e honesta... estas boas qualidades devem fazer escurecer os seus defeitos.

E Theophilo estava tão convencido da innocencia da sua creada, que deante d'ella não ousaria mudar de colete, e para despir as calças fechava a porta do quarto.

Um dia, achando melhor que de ordinario o jan-

tar que a bonita Magdalena fizera, Tamponnet toca-lhe levemente no braço, dizendo-lhe:

—Muito bem, Magdalena, vossê faz progressos... hei-de gratifical-a se assim continuar.

Mas, sentindo tocar-se-lhe no braço, a creada tinha dado um salto para traz como se tivesse visto uma serpente. Então Theophilo apressa-se a tranquillisal-a, dizendo-lhe:

—Socegue, minha querida amiga, não tenha nenhum mau pensamento... Tocando-lhe no braço não quiz senão testemunhar-lhe a minha satisfação.

—Ah! responde Magdalena, é que lá no campo não estamos costumadas a que os *homes* nos toquem nem *ca* ponta do dedo.

—Acredito-a, minha querida, acredito-a.

—Eu lá no campo tinha mais medo dos rapazes que tinha dos lobos... Quando ia aos *bailaricos*, não dansava senão com as raparigas... d'este modo livrava-me que dissessem: A *Madanela* tem um namorado... é com elle que está a brincar... como se dizia das outras... Namorados, eu!... credo!...

—Não é preciso affirmar-se isso, Magdalena, a boa conducta de uma pessoa logo se conhece... basta olhar-se para vossê, para se ficar certo de que é ainda innocente... oh! n'essas coisas não me engano eu!...

—Deus tem-me sempre dado bons pensamentos.

—Pois pode dormir descançada n'esta casa, que da minha parte nada tem a receiar... toquei-lhe no braço, mas sem má intenção.

Mas alguns dias depois d'esta conversação, Theo-

philo, que é muito apaixonado por theatros, sae á noite levando a chave do trinco como costuma em taes occasiões, e diz á creada:

—Magdalena, não espere por mim... pode deitar-se, porque o espectaculo acaba sempre depois da meia noite.

—Se o senhor m'o permitte... gosto bem de dormir.

—Sim, deite-se. Não preciso de vossê quando vier.

Quando vae a comprar o bilhete, Theophilo vê um aviso sobre o cartaz. A indisposição de um actor faz com que seja substituida uma por outra peça. O nosso viuvo que viu já a peça que se deve representar, pára e torna a guardar o dinheiro no bolso, dizendo comsigo:

—Não gosto de vêr um espectaculo duas vezes... Mas onde irei?... já vi todas as peças que vão á scena esta noite... Nada... vou para casa dizer a Magdalena que me faça chá... Ella não deve saber o que isto é... ignora ainda tantas coisas... ensinal-a-hei a fazer o chá.

Theophilo retoma o caminho de casa. Chega, sobe a escada e entra na casa de jantar. Não encontra pessoa alguma; mas, do lado da cosinha, ouve rir, cantar, ouve mesmo o som de beijos. Não podendo crer nos seus ouvidos, aproxima-se cautelosamente da porta que está entreaberta... A innocente Magdalena está sentada no collo de um bombeiro e canta uma canção demasiadamente livre. Terminada a canção, diz o bombeiro:

—Pareceu-me ouvir ruido na casa de jantar. .

Magdalena responde:

—Não tenhas medo, meu Isidoro, não espero por mais pessoa alguma. O *ginja* de meu amo foi esta noite ao theatro, não recolhe senão á meia noite, e julga que eu me deito como as gallinhas... Ah! que palermal...

Não se podendo conter mais, Theophilo entra na cosinha. A sua presença produz uma mudança de vista digna da Opera: o bombeiro pega immediatamente no capacete, salta por cima dos copos, das garrafas, e desapparece derrubando duas cadeiras e uma mesa; Magdalena compõe a touca, balbuciando toda perturbadá:

—Senhor... é um primo... affastado... que eu não sabia... que estava em Pariz... que me ensinava uma canção... para me entreter aos domingos...

—Basta, responde Theophilo, não preciso das suas historias... Prepare-se, que ámanhã pela manhã ha-de sair d'esta casa...

—Senhor...

—Não quero ouvir mais coisa alguma... faça o que lhe digo.

No dia seguinte Magdalena é posta na rua; mas como Theophilo tem ficado todo envergonhado de ter sido illudido por uma rapariga de desoito annos, decide-se a escolher, d'esta vez, uma mulher de edade mais avançada.

Muitas creadas se apresentam de novo. Theophilo recusa aquellas que são moças e bonitas; mas

interroga uma mulher que lhe parece ter cincoenta annos, e que é forte como um madeiro.

—D'onde é vossemecê?

—Da Champanhe, senhor.

—E chama-se?

—Adelaide.

—Sabe cosinhar?

—Se sei cosinhar!... n'isso ninguem me desbanca!... sei fazer tudo, senhor, até pasteis, massapões...

—Oh! não tenho forno... não exijo tanto.

—Não importa, sempre é bom saber.

—Gosta de sair?

—Não, senhor.

—D'onde vem agora?

—De casa de uns inglezes onde estive um anno.

—Porque rasão foi despedida?

—Porque meus amos foram para Inglaterra... Elles queriam augmentar-me o ordenado para que os acompanhasse; mas não quiz deixar a minha patria.

—E antes de estar em casa d'esses inglezes onde serviu?

—N'uma casa muito rica do arrabalde de Santo Honorato... ah! que excellente familia! servi-a tres annos.

—E porque a deixou?

—Porque partiu para a Italia.

—Que edade tem?

—Trinta e oito annos.

—Trinta e oito annos! diz Theophilo comsigo

mesmo; é impossivel!... parece ter mais de cincoenta... Em todo o caso é bastante para velha para receiar que tenha amantes.

E Tamponnet decide-se por Adelaide. Mas esta nova creada, começa por lhe fazer um jantar para seis pessoas, quando elle janta só, e faz-lhe pagar um pato por oito francos e doze soldos por um môlho de salsa.

—Vossemecê sabe cosinhar perfeitamente, diz Theophilo á creada, mas faz de comer para quatro.

—Eu me encarrego das sobras, senhor, não receie que se percam.

—Mas é preciso poupar-me um pouco a bolsa.

—Quando se compra o que ha de melhor, nunca é muito caro.

Theophilo não ousava ralhar com uma creada que lhe fazia excellentes jantares; mas notava que o vinho lhe desapparecia com uma presteza extrema. Ia elle mesmo á despensa; mas quatro garrafas não lhe chegavam para dois dias. Decide-se pois a interrogar Adelaide.

—Fui hontem á despensa e já não ha vinho! como é isto?

—É porque o senhor provavelmente o bebeu.

—Pois eu bebo quatro garrafas de vinho por dia?... nem uma eu bebo.

—É que deitei uma pinga no guizado... temperei o assado...

—Ah! faz tudo com vinho... isso então é differente.

E Theophilo vae de novo á despensa. No dia seguinte ainda lhe resta vinho.

—A minha observação foi bôa... diz elle; já deitou menos vinho nos guizados...

Depois da sopa Theophilo quer beber, como costuma, um copo de vinho puro, mas faz uma careta ao beber o primeiro golo. Baptisaram-lhe o vinho, mas com tão pouca precaução que o tornaram quasi agua pura.

D'esta vez Theophilo cala-se; mas á noite recolhe de novo sem ser esperado, e encontra Adelaide estendida no sobrado completamente embriagada.

No dia seguinte põe a cosinheira na rua.

XX

MARIA

—Preciso de novo buscar uma creada, diz Theophilo. Decididamente não a tornarei a escolher velha e feia; se ellas todas teem defeitos, tenhamos ao menos o prazer de termos deante de nós um rosto agradavel.

E escolhe uma rapariga de vinte e seis annos, que é engraçada sem ser bonita, que possue um corpo airoso, o ar alegre, e que se promptifica para fazer todo o serviço.

Maria, é este o seu nome, não tarda a adquirir as boas graças de seu amo; nos primeiros tempos lisonjea-o, affaga-o, mostra-se cheia de attenções e

de cuidados; e depois Maria não é affectada e não quer passar positivamente por virtuosa; deseja que se graceje com ella, não se enfada quando se lhe toca no braço, pelo contrario, é quando se mostra de melhor humor, e com uma serva tão complacente e tão amiga de rir, é bem difficil a um amo conservar o seu sério.

Logo que Maria seduziu completamente Theophilo, que, aos sessenta annos, acha muito agradavel deixar-se seduzir, começa então a estabelecer o seu imperio na casa. Levanta-se mais tarde, não serve o jantar senão á hora que lhe convem, faz com que seu amo a leve aos espectaculos, manda vir uma mulher para esfregar as casas afim de se não fatigar, e occupa-se mais dos seus enfeites que do seu trabalho.

Quando Theophilo quer comer frango, põe vacca ao lume, e se elle faz uma observação, responde-lhe:

—O cozido é muito mais economico, senhor, chega para dois dias.

—Sim, mas estou enjoado da vacca.

—Qual enjoado... dar-lhe-hei mostarda.

Quando Theophilo deseja sopa juliana, Maria apresenta-lhe açorda.

—Tinha-te pedido sopa juliana, murmura o velho viuvo.

—Ah! sim, é verdade... mas é tão custosa de fazer... a açorda é muito melhor para o estomago.

Depois do jantar, Theophilo costumava tomar café. Maria julga conveniente supprimil-o, e quando

seu amo o pede, responde com grande sangue frio:

—Não ha.

—Como, não ha? Devia fazel-o; bem sabe que o custumo tomar todos os dias.

—Sim, senhor, mas não o fiz, porque quero fazer-lhe perder esse custume.

—Que significa isto, Maria? Sabe que eu gosto muito de café!

—Sim, senhor, mas não quero que o tome; faz-lhe mal á saude... enfraquece-lhe os nervos e impede-o de dormir.

—Está enganada, durmo toda a noite!

—Digo-lhe que não ha-de tomar mais café, está decidido, e não fallemos mais n'isso.

Theophilo acha que a sua creada cada vez se torna menos condescendente, mas não ousa ainda queixar-se. Bem depressa, quando resolve sair. Maria, que não lhe tem engraxado os sapatos, diz-lhe:

—O senhor hoje não tem necessidade de sair, ainda hontem saiu, é bastante para dois dias.

—Quero dar um passeio para tomar o ar.

—Ponha-se á janella.

—Isso não é a mesma coisa; o exercicio faz-me bem á saude.

—Passeie pelo quarto.

—Maria, parece-me que quando eu exprimo um desejo, deveria...

—O mesmo digo eu. Quando vê que uma coisa me contraría, para que teima em fazel-a? Não gosta de me fazer a vontade.

—Mas é que tinha um negocio o tratar.

—Que negocio? o senhor não é negociante.

—Tinha que pagar uma visita... a uma pessoa.

—A quem?

—Ao meu amigo Badinet.

—Ah! deixe-me tranquilla com o seu amigo Badinet!... E' homem a quem não torno a fallar; olha-me com ar de escarneo... não me cumprimenta quando aqui vem... nem sequer tira o chapeu... Ah! bem mostra que teve pouca educação.

Theophilo, para ter socego e não ser obrigado a sair, com os sapatos por engraxar, fica em casa, em vez de ir passear como deseja.

Alguns dias depois, alcançando permissão para sair, Theophilo vae procurar o seu amigo Badinet; este diz-lhe:

—Oh! parece que agora passas de grande... passeias todo o dia!

—Pelo contrario, quasi nunca saio. Porque me dizes isso?

—Porque tenho ido muitas vezes a tua casa sem te encontrar.

—Tens ido a minha casa!... quando?

—Ainda hontem.

—Hontem!.. porem eu não saí em todo o dia.

—Então, meu velho amigo, é que provavelmente a tua creada não quer que recebas as minhas visitas, porque foi ella que me abriu a porta e fechou quasi no mesmo instante dizendo-me: «O sr. Tamponnet não está em casa; foi passar o dia fóra.» Confesso-te mesmo que achei bastante singular esta maneira d'ella receber os teus amigos.

—É possivel!.. Maria terá ousado...

—Parece-me que a tua creada se tem tornado a verdadeira dona da tua casa.

—Dona! nem tanto assim. Eu é que mando, e faço todas as minhas vontades, quando ella se não oppõe a isso... Não desculpas tu tambem muitas coisas á tua Joanninha?

—A' minha creada!.. Não metto o nariz na cosinha, permito-lhe que saia algumas vezes ao domingo para ir dansar e nada mais.

—Oh! Maria não vae dansar!... Pois não!.. sempre desejava ver isso!...

—Não sei porque não deixarias a rapariga divertir-se! Emfim, mediante estas concessões, sou bem servido, não me contrariam e sou pontualmente obedecido.

Theophilo cala-se e solta um grande suspiro. Badinet continúa:

—Mas, que isto agrade ou não á tua creada, dou quinta feira de jantar a alguns amigos, e espero que tu sejas d'este numero; havemos de rir, cantar, e beberemos ás nossos recordações da juventude. Posso contar comtigo?

—Pois não! hei-de vir com toda a certeza.

—A's cinco horas em ponto.

—Está tratado... não me farei esperar.

—Palavra de honra?

—Palavra de honra. Adeus.

E Theophilo dá a mão ao seu amigo; este aperta-lh'a com força, repetindo-lhe:

—Até quinta feira.

—Ás cinco horas em ponto.

—Antes mais cedo que mais tarde.

E voltando para casa Theophilo faz as seguintes reflexões:

—Não tenho necessidade de prevenir ainda a Maria de que janto quinta feira fóra de casa: faria observações que seria um nunca acabar; basta que lh'o annuncie no mesmo dia de manhã, e se acaso se quizer oppôr á minha vontade, mandal-a-hei immediatamente passear. Maria começa a intrometter-se demais no que lhe não pertence.

E entretanto, para não pôr a creada de mau humor, Theophilo mostra-se de uma perfeita docilidade e deixa-se conduzir como uma creança até quinta feira, em que tenciona satisfazer a sua vontade.

O dia tão desejado chega; depois do almoço, Theophilo, que tem comprado um bonito lenço de seda para a sua creada, tira-o da algibeira e apresenta-lh'o dizendo:

—Aqui tens, Maria, eis um lenço que me pareceu bonito. Comprei-o para ti. Os pequenos presentes formam os grandes ribeiros... Quero dizer: os pequenos regalos alimentam a amizade... Ainda não é assim... não importa .. estás satisfeita?

—Sim, senhor, muito agradecida; é muito bonito, este lenço, hei-de pôl-o no pescoço... e para retribuir a sua lembrança hei-de fazer-lhe hoje sônhos para o jantar.

Theophilo amima a barba, finge que tosse e murmura:

—Sônhos! queres hoje fazer sônhos... para quê?

—Para quê!... para o senhor comer; bem sabe quanto gosto d'elles.

—Ah! se tu gostas d'elles, então é differente, podes fazel-os... Ah! agora me recordo... não é hoje quinta feira?

—Sim, senhor.

—Ia-me esquecendo se não fallasse nos sônhos.

—Mas porque pergunta se é quinta feira?

—Porque agora me recordo que janto hoje fóra... tinha-me totalmente esquecido.

Maria faz uma careta, lança a seu amo um olhar obliquo e exclama:

—O senhor não janta hoje em casa, e só agora me diz isso!..

—È que me tinha esquecido... foram os teus sônhos que me fizeram pensar no jantar... e então...

—È onde vae jantar, faz favor de me dizer?

—A casa... a casa de Badinet.

—Ah! a casa do sr. Badinet!... eu bem o devia suppôr...

—Badinet reune hoje alguns amigos... antigos companheiros da juventude... tudo homens... Oh! podes ter a certeza que não vae lá mulher alguma...

—Bem me importa a mim que vão lá ou não mulheres!.. Como o senhor não ha-de ir a esse jantar!...

—Não irei a este jantar... e porque não hei-de ir?

—Porque eu não quero... porque não devia esperar por hoje para dizer á creada, «Vou jantar fóra de casa...» devia prevenil-a com muitos dias de antecedencia... para ella saber o que tinha a fazer;

mas o senhor tem commigo mysterios, segredos... então para ir a casa do seu amigo Badinet... um homem com quem embirro solemnemente... um rustico, um grosseirão; mas não ha-de ir, que não quero eu... parece-me que isto deve bastar... isto desagrada-me, está concluido...

Theophilo ergue a cabeça e põe-se tambem a gritar:

—E eu digo-lhe que hei-de ir a casa de Badinet, porque lh'o prometti... dei-lhe a minha palavra e não quero faltar... Demais, convem-me jantar fóra de casa, e entendo que para isso não sou obrigado a pedir-lhe licença... Vossê abusa da minha bondade, Maria, mas isto ha-de ter um termo...

—Ah! abuso da sua bondade... Eu é que sou muito bôa... muito condescendente para o senhor... é esse canalha de Badinet que lhe dá maus conselhos... mas quando elle aqui vier, eu lhe prometto que lhe hei-de dar com uma panella na cara...

—Maria, não diga tolices...

—Ah! é para ir jantar fóra de casa... para andar á tuna que o senhor me quiz engodar, presenteando-me com um insignificante lenço... pois já não o quero, pode guardal-o... olhe, vêja a importancia que lhe eu dou.

E Maria enrola o lenço e joga-o á cara de seu amo; depois sae do quarto fechando a porta de modo que por pouco não quebra todos os vidros da janella.

—Que mau genio! diz Theophilo. Não importa,

mostrei-me forte. . não esperava que lhe resistisse, isto será uma lição para o futuro; a sua colera ha-de passar, e não tornará mais a pôr obstaculos ás minhas vontades.

Passa-se o dia. Maria conserva-se no seu quarto ou na cosinha; Theophilo, da sua parte, não sae do seu gabinete. Quando se aproxima a hora do jantar, pensa em se vestir, mas, temendo ainda provocar alguns ditos dirigindo-se á creada, vae elle mesmo buscar os sapatos, o casaco, o chapeu, emfim tudo o que precisa para sair, depois começa a vestir-se sem reclamar auxilio estranho.

Finalmente Theophilo está prompto, são cinco horas menos um quarto e diz comsigo:

—Hei-de chegar a tempo.

E entrando na casa de jantar, quer escovar o chapeu, mas a escova não está no seu lugar; busca-a inutilmente e decide-se a entrar na cosinha para a pedir á creada.

A cosinha está deserta; Theophilo vae ao quarto de Maria e não a encontra tambem ali.

—Estava zangada e saiu, diz Theophilo comsigo mesmo limpando o chapeu com o lenço; não me quiz vêr partir... é melhor assim... deste modo evita todas as discussões... Apressemo-nos a sair antes que ella volte.

E Theophilo corre para a porta da escada, levanta o trinco, mas a porta não se abre. Vê então que foi fechada por fóra com a chave e exclama:

—Ah! esta agora é melhor...saiu e fechou a porta sem se lembrar que eu estava em casa... Felizmen-

te tenho outra chave... de contrario ficaria preso!.

E Theophilo corre a abrir a gaveta de um bufete onde está sempre a segunda chave, mas busca-a em vão, não a encontra. Então o infeliz amigo de Badinet adevinha toda a verdade e deixa-se cair sobre uma cadeira exclamando:

—Levou tambem a outra chave... e fechou-me... fechou-me de proposito para que eu não possa sair.... para que não vá jantar com Badinet... Oh! isto é demais... é indigno... é infame!... Tenha lá pois uma pessoa bondade com as creadas... eis a recompensa que dão.

Durante algum tempo, Theophilo espera ainda que Maria lhe venha abrir a porta, mas dão cinco horas, depois seis, depois sete. Então Theophilo despe o seu bello casaco e decide-se a jantar um bocado de vacca assada e alguns doces, pensando em Badinet e nos seus amigos que se regalam sem elle.

Mas d'esta vez Maria perde o seu jogo em lugar de o ganhar. No dia seguinte Theophilo levanta-se cedo, veste-se e sae dizendo á creada n'um tom que ella nunca lhe tinha ouvido:

—O seu ordenado está sobre a mesa; junte o que lhe pertence e ponha-se fóra; não a quero encontrar aqui quando voltar, de contrario mandal-a-hei sair pela policia.

Maria quer ainda replicar, mas d'esta vez seu amo fecha a porta sobre si e sae sem a attender.

XXI

O MAIS CRUEL DOS TYRANNOS

Quando Theophilo volta para casa e não encontra a creada, parece-lhe ter um peso enorme de menos sobre o peito; estende-se n'uma poltrona, percorre o quarto com a vista, demora-se a contemplar cada um dos moveis; julgar-se-hia que é a primeira vez que tem a faculdade de fazer o que quer em sua casa. E para ter a convicção de que se não engana, colloca as cadeiras no meio da sala, dizendo:

—Agora, se eu quero que estejam aqui... ninguem virá tiral-as d'este logar e dizer-me: «Torne a pôr as cadeiras onde estavam...» Estou livre de creadas!... isto é, estou livre de tyrannos ou de mulheres que nos deitam agua no vinho para o offerecerem puro aos seus conhecimentos; que dão aos amantes caldos e licores; que compram um pato por oito francos e o resto á proporção; que não limpam os moveis, que deixam as aranhas fazer as suas têas nos cantos da casa; que quebram a louça, dizendo descaradamente que não lhe tocaram; que fazem o jantar para as seis horas, quando se deseja jantar ás cinco; que dizem que não estamos em casa quando não temos saído; que dão ceias aos parentes, aos primos, aos patricios e a todas as creadas da visinhança, quando vamos ao theatro; que,

tendo de ordenado trezentos francos, teem a habilidade durante o anno de juntar quinhentos na caixa das economias; emfim seria um nunca acabar se fosse dizer tudo o que esta bôa gente é capaz de praticar. Não quero mais creadas, não as posso ter porque conheço que sou muito brando... e vivendo só ninguem me impedirá de ser senhor de fazer todas as minhas vontades... Agora vou alugar um quarto de rapaz solteiro, bem alegre, bem mobilado, terei um moço para m'o varrer e limpar, e ainda ganharei pelo lado da economia e do aceio. Está decidido, busquemos um quarto para uma pessoa só.

Theophilo começa a procurar um domicilio como tem imaginado; quer um quarto bonito, com bastante sol, e que não seja n'um andar muito alto. Consegue emfim descubrir o que lhe convem no *boulevard* Beaumarchais, n'uma d'estas novas casas que tornam agora este bairro um dos locaes mais agradaveis de Pariz. Theophilo faz o sacrificio de pagar parte do semestre já vencido para se installar logo no seu novo domicilio, e apenas o tem occupado diz comsigo:

—Espero que hei-de encontrar aqui o repouso, a felicidade, e que não serei mais atribulado...

Mas o porteiro do predio onde Theophilo agora habita, tem julgado, alugando um quarto a um homem só, que seria elle o encarregado do seu serviço; vendo porem que assim não acontece torna-se rabugento, impolitico, e aproveita todas as occasiões de mostrar o seu descontentamento. Um dia

de manhã sobe a casa de Theophilo e toca a campainha com quanta força pode.

—Que quer? pergunta o novo inquilino surprendido de vêr o porteiro com um ar tão furibundo.

—O senhor sacode os seus tapetes pela janella... O dono do predio não consente semelhante coisa...

—Não sacudo tal, o meu creado é que está incumbido d'esse trabalho.

—O senhor ou o seu creado... vem a ser o mesmo; até fiquei com a cabeça cheia de pó!

—Não quero saber d'isso, o que sei é que os tapetes hão-de-se sacudir. Ora como é prohibido fazel-o para o lado do *boulevard*, teem que se sacudir forçosamente no pateo.

—Não, senhor, batem-se em casa...

—Isso agora é novo para mim.

—Pois aviso-o para que não torne a começar.

—Adeus, adeus, deixe-me tranquillo.

E Theophilo fecha a porta na cara do porteiro; julga terminar assim esta altercação, mas ignora o que é incorrer-se no odio de um porteiro...

Alguns dias depois este torna a subir ao quarto de Theophilo, sempre parecendo querer quebrar o cordão da campainha.

—Que diabo quer vossê?

—Vossê é estrebaria, faça favor de dobrar a lingua...

—Ora adeus. O que quer?

—O senhor põe á janella vasos, caixotes com flores, uma immensidade de coisas, e isto não convem... isto deshonra a casa... e o senhorio pro-

hibe-o... depois quando rega as taes flores, lança agua sobre a cabeça dos inquilinos do segundo andar e elles queixam-se.

—Porteiro, eu tenho o direito de pôr á minha janella quantos vasos de flores quizer, o senhorio não m'o pode prohibir, porque tudo isto é resguardado por uma grade de ferro, e não offerece perigo algum aos transeuntes. Quanto aos visinhos do segundo andar, admiro-me que elles se queixem que lhes deito agua em cima, quando rego sempre as minhas flores com todo o cuidado.

—Qual cuidado nem meio cuidado!... hei-de fazel-o tirar os vasos da janella.

—Que pessimo homem que é este porteiro, diz Theophilo comsigo mesmo fechando a porta. Estou certo que tudo aquillo é invenção sua! não é possivel que o senhorio seja tão estupido que queira prohibir que os inquilinos ponham flores á janella. Mas estou bem pouco resolvido a attender o que diz o porteiro... O que devo fazer é nunca lhe fallar, desprezal-o, imaginar que elle não existe.

Mas Theophilo não se lembra que é quasi impossivel a um inquilino viver completamente affastado do porteiro.

No dia seguinte um dos seus amigos vae visital-o, e exclama apenas entra:

—Se não o tivesse visto á janella, não teria subido, o seu porteiro teimava que não estava em casa...

—O porteiro é um estupido, um animal, faz tolices sobre tolices.

—Mas porque motivo deixou de ir hontem á nossa reunião? julgavamos que apparecceria...

—A sua reunião!... qual reunião?...

—A que demos hontem... Não recebeu uma carta ha tres dias?...

—Não recebi.

—Pois não sei porque se desencaminharia, franqueei-a e deitei-a eu mesmo na caixa.

—Provavelmente é ainda historia do porteiro... Pois vou sabel-o.

Theophilo desce, chega ao quarto do porteiro e diz-lhe:

—Não recebeu uma carta para mim?. .

—Um pacote?. .

—Uma carta, do correio, ha tres dias...

—Não, senhor...

—Pois é impossivel que a não recebesse... estava estampilhada e não podia extraviar-se...

—Ah!... ha tres dias... uma carta!.... pois não a recebeu já?

—De certo que não, porque a estou reclamando.

—Isabel, tu não entregaste a este senhor a carta que estava sobre o fogão... ha tres dias?...

—Não... julguei que tu a entregarias... Depois Romualdo andou para ahi a brincar com um papel... talvez seja ella...

—Romualdo, onde pozeste o papel que achaste sobre o fogão?

Romualdo é um rapazete de sete annos; vae apanhar a um canto do quarto um papel todo sujo e o entrega a seu pae. E' a carta que fôra dirigida

a Theophilo; este amarrota-a todo zangado, exclamando:

—Ah! é assim que trata as cartas que recebe para os seus inquilinos!... Saiba, porteiro, que isto poderia ter consequencias mui graves!

—Que diz?... pois eu tenho alguma culpa!... é grande crime uma creança brincar com um papel?...

—Meu amigo, diz a Theophilo o sujeito que lhe tinha escripto a carta, o senhor tem um pessimo porteiro.

E Theophilo sobe a escada murmurando:

—Que canalha!... guardar-me as cartas... isto é infame.

Algum tempo depois, Theophilo que tem ido assistir a uma representação extraordinaria, não chega a casa senão meia hora depois da meia noite.

Bate á porta, não lh'a abrem; bate de novo, o mesmo resultado; finalmente decide-se a gritar, a chamar pelo porteiro; este responde-lhe de dentro da cama:

—Já deu meia noite, não abro a porta...

—Mas, porteiro, sou eu... Tamponnet... o inquilino do terceiro andar... venho do theatro...

—Já deu meia noite... estou deitado... não me levanto...

—Mas, porteiro, eu não me hei-de deitar no meio da rua...

—Viesse antes da meia noite: é esta a ordem do senhorio...

—Abra por esta vez...

O porteiro não torna a responder, e Theophilo

batia e chamava inutilmente, quando alguem se dirige para elle; é ainda o seu amigo Badinet.

—Que demonio tens tu, meu pobre amigo?

—Ah! Badinet! estás vendo um homem bem infeliz!... como de ordinario, emfim!... Não posso entrar em casa... o porteiro recusa abrir-me a porta por ser mais de meia noite... Quer que me deite na rua.

—O teu porteiro é um tratante, vae queixar-te á estação da policia, verás como elle t'a abre... isto se não preferires ir esta noite dormir a minha casa...

—Vou antes comtigo para não fazer mais motim na rua... e ámanhã eu me despedirei... Não me é possivel continuar a ficar n'esta casa... onde sou atormentado por este infame porteiro... Ah! Badinet, confesso-te que começo a perder a coragem... Aos sessenta annos, não ter ainda achado o meio de ser feliz... de ser senhor de mim... de fazer as minhas vontades... não é isto desanimador?

—Oh! não; em primeiro lugar uma pessoa desanimar e entregar-se á tristeza, é mau systema... Deve-se rir... zombar dos acontecimentos... porque, indagando-se bem, aquelles que á primeira vista nos parecem mais infelizes, acabam sempre por ter o seu lado bom.

—Fazes-me o favor de me dizer onde está o meu lado bom n'este momento que não posso entrar em casa, que o porteiro se não quer levantar?

—Oh! isso não se acha logo; tenho pena de que te não queiras ir queixar á policia... tinha gosto de vêr dar um assalto ao teu predio... de obrigar este miseravel porteiro a abrir-te a porta.

—Quero antes ir dormir a tua casa... o teu porteiro ainda estará a pé?

—E que não estivesse, havia de se levantar... de contrario faria uma algazarra que acordaria todos os visinhos.

—É já bem tarde; foste tambem a alguma recita extraordinaria?

—Não... estive a jogar ao gamão em casa de um amigo; como não gosto de me deitar cedo, nunca recolho antes da meia noite.

—És bem feliz... tens um porteiro modelo!

—É que o meu senhorio exige que elle seja delicado e condescendente com os inquilinos, e não leva a mal que estes se zanguem quando o porteiro os não serve como deve... Os bons senhorios são quasi tão raros como os porteiros bem educados, e entretanto, quando se paga regularmente a renda de uma casa, parece-me que se tem o direito de se ser bem servido. Dá-me o braço e vamonos deitar... ámanhã eu me queixarei do teu porteiro...

—Queres mettel-o em processo?...

—Quero que elle seja castigado por te deixar na rua... Meu caro amigo, não se punirem os maus, não é bondade, é estupidez.

XXII

CONCLUSÃO

No dia seguinte a esta noite memoravel o porteiro foi citado e condemnado a uma multa, que elle pagou resmungando encolerisado; mas então, entrando em casa, Theophilo achava lixo deante da porta, e quando ia para a abrir, demorava-se algumas vezes uma hora antes de introduzir a chave na fechadura, por esta se achar atulhada de carvão ou de aparas de madeira.

D'este modo o pobre inquilino não podia continuar ali a habitar, e tudo isto porque o senhorio, que tinha sido instruído da conducta do porteiro, não julgara conveniente despedil-o. Badinet tem-lhe dito: «Se não queres aturar porteiros, porque não procuras um quarto n'uma casa onde não os haja?... É verdade que ellas actualmente são raras, os porteiros tornaram-se *moda*, entretanto ainda se encontram.

Theophilo acceita o conselho do seu amigo, e acha um quarto n'uma antiga casa da rua das *Tournelles*, que tem um corredor de entrada, mas não tem porteiro. O exterior d'esta casa não é agradavel, o corredor que de dia está sempre aberto, é excessivamente estreito, escuro, sujo, e até cheio de lama. No fundo d'este corredor, sobre a direita, encontra-se uma escada de madeira com uma balaustrada tão

larga e massiça, que se poderia muito bem subir por ella até ao ultimo andar. Cada lanço de escada termina por um angulo recto e por um patim onde podem apenas caber duas pessoas; tudo isto não recebendo luz senão atravez dos vidros de uma claraboia, onde as têas de aranha teem já tomado a consistencia e a espessura de cortinas.

Este aspecto desagradavel não afúgenta Theophilo, elle não vê n'esta casa mais do que uma coisa: é que não tem porteiro. Aluga um quarto no segundo andar, e paga ainda todo o semestre afim de se mudar immediatamente.

E quando se vê installado no seu novo domicilio, olha-o com amor, e torna a repetir o que tem já dito por varias vezes:

—D'esta vez eis-me senhor de mim... senhor de sair e entrar á hora que quizer... e mesmo de ficar fóra se isto me agradar... Eis-me livre de porteiros! d'estes rostos patibulares que espreitam as nossas menores acções... que nos fazem pirraças se lhes não untamos todos os dias as mãos... o que dá em resultado ser muito maior a renda da casa. Ah! que vida tão alegre que vou ter para o futuro!... hei-de ir todas as noites ao theatro... hei-de-me desforrar de todas as apoquentações que tenho tido até hoje.

A alegria de Theophilo dura pouco; quando recolhe á noite para casa, abre a porta do corredor por meio de um segredo muito simples conhecido de todos os *inquilinos*; mas é preciso entrar ás escuras e chegar á escada ás apalpadellas, porque os candieiros são totalmente desconhecidos na escada.

Theophilo, que nunca foi valente, sente então uma especie de estremecimento que se assemelha bastante ao medo; dá dois passos no corredor e pára; escuta, porque tem julgado ouvir ruido na escada, tosse com força, bate com os pés, canta, não se resolve a avançar. Finalmente decide-se dizendo comsigo:

—Fui obrigado uma noite a dormir fóra de casa, porque o porteiro me não quiz abrir a porta... mas agora... se tornasse a ir pedir *hospitalidade* a Badinet... precisava dizer-lhe: «Não entrei para casa, porque não tenho porteiro...» riria de *mim*, e dir-*me*-*hia*: «Então vae-te empoleirar como um passaro no ramo de uma arvore, e não te movas apenas anoitecer.» Tenhamos coragem, atravessemos este corredor, que me faz o effeito da floresta de Bondy... Se pelo menos tivesse uma arma, mas tenho unicamente uma bengala.

Theophilo avança; na sua precipitação bate muitas vezes com a cabeça na parede, mas chega á escada, sobe-a sem tomar a respiração, abre a porta, torna-a rapidamente a fechar, e, vendo-se em casa, lança-se sobre uma cadeira e respira como um homem que acaba de escapar a um grande perigo.

Depois de accender o candieiro, Theophilo sente-se mais animado e diz comsigo:

—Não seria muito agradavel se todas as noites, para entrar em casa, sentisse as mesmas commoções de hoje... creio que a minha saude se ressentiria, sem contar os *galeirões* que fiz na cabeça. Mas tenho um meio bem simples para não vêr re-

novar os meus terrores; trarei sempre commigo um rolo de cera e uma caixa de fosforos... d'estes fosforos que usam os homens que fumam. Antes de entrar no corredor accenderei o meu rolo de cera, e d'este modo terei luz para subir a escada... Quando vêjo, sou muito valente... é a obscuridade que me inspira más ideas, e me faz bater com a cabeça pelas paredes.

Theophilo, encantado de ter achado este meio de entrar em casa sem receio, deita-se mais satisfeito. *Mas quando o susto entra n'uma casa, é bem difficil* conseguir-se fazel-o sair d'ella.

Theophilo dorme mal, acorda muitas vezes durante a noite, julga ouvir ruido na escada; depois são as portas que parecem mover-se, agitar-se.

Tamponnet diz comsigo:

—É o vento... não pode ser senão o vento, porque *se estivesse gente na escada, isto seria bem inquietador*... No meio da noite não poderiam ser senão ladrões que possuissem o segredo para abrir a porta do corredor... E' bem simples este segredo .. Se me arrombassem a porta... não sei quem me soccorreria... No primeiro andar mora uma mulher entrevada, com uma creada velha que é surda... Fosse lá chamar esta *gente em meu* auxilio! No segundo moro eu. No terceiro, ha um homem que bate na mulher, segundo me disseram, mas não é pelo que eu faço. No quarto andar, finalmente, ha muitos quartos habitados por artistas... *que ainda* não encontrei... Hei-de mandar pôr um ferrolho bem forte na porta.

Theophilo deixa-se dormir quando vê romper a aurora; mas, quando acorda, o moço que lhe faz os recados diz-lhe:

—O senhor sempre veio morar para uma rua bem solitaria!... Conheço duas pessoas que foram aqui roubadas uma d'estas noites... Depois um predio sem porteiro não é seguro! Se n'esta casa me dessem um quarto de graça, não o acceitaria.

Theophilo finge rir das reflexões do moço, mas, elle mesmo sente-se vivamente impressionado. Manda chamar um serralheiro para lhe pôr dois ferrolhos na porta, entretanto não dorme melhor de noite; parece-lhe continuadamente ouvir ruidos mysteriosos, teme agora que alguem se lhe introduza em casa pela chaminé, pois tem ouvido dizer que isto succede algumas vezes.

Um dia, descendo a escada, encontra dois homens de blusa, com barbas e bigodes enormes. Theophilo curva-se até ao chão affastando-se quanto possivel. Depois diz comsigo:

—Se são os meus visinhos lá de cima, são bem mal encarados!... Emfim talvez sejam bons homens... Pode-se ter a barba crescida sem se deixar de ser pessoa de bem; mas isto dá sempre uma apparencia selvagem.

Uma noite Theophilo ouve distinctamente gritos, gemidos no andar superior.

—É provavelmente o visinho que está a bater na *mulher*, diz elle. Se eu lhe fosse acudir... mas não... é perigoso... quem as arma que as desarme. Depois recordo-me do *Medico á força*, de Molière...

Sempre tenho uma visinhança bem pouco agradavel... Parece-me que se abre a janella... Ah! meu Deus! irá o malvado deitar a mulher á rua!... Não, não, deitou alguma coisa, mas não foi a mulher.

Alguns dias depois, o moço de recados entra em casa de Theophilo, exclamando:

—Então, senhor, que lhe dizia eu?... É bonita, a sua rua...

—Como, meu rapaz... o que ha de novo?

—Pois ainda não sabe o que succedeu esta noite?

—Como o hei-de eu saber, se são apenas nove horas e meia, ainda não saí e ninguem me veio visitar?...

—Pois a sr.ª Profitant... mulher já velha que morava aqui proximo, antiga vendedeira de fructa, que diziam ser rica... e que por economia não tinha creada...

—Então, a sr.ª Profitant?

—Foi encontrada morta hoje de manhã... assassinada por ladrões que a queimaram... e a quem sem duvida roubaram muito dinheiro... Não se sabe ainda com certeza, mas a justiça toma informações...

—Ah! meu Deus! pobre mulher!... E prenderam-se os assassinos pelo menos?

—Oh! não, senhor... Provavelmente foi gente da rua... que conhecia a casa, porque não deixou *infracção* alguma nas portas nem nos moveis... Suspeita-se já de muitos individuos... entre outros de um taberneiro, que ha muito tempo andava á *divi-*

na, que tem immensas dividas, e que já esta manhã comprou um charuto de cinco soldos!...

—Tudo isso é bem assustador... E a casa onde se commetteu esse assassinato não tem porteiro?

—Tem porteiro, sim, senhor... porem elle nada viu... Eis o que torna o crime mais singular... Oh! se a casa não tivesse porteiro, então tinham os ladrões roubado tudo o que a pobre mulher possuía.

Theophilo sente-se extremamente inquieto, quando pensa que um assassinato se commetteu tão proximo de sua casa; lembra-se que o podem tambem roubar, a elle cuja apparencia annuncia alguns meios de fortuna; arrepende-se de sair sempre tão bem vestido, e n'este dia diz ao creado que não lhe engraxe as botas nem escove o fato.

Entretanto Tamponnet andava sempre munido de fosforos e de um rolo de cera, para não entrar em casa ás escuras e não bater com a cabeça pelas paredes; não deixando porem de experimentar uma certa emoção logo que entrava no corredor.

Havia quatro dias apenas que o moço de recados lhe contara o que succedera á sr.ª Profitant, quando Theophilo, querendo distrair-se, vae a uma recita que se dá em beneficio n'um theatro do *boulevard* do Templo, d'onde não sae senão depois da uma hora da noite.

O nosso viuvo, que se divertia, não prestava attenção ás horas; mas saindo do theatro, consulta o relogio, fica todo assustado por ser tão tarde, e dei-

ta a correr pelos *boulevards* para chegar mais cedo a casa.

—Bem sei que o porteiro não ralhará commigo... diz elle; que posso recolher á hora que quizer... mas é o mesmo, isto é imprudente... se nos *boulevards* pouca gente se encontra, muito menos se ha-de encontrar na rua das Tournelles.

Theophilo chega emfim a casa todo innundado em suor, não obstante ser no mez de abril. Antes de entrar no corredor, tira do bolso o rolo de cera, mas examina, busca em vão todas as algibeiras, não encontra a caixa dos fosforos. Esquecel-a-hia em casa, ou tel-a-ha perdido n'alguma occasião em que se serviu do lenço para limpar o suor? O que ha de positivo é que não a tem e que é obrigado a entrar no corredor sem luz.

Abre a porta, depois hesita; recorda-lhe o que tem succedido á sua visinha. Entretanto não quer deitar-se na rua porque está suado, a noite está fria e conhece que isto lhe faria mal. O pobre Theophilo toma pois coragem, entra no corredor, chega á escada, sobe alguns degraus... de repente pára, ouviu ruído: espera, escuta attentamente, nada mais ouve. Entretanto está certo de ter ouvido alguma coisa. Sobe ainda alguns degraus e chega ao primeiro andar; mas então um ruído muito distincto se faz novamente ouvir: é alguem que desce, mas que pára quando Theophilo deixa de subir. O pobre homem sente faltarem-lhe as forças, encosta-se ao canto da escada e balbucia:

—Quem está ahi?... quem vem lá?

Não se lhe responde; mas Theophilo ouve um attrito, como de outra pessoa que se encosta tambem á parede.

—E' um ladrão... um assassino... pensa elle; talvez o mesmo que matou a sr.ª Profitant... espera-me deante da porta para entrar commigo no meu quarto e matar-me... Que horrivel situação... se avanço morro...

E Theophilo murmura ainda:

—Quem está ahi?... responda... ou faço fogo...

Mas nada de resposta; ouve unicamente de novo um ruído surdo que lhe é impossivel classificar; faltam-lhe as forças, dobra os joelhos, e, acocorado ao canto da parede que lhe serve de apoio, fica immovel até ao amanhecer.

Mas finalmente as trevas dissipam-se. Theophilo, que sente dores horriveis em todos os membros, e que não sabe se terá força para deixar a posição que conservou toda a noite, espera que seja dia claro para examinar bem a escada. Quando chega este momento, ergue os olhos e vê no patim superior, n'um angulo semelhante áquelle que occupa, um cão preto que está ali acolhido, como elle, mas que se acha profundamente adormecido.

—Era um cão! exclama Theophilo diligenciando levantar-se; era um cão!... Já me não admiro que não tenha respondido quando gritei: Quem está ahi?... Mas a quem pertencerá este cão?...

—A mim, diz uma voz.

E um homem de blusa e de barba comprida des-

ce então a escada e vae acariciar o animal dizendo-lhe:

—Ah! malcreado Turco... vossê hontem esteve muito goloso... roubou a cêa a seu amo... por isso não dormiu em casa... é bem feito, isto o ensinará a não ser ladrão... Estou certo, senhor, que elle não o offendeu, porque é manso como um cordeiro.

—Oh! não me fez o menor mal, responde Theophilo subindo a escada.

—Bom dia, senhor... Turco, cumprimente este senhor.

—Oh! muito obrigado, não é preciso.

Theophilo entra em casa dizendo comsigo:

—Parece um bellissimo homem, este individuo da barba crescida... E ter eu passado a noite na escada... julgando que um ladrão me espreitava... Ah! decididamente está escripto que hei-de passar toda a minha vida a fazer tolices.

Um instante depois chega o moço que serve Theophilo, o qual diz com um modo todo embaçado:

—O senhor não sabe? já se descubriu o assassino da sr.ª Profitant...

—Não sei, nem o quero saber, responde Theophilo que se sente bastante incommodado; vossê enfastia-me com as suas historias... dá-me sempre noticias aterradoras... deixe-me em repouso, que estou doente.

—O assassino da sr.ª Profitant foi um fogareiro... Provou-se que foi sobre elle que esta pobre mulher achou a morte...

—Que o diabo o leve com os seus crimes imaginarios! Vossê desorientou-me a cabeça com as suas narrações... e é a causa... talvez da minha morte...

O pobre homem dizia a verdade; porque, quando se tem corrido muito, quando se está innundado em suor, não se passa impunemente uma noite fria acocorado no patim de uma escada.

Theophilo mette-se na cama bastante zangado com o moço de recados, e com a firme tenção de o despedir logo que se tenha curado; mas a febre augmenta, e o medico, que se tem mandado chamar, declara que a sua doença é uma fluxão de peito.

Theophilo manda prevenir o seu amigo Badinet; este corre a vêl-o e, achando-o muito doente, quer fazer advertir Amanda, que se tem tornado sr.ª Dupuis.

—Não incommodes minha filha, diz Tamponnet, ella não está em Pariz; isto obrigal-a-hia a deixar o campo, onde habita... e não chegaria a tempo... Quanto a meu filho... está a esta hora na India... e chegaria ainda muito mais tardo...

Badinet tenta animar o seu amigo sobre o seu estado; mas o pobre Theophilo conhece que as forças o abandonam. Então aperta ainda a mão do seu velho amigo, dizendo-lhe:

—Não me lastimes, Badinet; sabes muito bem que não nasci sob a influencia de uma estrella feliz... Deus chama-me para si, tanto melhor, porque vou para o unico lugar onde de certo não serei mais atribulado.

FIM.

OS BANHOS

POR

PAULO DE KOCK.

Ainda uma invenção moderna, que se affirma ser renovada dos gregos; mas os gregos eram mais sumptuosos, mais sybaritas que nós: tinham casas com portieos, salas vastas e bem arejadas, pateos com tanques, com fontes, possuiam necessariamente salas de banhos e não tinham necessidade de ter tinas em casa.

Em Pariz onde não ha lugar para uma pessoa se estender, onde moram cento e vinte pessoas e ás vezes mais n'um só predio; onde o que se chama uma camara é muitas vezes apenas um espaço de doze pés... e não quadrados, no qual se é obrigado a abrir a janella quando se quer vestir o casaco; onde a mesma casa serve algumas vezes de antecamara, de casa de jantar, de sala e de cosinha; onde ha um só patamar para quatro inquilinos, onde não é raro vêr se um a accender o fogareiro, outro a escovar o casaco, e um terceiro a limpar a lama dos sapatos... tudo isto porque os quartos são acanhados; deve-se bem pensar que as casas de banhos são raras, principalmente na classe burgueza, que tem achado o meio de fazer uma cama n'um *divan*, mas que não pensou ainda em

fazel-a n'uma tina... Isto ha-de vir talvez... inventamos todos os dias.

Ora pois, aquelles que não teem tina em casa, precisavam recorrer aos estabelecimentos de banhos, quando experimentavam a necessidade ou o desejo de se mergulharem n'agua; estes estabelecimentos não são raros em Pariz; quasi que se encontra um em cada rua; mas ha ruas mui compridas, faz mau tempo muitas vezes, e quando se está doente, quando é para a saude que se tomam banhos, nem sempre se está disposto a sair-se para os ir procurar.

Actualmente todas estas difficuldades se vencem; trazem-vos uma tina a casa; que moreis no quarto, no quinto andar, mesmo nas aguas-furtadas, podereis tomar o vosso banho; coisa alguma embaraça os emprehendedores; e alem de que, o banho em casa é essencialmente philanthropico. Procuraes um estabelecimento, declaraes a vossa morada, dizeis a hora a que desejaes banhar-vos, repetis partindo: «Que vá quente!» e estaes servida.

Na verdade, como as melhores coisas teem sempre o seu lado imperfeito, estes banhos trazem-vos tambem algumas pequenas inquietações. Por exemplo, esperaes tomar um banho ás nove horas... algumas vezes ás onze ainda vos não trouxeram a tina com a agua... Isto contraria-vos porque tendes vontade de comer e não podeis almoçar antes de entrar no banho.

Emfim pára uma carroça á porta: é o banho que chega; ficaes maravilhada e dizeis á creada: «Man-

da conduzir para aqui a tina... esses homens que desviem um pouco o bufete...»

O ruido de grossas solas ferradas annuncia-vos a chegada dos conductores do banho; os seus pés deixam signaes no sobrado; mas não podeis exigir que homens de trabalho façam uso de botas engraxadas.

Catatruz!... este ruido parte da sala que precede o vosso quarto de dormir.

—Ah! meu Deus! o que foi isto? exclamaes dando um salto sobre a cama.

Uma voz grossa e rouquenha responde-vos:

—Não é nada!.. não é nada!.. sómente duas chavenas quebradas...Oh! isto concerta-se e não se conheçe... Se até se concertam pratos, que são muito maiores.

A creada entra no quarto e diz-vos com ar lastimoso:

—Ah! minha senhora, os homens bateram com a tina na bandeja que estava sobre a mesa, e quebraram duas chavenas.

N'este momento entram os conductores do banho no vosso quarto de dormir: um d'elles pisa logo a cauda do gato, que foge miando.

—Não é nada! não é nada! diz elle. Uma vez esmaguei de tal modo um gato contra uma porta, que não se lhe ficou distinguindo a cabeça do rabo... Pois mesmo assim ainda viveu seis semanas! Os gatos custam muito a morrer.

E a tina é conduzida para o vão de uma janella.

Empurrando uma poltrona um pouco vigorosamente sem terem olhado para traz, estes homens fazem-na ir de encontro a uma jardineira, onde tendes alguns d'esses bonitos objectos da moda que custam muito caros em Pariz.

Uma estatueta de *Danton*, representando um dos seus cargos mais espirituosos, é derrubada pelo choque e quebra-se sobre o tapete.

—Não é nada! não é nada! dizem os homens; bonecos de gesso ha muitos nos *boulevards*... ha um instante passava pela rua um homem com um taboleiro d'elles á cabeça... mais *taludos* do que este e com côr! são mais bonitos.

E vão buscar a agua; então não deixaes de lhes dizer:

—Tratem de não entornar agua no sobrado; tenham cuidado, eu lh'o peço...

—Socegue, minha senhora, não ha perigo.

Ao terceiro ou quarto balde de agua que é transportado para o vosso quarto de dormir, acha-se este tão innundado, que vos poderieis ainda entregar ao prazer da pesca.

—Meu Deus! vossemecês alagam a casa toda!...

—Não é nada! não é nada! dizem os homens. Não podemos impedir os baldes de verter... Mas isto enxuga-se com uma rodilha... e depois, como não é agua suja, faz bem, lava o sobrado.

Olhaes para a creada suspirando e esta diz-vos para vos consolar:

—Ah! se a senhora podesse vêr a sala!... está muito peior... pode andar n'ella um barco!

Emfim, tendes a tina cheia e dizeis:

—Esqueçamos todos estes accidentes... ao menos vou ter o gosto de me banhar em casa... no meu quarto... muito á minha vontade...

Saltaes para fóra da cama e entraes na tina. Mas apenas sentis a agua chamaes pela creada exclamando:

—Estou queimada, ardo... este banho está muito quente!... Agua fria... agua fria depressa!...

Emquanto a creada sae a correr para fóra do quarto, tendes que vos pôr de pé, porque não podeis ficar sentada dentro da tina. Mas queimaes as pernas e gelaes o corpo.

Emfim a creada torna a apparecer trazendo uma garrafa meia d'agua, que vasa na tina, onde isto faz absolutamente tanto effeito como um grão de sal dentro de uma panella.

Decidis-vos a sair inteiramente do banho, porque vos constiparieis antes da agua ter tomado o grau de calor que vos convem.

Limpaes-vos e tornaes para a cama, dizendo:

—Não é com meia garrafa d'agua que o banho podia ficar bom... é preciso diminuir a agua. Deita-a n'um balde, n'um alguidar... n'uma terrina... em tudo o que tiveres á mão...

A creada executa o que se lhe ordena, junta vasos de todas as dimensões; não vos nomearei todos aquelles que julga dever ir buscar no seu zelo de querer tirar agua quente da tina; o quarto torna-se um tanque no qual se poderiam executar jogos hydraulicos os mais variados.

Saís novamente da cama, entraes na tina e não pareceis satisfeita.

—Está ainda muito quente, minha senhora? pergunta a creada.

—Muito quente!... não! pelo contrario, sinto frio... tiraste muita agua quente. Não me quero constipar... é preciso absolutamente tornar a aquecer o banho... bem vês como tremo. Vae aquecer agua... que fique bem quente... Tens lume na cosinha, não é assim?...

—Não, minha senhora... está quasi apagado...

—Pois torna a accendel-o e aquece uma panella d'agua... apressa-te!

E a creada, para reanimar o lume, põe-se primeiro a assoprar, e recomeça as suas evoluções no quarto com os objectos que ali tem reunido.

—E estava a senhora tão satisfeita por ir tomar um banho no seu quarto! Para se aquecer ou arrefecer a agua não é mais commodo quando se tem uma torneira?...

Não respondeis, estaes extremamente vexada, e quereriels poder lavar a cabeça á creada do mesmo modo que lavaes o corpo; isto é, de uma maneira desagradavel.

Depois de ter assoprado o lume durante cinco minutos, a creada volta da cosinha com uma panella cheia de agua a ferver e corre para a tina, exclamando:

—Espere, minha senhora, aqui vem agua quente... julgo que agora ficará satisfeita!

E antes de terdes tempo de vos desviardes e de

dizer coisa alguma, a creada despeja-vos sobre as costas a panella d'agua a ferver.

A dôr faz-vos soltar um grito.

—Pois não está ainda quente? diz a creada.

—Se está quente!... quente de mais... queimaste-me as costas...

—Eu fiz unicamente o que a senhora me disse... Quer que ponha mais agua ao lume?...

—Não, não é preciso... dá-me o lençol para me limpar... quero sair do banho...

Saís da tina, limpaes-vos e voltaes para a cama jurando, como o corvo da fabula, que não tornareis a cair n'outra.

Todos estes dissabores não impedem que os banhos tomados em casa sejam muitas vezes uteis e commodos e que se generalisem em Pariz o mais possivel. Nem sempre se quebram chavenas e se innundam as casas, e antes de vos metterdes no banho deveis ter a precaução de experimentar se elle possue o grau de calor que desejaes.

Depois de ter mostrado os inconvenientes de uma coisa, é justo que faça vêr tambem as vantagens.

Assim, querendo tomar um banho em casa, nada vos impede de transformar em sala de banho o quarto onde elle possa ser tomado mais commodamente.

As senhoras banham-se algumas vezes no seu *boudoir*, e em quanto fazem deitar na agua perfumes, essencias que embellezam a pelle, leem um romance do seu auctor favorito.

É preciso terem muito cuidado em ler sómen-

te obras que interessem, de contrario poderiam adormecer no banho, como este senhor que parece gosar n'elle a mais completa felicidade; mas isto é mui perigoso.

O litterato manda collocar a tina no seu gabinete, junto da sua mesa de trabalho; escreve ou lê, em quanto se banha, e a agua, refrescando as suas idéas, torna o seu estylo mais corrente e mais suave.

Em Pariz, onde tudo se presta ao riso, onde se tira partido tanto do assumpto mais grave como do mais frivolo para se rir e zombar, os banhos em casa não podiam deixar de ser explorados, e eis o que succedeu na grande cidade.

Uma joven *grisette*, bonita, esperta, mas vingativa, acabava de alugar um quarto n'uma bella casa da rua de S. Jacques.

O dono d'esta casa era um velho esmiuçador, desconfiado, escrupuloso e um pouco rediculo (ha em Pariz d'estes senhorios); nunca deixava de tomar informações de todos os seus inquilinos, por tanto dirige-se ao predio onde a *grisette* habita. Este predio não tem porteiro, mas pergunta n'um lugar de fructa, qual a maneira de viver da menina Anastacia.

As respostas da vendedeira de fructa são animadoras: Anastacia é uma bordadora de talento; gosta de rir, de cantar, recebe algumas vezes em casa um estúdante, ou um advogado; mas estes senhores retiram-se regularmente antes da meia noite, e Anastacia paga sempre de prompto a meia

quarta de manteiga, o bocado de queijo de Brie ou a fructa que compra.

O velho fica satisfeito; entretanto para maior segurança, quer vêr a mobilia da joven bordadora, e decide-se a ir a sua casa.

—É na agua furtada, lhe diz a vendedeira de fructa; uma porta que tem um pé de corça no cordão da campainha... A escada não pode estar mais limpa.

O nosso homem sobe até ao quinto andar; a escada está effectivamente muito acceiada, e o senhorio diz comsigo mesmo:

—Para um predio que parece habitado por artistas, não está mal conservado...

Subindo o ultimo andar, o senhorio mostra-se menos satisfeito: começa a achar agua na escada, e bem depressa vê molhados todos os degraus. Chegando ao patim do ultimo andar, tem que atravessar quasi uma torrente para chegar á porta de Anastacia, e é d'ali que parece sair esta innundação.

A porta está entreaberta. A *grisette*, que tem ouvido alguem subir, apparece no limiar, de saia branca e camisola, e faz uma graciosa mesura ao senhorio; mas este que tem já tomado a sua resolução, não lhe corresponde com a mesma amabilidade.

—Queira ter a bondade de entrar e de descançar um instante, diz Anastacia.

—Não vale a pena, menina, responde o velho com um modo bastante secco; porque só tenho duas palavras a dizer-lhe... Resolvi restituir-lhe o dinhei-

ro que me deu de signal, pois não me convem que vá morar para o meu predio.

—Tem a bondade de me dizer o motivo? exclama a *grisette;* as informações que tem tomado não me podem ser desfavoraveis... os meus costumes são irreprehensiveis... não vou a espectaculos senão ao *Bobino*, não danso senão no *Prado*, junto unicamente no *Flicotot*... e emquanto á minha mobilia, entre, senhor, e verá que tenho com que pagar dez semestres da sua casa.

—Menina, as informações que colhi a seu respeito são bôas... bem vêjo d'aqui que possue uma soffrivel mobilia... mas repito-lhe que não me convem que se vá alojar no meu predio.

—Mas então, porquê, senhor? eu quero, peço, exijo uma explicação... isto é uma affronta, e eu não soffro pacientemente o menor insulto.

—Visto desejar saber a rasão porque não a quero na minha casa, eu lh'a vou dizer: é que a sua escada é uma perfeita lagôa, não se sabe mesmo onde se ponha o pé; que toda esta agua sae do seu quarto... e não desejo que faça semelhantes innundações no meu predio. A agua infiltra-se nos sobrados, menina, depois nos forros, e isto deteriora, apodrece uma casa; os pobres senhorios vêem-se constantemente obrigados a fazer reparações, e tudo isto por culpa dos inquilinos... Nada, quero antes ter a casa por alugar.

—Oh! meu Deus! pois deixa de me alugar o quarto, por vêr uma pouca d'agua entornada!... Não o fiz de proposito, foi porque tomei um banho

em casa... Gosto tanto de me banhar!... era capaz de viver dentro d'agua... ali como, ali leio, ali durmo... se podesse fazia tudo no banho!... Ora como os banhos não são prohibidos!...

—*Sinto muito, menina, mas como gosta tanto* da agua, poderia ter a idéa de tomar muitos banhos no meu quarto, eis porque não posso ter o prazer de lh'o alugar.

—Ah! o senhor então não toma banhos em casa?...

—Não digo tanto... mas tomo precauções... muitas precauções para não innundar o sobrado... Eis o dinheiro que me deu de signal.

—*Está então bem decidido?*

—Como eu chamar-me Triffouillard. Adeus, menina.

E o velho senhorio desce a escada, emquanto a *grisette* se inclina sobre a balaustrada, gritando-lhe:

—Sr. Triffouillard, vossemecê é um velho muito ridiculo, mas eu lhe prometto que ha-de ter noticias minhas!

Anastacia não era rapariga capaz de não cumprir aquillo que dizia; passeia pelo quarto imaginando o seu meio de vingança; não o conseguindo senta-se e fica mergulhada nas suas reflexões. Bem depressa dá um salto na cadeira, exclamando:

—Finalmente... formei o meu plano... Oh! isto será bello, *mirobolant!...* (*Mirobolant* é uma nova palavra empregada em Pariz, no estylo excentrico, e que quer dizer mais que magnifico).

A *grisette* sae, vae a uma rua proxima, chama um moço de recados, diz-lhe que a siga, e dirige-se para o mais proximo estabelecimento de banhos. A alguns passos da porta pára, indica ao moço de recados a morada do sr. Triffouillard, proprietario, e ajunta:

—Vae dizer que este senhor quer tomar ámanhã um banho pelas sete horas da manhã.

O moço de recados entra no estabelecimento e volta bem depressa a dizer á *grisette* que o banho está pedido.

Anastacia dirige-se a outra rua, pára deante de uma outra casa de banhos, e diz de novo ao moço de recados:

—Vae pedir para o sr. Triffouillard um banho para ámanhã ás sete horas da manhã, e indica bem a sua morada.

O moço de recados põe-se a rir e apressa-se a executar o que se lhe ordena.

Anastacia manda-o ainda fazer o mesmo aviso a seis estabelecimentos de banhos, depois dá-lhe dois francos, despede-o e volta para casa tão contente como se o seu amante lhe tivesse promettido um jantar n'uma das melhores casas de pasto.

No dia seguinte ás sete horas da manhã tocam a campainha da porta do sr. Triffouillard, que não costuma levantar-se tão cedo. Uma velha creada vae bem depressa dizer-lhe:

—São os homens do banho... fez mal em não me prevenir que tomaria um banho hoje de manhã,

ter-me-hia levantado ha mais tempo e teria tudo disposto.

O sr. Triffouillard esfrega os olhos, exclamando:

—Essa gente engana-se, eu não tenho o menor desejo de me banhar... que me deixem dormir.

A creada volta bem depressa replicando:

—Os homens dizem que é para o senhor que o banho foi pedido, e não querem retirar-se.

—Emfim, diz o sr. Triffouillard de muito mau humor, visto estar ahi a tina vou tomar um banho, ainda que isto é certamente engano; mande entrar essa gente... com as precauções do costume.

Emquanto se colloca a tina no quarto, sôa de novo a campainha. A creada vae abrir a porta, e volta toda admirada, dizendo:

—Parece que o senhor teve medo que lhe faltasse o banho; trazem-lhe ali outra tina.

—Outra tina! isso agora é mais sério!... exclama o velho proprietario saltando para fóra da cama. Dois banhos, quando não tinha resolvido banhar-me!... Esses homens que se retirem.

Antes que o sr. Triffouillard tenha acabado de fallar, a campainha é ainda agitada com violencia; a creada corre á porta e volta bem depressa a dizer quasi chorando:

—Senhor!... senhor!... é ainda terceira tina que lhe trazem!... A escada está cheia de gente.

—Tres banhos! exclama o sr. Triffouillard tirando com colera o barrete de algodão que lhe cobre a cabeça; este gracejo torna-se de muito mau gos-

to... como diabo querem que eu tome tres banhos!...

—O senhor tem toda a rasão; mas aquelles homens não me querem attender; está a escada cheia de baldes, de tinas, nem mesmo se pode passar.

—Que vão para o inferno e que me deixem tranquillo... Mas que novo barulho é ainda este?

A creada vae vêr; volta bem depressa com ar desesperado e deixa-se cair sobre uma cadeira murmurando:

—Senhor!... senhor! chegaram mais tres tinas ao mesmo tempo... Os visinhos já acudiram, perguntando se ha fogo no predio e o asno do porteiro exclama a cada instante:

«É o sr. Triffouillard que tem na pelle uma coisa que não quer sair, que resolveu tomar hoje de manhã seis banhos uns atraz dos outros.»

O velho proprietario está furioso, desesperado; quer expulsar todos os homens que sobem com as tinas e os baldes cheios d'agua, porfiando qual ha de chegar primeiro ao cimo da escada, e n'esta luta de um novo genero, deve-se pensar se a casa fica bem innundada.

O sr. Triffouillard decide-se a pagar os seis banhos, dos quaes se não utilisa, e emquanto examina tristemente as torrentes d'agua que lhe alagam a escada e o pateo, recorda-se da sua visita da vespera a casa de Anastacia; adevinha então que foi a *grisette* que lhe pregou esta peça, e diz comsigo:

—Agora conheço que fiz mal em não lhe ter alugado o quarto.

Não terminaremos este artigo sem citarmos as palavras ingenuas d'aquelle provinciano que, tendo que fallar com um advogado celebre, dirige-se um dia de manhã á sua morada. Sobe ao andar que se lhe indica, vê uma chave n'uma porta, abre-a, e não encontrando pessoa alguma, penetra no segundo quarto.

Precisamos dizer que no mesmo andar mora uma bonita mulher, que acaba de tomar um banho. Esta mulher tem saído da tina, completamente nua, e lança mão de um lençol, quando a porta do quarto se abre, o nosso provinciano apparece, olha, admira e exclama:

—É ao sr. X... que tenho a honra de fallar?

FIM.

Mas tudo isto nos tem feito esquecer o sr. Flânanville. Deixamo-nos facilmente arrastar por aquillo que amamos.

As bôas donas de casa gostam de almoçar logo que se levantam, e a sr.ª Flânanville era d'este numero.

Apenas fóra da cama, ordenava á creada que lhe apromptasse o café e não socegava em quanto não via o almoço na mesa.

Então chamava seu marido.

Mas o sr. Flânanville era essencialmente preguiçoso e gostava de estar na cama mesmo quando se não achava entregue ao somno.

II

A senhora diz á creada:

—Diga a seu amo que o almoço está na mesa. Disse-me hontem á noite que tinha muito que fazer hoje de manhã e é já tarde.

A creada entra no quarto de dormir, vê o sr. Flânanville com os olhos quasi fechados, e grita-lhe:

—Senhor, o almoço está na mesa.

O dono da casa estende os braços, boceja, abre de todo um olho e murmura:

—Mas porque me impedirão sempre de dormir? Minha mulher é cruel; apenas acorda não consente que mais ninguem durma! Tinha um sonho tão agradavel! Ia a cavallo pelos ares, como *Rolando-Furioso*. Emfim, já me levanto.

A creada vae dizer á sua ama:

—O senhor já ahi vem.

Um quarto de hora depois, como o sr. Flânanville não apparece, sua esposa manda seu filho Anastacio acordar seu pae.

Anastacio é muito desinquieto, muito goloso, muito mentiroso e muito respondão.

Seus paes acham-no cheio de bôas disposições.

Tem effectivamente as disposições necessarias para se tornar um extravagante.

Entra no quarto, tendo na mão um sacco de papel vasio.

Leva o sacco á boca, enche-o de vento, fecha-o immediatamente, e vae rebental-o ao ouvido de seu pae.

D'esta vez o sr. Flânanville dá um salto na cama, exclamando:

—Oh! meu Deus! um tiro!... um tiro de peça! Que succederia?... agarrariam Abd-el-Kader?

Anastacio ri como um louco respondendo:

—Fui eu, papá, fui eu que fiz estourar um sacco de papel.

—Ah! foi o menino, foi o sr. Anastacio que me veio fazer este motim aos ouvidos...

—A mamã quer que vá almoçar.

—Isto é insupportavel!.. nem sequer tenho tempo de dormir!... Anastacio, fizeste já os teus deveres?

—Quaes?

—Aquelles que te *indiquei*.

—Não sei o que é, papá.

—A fabula que devias decorar.

—Ah! sei a minha fabula, papá, vae vêr.

E Anastacio começa a recitar:

Mestre corvo n'uma arvore pousado...

—Basta, basta... dir-me-has isso depois, agora não tenho tempo de te ouvir.

—Mas eu decorei-a...

—Mas se não tenho tempo de te ouvir agora...

—Não sei para que me obriga a aprender estas coisas, o papá nunca me quer ouvir.

—Não deixas de ter rasão, mas... Olha, vae aprender de cór o verbo raciocinar; has-de conjugar-m'o todo deante de mim.

Anastacio affasta-se todo amuado.

O sr. Flânanville pega n'umas calças, larga estas e tira outras de uma gaveta, e quando vae a enfiar uma perna escolhe ainda outro par.

Tem pegado no sexto par de calças quando sua mulher entra no quarto.

—Meu amigo, não queres hoje almoçar?

—Perdôa-me, filha... mas aqui não ha mesmo tempo de uma pessoa se vestir.

—Está ali um sujeito que te quer fallar...

—Oh! é impossivel... despede-o, minha bôa amiga, dize-lhe que venha n'outra occasião... Preciso vestir-me, almoçar.. e tenho voltas importantes a dar hoje de manhã. Despede esse sujeito.

A dona da casa affasta-se encolhendo ligeiramente os hombros.

Flânanville demora-se tanto a vestir o colete como se demorou a vestir as calças.

O café, que estava na mesa havia muito tempo, acha-se pois completamente frio quando elle o vae tomar; mas presta a isto pouca attenção.

Os homens muito occupados não notam taes bagatellas.

Flânanville examina o seu livro de contas dizendo:

—Preciso hoje consultar um procurador, um tabellião ou um advogado, relativamente á nossa herdade por dentro da qual querem abrir uma estrada... Creio que a rasão está da minha parte...

—Pois não fizeste hontem essa consulta?

—Não tive tempo, tratarei d'isto hoje.

—E para a compra de fundos, fallaste ao corretor de cambio?

—Não tive tempo, hei-de hoje fallar-lhe.

—Olha não te esqueça que é hoje o dia dos annos de teu tio. Sabes quanto elle é melindroso com essas coisas. Se não lhe fosses dar os parabens, seria capaz de se offender, e tu deves agradar a teu tio.

—Tens rasão, é um velho solteiro muito rico de quem seremos herdeiros. Oh! com os demonios, muito tenho hoje que fazer!

Anastacio apresenta-se com ar lastimoso deante de seu pae, e põe-se a murmurar:

—*Eu raciocino, tu raciocinas, elle raciocina...*

—Ah! muito bem, sei o que é... ouvir-te-hei de outra vez... agora não tenho tempo.

—Mas em quanto o papá almoçar... *Eu racio-*

cinarei, tu raciocinarás, nós raciocinaremos...

—Cala-te! silencio! Não te disse já que não tenho tempo de te ouvir?

—*Vós raciocinareis...*

—Olha que se te ouço ainda raciocinar... Vae antes vestir-te, levar-te-hei commigo a casa do tio, o velhote ha-de gostar de te vêr...

—E a minha licção de escripta?

—Não tenho agora tempo para isso!

—Se não tivesses dormido até tão tarde... diz a sr.ª Flânauville:

—Minha querida amiga, *Deus nobis hæc otia fecit!*... Anastacio, traduz isto a tua mãe.

—Eu!... pois eu sei o que isso quer dizer?

—Tens rasão, não sabes ainda latim; mas has-de sabel-o, olé!... eu é que t'o hei-de ensinar! Quero mesmo que saibas esta lingua a fundo, que tradusas Virgilio, Ovidio, Tibullo... Tibullo é um pouco livre, mas muito interessante!... Hei-de tambem ensinar-te o italiano para que traduzas o Tasso... delicioso poeta que exprime um grande amor com tanta modestia!

Brama assai, poco spera, nulla chiede !...

Dize a tua mãe o que isto significa.

Anastacio occupa-se n'este momento a metter os dedos no nariz murmurando:

—*Que nós raciocinemos, que vós raciocineis, que elles ou ellas raciocinem.*

—Mas como queres que o pequeno me traduza

italiano? replica a mamã. Dizes sempre que has-de ensinar uma multidão de coisas ao nosso filho, quizeste ser o unico encarregado de o educar, mas, se assim continúa, ficará um estupido e por tua culpa.

—Tenho eu tempo para fazer tudo o que preciso? Minha bôa amiga, este verso italiano quer dizer:

Espero pouco, desejo muito, nada peço,

E' bonito, ein?

—Está ali o alfaiate com a sobrecasaca nova que o senhor mandou fazer, diz a creada.

—Muito bem, não tenho agora tempo de a provar, que a deixe ficar e que venha depois.

A creada sae e a sr.ª Flânanville diz a seu marido:

—Vae-te então acabar de vestir, meu amigo, e cuidado não te esqueças de ir a casa de teu tio.

—Descança, que hei-de ir... Ora, se eu vestisse a sobrecasaca que veio do alfaiate para ir fazer as minhas visitas... não faria mal, aquellas que tenho são velhas e pouco da moda, e uma pessoa bem vestida distingue-se sempre do vulgar... Não desejo conduzir-me como *Chapelain*, e auctor da *Donzella*, que era appellidado por alguns academicos, *o cavalleiro da ordem da Aranha*; preciso contar-te porquê...

—Mas vae-te vestir...

—Saberás que Chapelain tinha um casaco tão velho, tão remendado, que o panno parecia já uma

verdadeira têa de aranha... Diz-se que achando-se um dia em casa do grande Condé, onde havia uma numerosa reunião, uma aranha lhe caíu em cima. Julgou-se que a aranha não podia ser da casa, porque ali tudo apresentava um excessivo acceio; então todas as damas exclamaram em côro que a aranha não podia ter saído senão da cabelleira de Chapelain. Ainda que velho, Chapelain nunca tivera outra. Affirma-se que era tão avarento, não obstante ter quinze mil libras de renda... contava-se então por libras, que limpava as mãos a uma vassoura de junco para poupar as toalhas. A sua mesma avareza lhe causou a morte; quiz antes atravessar a rua cheia d'agua, n'uma occasião que se dirigia á Academia, do que dar um *liard* para passar sobre uma prancha que ali se havia collocado; o frio apoderou-se d'elle e morreu... Presentemente, em lugar de morrer, diz-se *esticar*; isto é, só as pessoas ordinarias é que se servem d'estas expressões... É uma linguagem que não ensinarei ao nosso filho e que expressamente lhe prohibo... Mas vou vestir-me... nunca tenho aqui um minuto de meu!...

Flânanville quer vestir a sobrecasaca nova, mas não o consegue, as mangas ficaram-lhe muito estreitas. Praguеja, manda ao diabo o alfaiate.

—Se a tivesses vestido deante d'elle, tel-a-hia immediatamente arranjado, diz sua mulher.

—Pois se eu não tive tempo nem para lhe pegar.

Finalmente o sr. Flânanville sae com outra so-

brecasaca levando seu filho pela mão. Sua esposa grita-lhe:

—Olha que ás cinco horas deve estar prompto o jantar.

Flânanville responde-lhe:

—Tu bem sabes que sou exacto, excepto quando a torrente de negocios muitas vezes me demora.

Na rua, o sr. Flânanville diz a seu filho:

—Vamos tomar pelos *boulevards*; é talvez um pouco mais longe, mas o caminho é lageado, asphaltado, é muito melhor; anda-se como se se passeasse n'uma sala; ainda espero vêr um dia os *boulevards* esfregados, encerados e com outros melhoramentos.

O pae e o filho põem-se a caminho. Nos *boulevards* páram deante de todas as lojas de estampas, de caricaturas, de quadros e de passaros. No fim de uma hora teem apenas andado dois *boulevards*. A' porta de S. Dionysio, Flânanville diz a seu filho:

—Eis um negocio que não existia no tempo de Henrique IV, que entretanto havia promettido canja de gallinha aos seus vassallos. Lê o que está por cima d'aquella porta.

Anastacio pára, estende os beiços, esbugalha os olhos, dilata as ventas e soletra:

—*Ven... de... se... cal...*

—Realmente estás muito atrazado na leitura...

—É melhor conjugar o verbo...

—Cala-te. Ali está escripto: *Vende-se caldo!*... porque agora para se tomar um caldo, não é preciso ir-se a uma casa de pasto, busca-se uma loja simplesmente guarnecida e lê-se: COMPANHIA HOLLANDEZA, *caldo á tigela e ao litro.* E se se tem uma fraqueza de estomago, entra-se, pede-se um litro de caldo e bebe-se... Queres tu *rufar* um caldo? Quero dizer, tomar, beber; *rufar* é uma d'estas vis palavras de giria que não quero que empregues na conversação, e que no diccionario da gente da plebe significa comer... Vamos tomar um caldo... isto é para a tua instrucção.

O pae e o filho entram n'uma loja pertencente á Companhia hollandeza, sentam-se a uma mesa e o sr. Fiânanville continúa:

—Como vês, pode-se tomar um caldo n'um d'estes estabelecimentos, compral-o e levar-se para casa. Ha pessoas que põem muito menos vezes a panella ao lume depois que se tem a facilidade de se obter caldo sem se ser obrigado a comer a vacca... Para os artistas, para os fabricantes que não teem familia, é muito util esta invenção. Quantas pessoas pobres ha que não comiam habitualmente senão sopa de azeite e que a comem de carne depois que o caldo se vende assim aos litros! Nos locaes onde não ha ainda companhia hollandeza, a classe pobre vae procural-o algumas vezes bastante longe. Recordo-me que me achei um dia n'um omnibus com uma mulher que tinha na mão uma tigela de

caldo que acabava certamente de comprar longe do seu domicilio. Era uma companheira muito desagradavel, que me fazia tremer a cada solavanco do omnibus, e tanto mais que parecia disposta a adormecer encostada ao meu hombro. Então disse a esta mulher:

« — Senhora, quando se conduz caldo dentro de um omnibus, deve-se trazer mais bem resguardado.

« A mulher olha-me rindo e fiquei com uma grande nodoa no casaco.»

A lição paternal é interrompida pela chegada dos caldos, flanqueados por dois pães de cem grammas.

Anastacio pega n'uma tigela, em quanto seu pae lhe diz:

—Que isto te sirva de lição: ha em Pariz homens que se apresentam bem vestidos, com as botas perfeitamente engraxadas, a camisa lavada... pelo menos a parte que se vê... que usam luvas amarellas, bengala de castão de prata e que jantam um caldo de quatro soldos... agora diz-se vinte centimos... no qual molham uma libra de pão... deve dizer-se meio kilo. Quando encontrares na rua um d'estes individuos, que nos olham com ar insolente, que se apresentam com maneiras de leão, de janotas, que não se affastam para nos dar passagem, pensarás vêr alguem importante, algum alto personagem, e nem sequer imaginarás que este senhor que mostra tanta impostura tem jantado um caldo e um pão grande ou pequeno. Desconfio d'es-

tes homens que se fazem ricos, poderosos, arrogantes. Aquelles que a fortuna ou o merito mais tem favorecido, são quasi sempre modestos. É certo que uma pessoa tem a liberdade de jantar simplesmente um caldo, quando não quer outra coisa, ou os seus meios lhe não permittem mais lauta refeição, não é ahi que está o ridiculo. Finalmente a invenção da venda dos caldos é ao mesmo tempo philantropica e economica. Ha pessoas que a teem querido deprimir; para fazer desgostar os consumidores, teem ousado dizer que n'estes estabelecimentos se faz caldo sem carne e sómente com ossos. A isto os vendedores teem respondido da maneira a mais simples e a mais nobre, vendendo por um preço baixo toda a carne que lhes tem servido para fazer caldo. *Solon* e *Seneca* não se teriam conduzido melhor.

Anastacio parece ter gostado do discurso de seu pae e ainda mais do caldo que bebeu; mas, logo que acaba, o sr. Flânanville apodera-se de um jornal, porque o jornal introduz-se por toda a parte, mesmo nas companhias hollandezas. Emquanto elle lê, seu filho, que está aborrecido na loja, onde não sabe o que faça, sae e vae passear para o *boulevard*. É só depois de ter inteiramente concluido o jornal, que é de uma grande dimensão, que o sr. Flânanville nota que seu filho tem desapparecido. Sae e olha para todos os lados. Vae para a direita, não vê Anastacio; retrocede e vae para a esquerda. Finalmente depois de divagar uma hora em todos os sentidos, vê seu filho parado deante de um

theatro de marionetas. Flânanville agarra n'uma orelha de Anastacio, dizendo-lhe:

—E' assim que tu me fazes perder o meu tempo... quando tenho tanto que fazer?

—Como o papá lia o jornal, julguei que não tinha pressa.

—Creio que este velhaquete se atreve já a raciocinar.

—*Eu raciocino... tu raciocinas.. elle ra...*

—Silencio, anda para deante.

IV

O LADRÃO VERDE E AZUL

Depois de ter andado alguns minutos, o sr. Flânanville vê muita gente reunida, com os olhos fixos no terceiro andar de uma casa.

Uns dizem:

— Está!

Outros:

—Não está!

—Receio que não consigam apanhal-o...

—Oh! que pena! Ha um instante um sujeito esteve quasi a agarral-o, porem elle escapou-se.

O sr. Flânanville, que se tem aproximado dos curiosos, ouve o que se diz, e quando seu filho lhe pergunta o que succedeu, *responde*-lhe:

—Parece que é um ladrão que fugiu, e que tratam de apanhar...

—Oh! um ladrão! como é um ladrão, papá?

—E' como qualquer outra pessoa... E' verdade que *Lavatêr* affirma que elles teem alguma coisa nos olhos... mais dilatado... Quando tiver tempo eu te explicarei *Lavater*. Agora vamos informar-nos... Mil perdões, minha senhora, mas aquelle que se busca tem o ar muito feroz?

A mulher a quem o sr. Flânanville dirige esta pergunta, usa um immenso chapeu de palha que podia muito bem sendo necessario servir de telheiro, e tem no braço um cabaz velho d'onde saem dois rabos de pescada. Tira do cabaz um lenço encarnado já velho cheio de tabaco, e *responde*:

—Oh! qual feroz!... pelo contrario... é até muito lindo!

—Ah! é lindo!... e é rapaz?

—Não sei a edade que tem, mas é todo verde e azul.

—O papá não me tinha dito que os ladrões eram verdes e azues, exclama Anastacio.

—E' verdade, mas é que nem eu mesmo o sabia. Provavelmente é alguma nova moda... vêem-se no mundo coisas tão singulares! Por exemplo, as mulheres do Japão douram os dentes, as da India pintam-nos de encarnado; os dentes mais negros são os mais estimados no Guzuratie e n'algumas partes da America; na Groelandia, as mulheres pintam o rosto de azul e de amarello; uma moscovita julgar-se-hia feia se não usasse as faces cheias de rebique; na China os pés das mulheres não agradam se não são pequenos como os das cabras; na

antiga Persia o nariz aquilino era julgado digno da realesa; em certos paizes as mães esmagam o nariz a seus filhos; os turcos e os inglezes gostam dos cabellos ruivos; tem-se usado pós no cabello a ponto de o tornar inteiramente branco; portanto não sei porque os ladrões não adoptariam um vestuario verde e azul... isto parece-me logico.

O sr. Flânanville olha para a mulher, que tem tornado a pôr o lenço sobre as pescadas, e continúa:

—Foi chamada a policia?

—A policia! para quê?

—Para o prender.

—Ah! elle zomba da policia.

—Por onde fugiu então?

—Por aquella janella do terceiro andar.

—Oh! que audacia!

—Voou depois para o quarto andar e para as aguas furtadas.

—Com effeito.

—Agora já se não vê.

O sr. Flânanville olha para o ar, seu filho faz outro tanto; não se querem affastar sem vêr prender o ladrão verde e azul.

Algum tempo depois ouve-se dizer:

—Está n'aquella arvore!

E no mesmo instante um gaiato sobe á arvore, dizendo:

—Eu o vou apanhar.

—Eis um rapaz que se expõe bastante, diz o sr. Flânanville a seu filho; pratica um rasgo de cora-

gem que o honra immenso... Sirva-te isto de exemplo, Anastacio!

Bem depressa o gaiato desce da arvore exclamando:

—Eil-o aqui!

Effectivamente tinha na mão um bonito papagaio verde e azul.

— Como! exclama o sr. Flânanville; tratava-se de um papagaio!... Não esteve mau o equivoco. Retiremo-nos, Anastacio... Ah! eis Dupont... bom dia, Dupont. Tua mulher, tua filha e os teus cães como passam? Estás magro... acho-te os olhos encovados... estás doente, Dupont?

V

O sujeito ao qual Flânanville se tem dirigido tenta dizer algumas palavras.

—Tu não appareces... Contava que me arranjasses uma recommendação para um chefe de secretaria teu conhecido...

—Mas, meu caro, tenho eu tempo para fazer visitas!... Pergunta a Anastacio se tenho um momento de meu durante o dia... tenho tantos negocios!...

E o sr. Flânanville conversa durante tres quartos de hora com o seu amigo Dupont. E' este que o deixa, sem o que elle conversaria ainda.

O pae o o filho continuam a caminhar.

De repente o sr. Flânanville pára, olha para o ar e exclama:

—Fogo! fogo! ha fogo n'aquella casa!... na que fica por detraz d'esta primeira... Oh! até sinto já o cheiro do fumo!... E' um fogo de chaminé, mas estes são ás vezes os mais perigosos. Fica aqui, Anastacio, emquanto vou chamar os bombeiros.

O sr. Flânanville deixa seu filho no meio da rua, corre a informar-se onde é o posto de bombeiros o mais proximo, e apressa-se a ir requerer o seu auxilio. Bem depressa volta com todos os bombeiros da esquadra, que trazem comsigo as bombas, porque se lhes tem dito que o fogo era violento. Batem á porta da casa que Flânanville indica, e este diz ao porteiro:

—Em que casa é o fogo?

—Qual fogo?

—O que se vê da rua, o fumo sae detraz d'este predio.

—E a chaminé da fabrica de porcelana, todos os dias assim acontece, não ha fogo algum.

O sr. Flânanville morde os labios.

Os bombeiros olham-no zangados, elle escapa-se e procura Anastacio.

Só no fim de uma hora consegue descubrir seu filho n'uma loja de pastelleiro. Paga os bolos que elle comia para passar o tempo e sae da loja dizendo:

—Temo-nos demorado immenso, vamos chegar tarde ao *boulevard* de S. Germano... Se passasse um *cabriolet*... oh! ahi vem um! Olá, cocheiro... Sim, espere...

VI

O sr Flânanville e seu filho sobem para o *cabriolet*. Anastacio está muito contente de ir de carruagem, e seu pae dispõe-se a contar-lhe a origem dos *cabriolets*, quando de repente se interrompe para dizer ao cocheiro:

—Não vá por ahi, é mais longe; vá por esta rua.

—Mas, senhor, por esta rua ha quasi sempre embaraços de carruagens, e algumas vezes é a gente obrigada a esperar muito tempo.

—Não tem duvida, é por minha conta.

O cocheiro cede aos desejos do sr. Flânanville; mas, assim como previra, chegando deante da egreja de St.º Eustachio, é obrigado a parar atraz de um *fiacre*, que tem na frente um carro, que parou por causa de uma *citadine*, que está enleada com uma carroça carregada de pedras que se tem voltado, de maneira que toda a rua se acha embaraçada. O cocheiro que conduz o sr. Flânanville roga immensas pragas, exclamando:

—Então, que lhe tinha eu dito? Isto aqui está sempre assim.

—Oh! a demora não ha-de ser grande, diz o sr. Flânanville.

Decorrem cinco minutos. Em vez de se desembaraçar a *citadine* parece ainda mais enleada com a carroça, e algumas carruagens que teem querido avançar augmentam ainda mais o embaraço dimi-

nuindo o espaço necessario para se poder desprender a *citadine*.

O cocheiro continúa a praguejar. O sr. Flânanville diz-lhe:

—Emfim, é melhor voltar e tomar por outra rua.

—Ah! agora já quer voltar! murmura o cocheiro, com uma ladainha de diabos!... estamos bloqueados por mais de vinte carruagens! nem á noite saimos d'aqui...

O sr. Flânanville olha para fóra do *cabriolet*.

A rua está inteiramente cheia de carruagens, de homens carregados de moveis, de liteiras, emfim de gente a pé e a cavallo, que espera que a passagem esteja livre, e a cada minuto o tumulto augmenta, porque n'este bairro populoso e muito frequentado, os curiosos, os basbaques e os ociosos vem augmentar ainda o ajuntamento.

Bem depressa os cocheiros impacientam-se, os carreiros encolerisam-se, os conductores de liteiras praguejam, todos gritam e ouvem-se estas phrases:

—Então, cocheiro, sae ou não sae d'ahi?

—Já se vê que hei-de sair...

—Então porque espera?

—Adens, não me dê conversa.

—Se ladeasse um pouco á esquerda fazendo recuar o aguadeiro, poder-se-hia passar.

—Irra! não me pise.

—Não tenho olhos nos pés.

—Vamos aqui ficar esmagados!

—Não ha perigo... Passe, passe, mãesinha.

—Se esta mulher passa, tambem eu posso passar.

—Ah! ah! ah!

—Com effeito, sempre ha gente bem vil, bem grosseira.

—Fóra tolo! fóra asno!...

N'este momento o barulho é tanto que Anastacio tem medo e põe-se a chorar dizendo:

—Vamos, papá, vamos para casa.

—Tens rasão, filho... Demais não posso vèr bater assim nos pobres cavallos!... Ahi tem vinte soldos, cocheiro, nós vamos a pé.

E o sr. Flânanville desce do *cabriolet* com seu filho, sem attender as observações do cocheiro, que affirma dever receber maior quantia.

Depois de ter estado dez vezes para ser esmagado, Flânanville consegue sair da rua; mas caminha ao acaso, não sabe para onde vae, toda esta scena o tem impressionado.

Finalmente, sem saber como, o pae e o filho acham-se deante das Tulherias. O sr. Flânanville e Anastacio atravessam o jardim, mas então o papá quer divertir seu filho com a vista dos peixes encarnados que ha no lago.

E' só depois de ter ouvido dar cinco horas no relogio do castello que o sr. Flânanville exclama:

—Cinco horas!... ora esta!... Não é possivel!... E o jantar que devia estar prompto ás cinco horas... Voltemos depressa para casa... precisamos mesmo mettermo-nos n'um trem para não termos muita demora.

O sr. Flânanville deixa com pezar os peixes en-

carnados; d'esta vez quer alugar um *milord*, mas não o encontrando em tres estações acaba por alugar um *cabriolet*. Quando chega a casa teem dado seis horas. O jantar tem sido aquentado muitas vezes, e a senhora mostra-se de mau humor.

—Pelo menos, diz ella, julgo que não deixarias de fazer todas as tuas visitas, e que não te esquecerias de teu tio.

—Ó' filha, isso foi-me impossivel, responde o sr. Flânanville.

—Não foste a casa de teu tio?

—Nem a parte alguma. Pergunta a teu filho se tive tempo, se tive um momento de meu em todo o dia. Fui até obrigado a alugar uma sege para voltar mais depressa.

—E' verdade! diz Anastacio. Olhe, mamã, *rufei* um caldo e seis soldos de bolos, agora não tenho vontade de comer.

A sr.ª Flânanville olha para seu filho com ar admirado e diz ao marido:

—Ah! que horror! Que ouço, grande Deus!... E' esta a educação que dás a teu filho?

—Eu prohibi-lhe que dissesse *rufar*.

—Mas se tu preferes deante d'elle semelhantes palavras...

—Minha querida amiga, quando se anda tão occupado como eu ando, nem sempre se repara no que se diz. Mas tranquilliza-te... eu me encarrego da educação de Anastacio... é preciso unicamente que tenha um pouco de tempo de meu.

FIM

INDICE

		Pag.
I	— Na escada	5
II	— A escolha de um nome	11
III	— O sr. Museo	13
IV	— Educação de Theophilo	21
V	— O excesso é um defeito em tudo	27
VI	— No theatro	33
VII	— O tabaco e os cães	42
VIII	— Uma amante	47
IX	— A sr.ª Potiche	55
X	— Um camarote	63
XI	— Uma tentação	70
XII	— A' procura de uma mulher	76
XIII	— Uma reunião em casa de Badinet	88
XIV	— Theophilo casa se	100
XV	— Tribulações de um marido	104
XVI	— Desejos de uma mulher grávida	111
XVII	— Uma mulher ciosa	121
XVIII	— Um pae e seus filhos	133
XIX	— As creadas	147
XX	— Maria	155
XXI	— O mais cruel dos tyrannos	165
XXII	— Conclusão	173

Os banhos 184

O dia de um homem que lhe falta o tempo

		Pag.
I	. . . . .	199
II	. . . . .	203
III	. . . . .	210
IV	— O ladrão verde e azul . . .	214
V	. . . . .	217
VI	. . . . .	219

Collocação das estampas

	Pag.
Theophilo entra na cosinha.....	3
E' ao sr. X... que tenho a honra de fallar?..	198